UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

VITOR HUGO HAIDAR DA SILVA

Gaviões da Fiel: cultura de Arquibancada contra o futebol moderno

CAMPINAS,
2018

VITOR HUGO HAIDAR DA SILVA

GAVIÕES DA FIEL: CULTURA DE ARQUIBANCADA CONTRA O FUTEBOL MODERNO

Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestre em Linguística Aplicada na área de Linguagem e Sociedade.

Orientador (a): Profa. Dra. Daniela Palma

Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pelo aluno Vitor Hugo Haidar da Silva e orientada pela Profa. Dra. Daniela Palma

CAMPINAS
2018

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Dionary Crispim de Araújo - CRB 8/7171

Si38g

Haidar da Silva, Vitor Hugo, 1985-
Gaviões da Fiel : a cultura de arquibancada contra o futebol moderno globalizado / Vitor Hugo Haidar da Silva. – Campinas, SP : [s.n.], 2018.

Orientador: Daniela Palma.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Linguagem. 2. Futebol - Brasil. 3. Futebol - Torcedores - Brasil. 4. Cultura. 5. Globalização. I. Palma, Daniela. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Gaviões da Fiel : fan's culture against the modern football
Palavras-chave em inglês:
Language
Soccer - Brazil
Soccer fans - Brazil
Culture
Globalization
Área de concentração: Linguagem e Sociedade
Titulação: Mestre em Linguística Aplicada
Banca examinadora:
Daniela Palma [Orientador]
Maria Viviane Veras do Amaral
Daniel do Nascimento e Silva
Data de defesa: 27-08-2018
Programa de Pós-Graduação: Linguística Aplicada

BANCA EXAMINADORA:

Daniela Palma

Maria Viviane do Amaral Veras

Daniel do Nascimento e Silva

IEL/UNICAMP
2018

Ata da defesa, com as respectivas assinaturas dos membros da banca, encontra-se no SIGA - Sistema de Gestão Acadêmica.

"É raro o torcedor que diz: 'Meu time joga hoje'. Sempre diz: 'Nós jogamos hoje'. Este jogador número doze sabe muito bem que é quem sopra os ventos de fervor que empurram a bola quando ela dorme, do mesmo jeito que os outros onze jogadores sabem que jogar sem torcida é como dançar sem música"

EDUARDO GALEANO

Dedico esta pesquisa a Flavio La Selva, fundador e sócio n. 1 dos Gaviões da Fiel Torcida, em prol do grande Corinthians. Sua capacidade inventiva produziu uma forma de organização subalterna, paradigmática, e ainda hoje, capaz de produzir centelhas de esperança no devir.

Dedico a meu pai, *seu* Valmir, que me levava aos jogos no Pacaembu em tardes de sábado, no seu velho Chevette marrom. Foi lá e ao lado dele que aprendi a ver a arquibancada, tanto quanto o jogo no campo.

A minha companheira Tati, palmeirense, das poucas a acreditar nas loucuras de um corintiano do ABC Paulista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a prof. Dra. Daniela Palma, pelos anos de paciência e ensinamentos. Se cheguei até aqui, carregado de lacunas e limitações teóricas, sairei ao menos mais capaz de compreender o outro, não apenas como conceito, mas na experiência bruta da vida. Meus mais sinceros agradecimentos.

Agradeço ao Instituto de Estudos da Linguagem e a CAPES, pela atribuição de bolsa ao longo desta pesquisa.

Agradeço ao prof. Dr. Bernardo Buarque de Holanda, professor da Fundação Getúlio Vargas e estudioso do futebol. Suas considerações no processo de qualificação da pesquisa foram fundamentais para a organização final do trabalho.

Agradeço especialmente aos membros dos Gaviões da Fiel Torcida, Chico Malfitani, Wildner Rocha, Pulguinha e Jerry Xavelier. Sem vocês não haveria pesquisa. A todos os demais membros dos Gaviões da Fiel com quem interagi neste tempo.

RESUMO

O objetivo desta dissertação é apresentar a partir de um contexto de conflitos entre esferas culturais, a maneira como os torcedores organizados do Grêmio Gaviões da Fiel, principal torcida do S.C. Corinthians Paulista, performatizam sua identidade. Neste sentido, partimos da ideia de que o futebol é palco privilegiado de confronto entre comunidades de sentimentos que se rivalizam (DAMO, 2014). Por meio de um procedimento híbrido de pesquisa, envolvendo a etnografia (MAGNANI, 2002) e as teorias culturais nascidas da crítica à linguística cultural, os capítulos desta dissertação procuram revelar a maneira como as identidades são por elas compreendidas. As identidades operam, nestas teorias, em sua forma desconstruída, isto é, "sob rasura" (DERRIDA in HALL, 2000). Delas emergem a noção de representação como performances de linguagem. As identidades se constroem nestas representações, sendo consideradas, portanto contingenciais, heterogêneas e constantemente em processo de readequação. Desta maneira, as identidades interessam porque revelam a maneira como o processo de globalização, mais amplo, afeta as culturas locais, imprimindo sentidos que procuram constranger, limitar ou excluir determinadas práticas em detrimento de um processo de uniformização da experiência torcedora no "futebol-espetáculo" (DAMO, 2014). Os torcedores reagem a este processo de padronização mobilizando um repertório linguístico que revela uma defesa de um tipo de cultura específica, qual seja, "a cultura de arquibancada". Como estas formas se constroem no "terreno semovente da linguagem" (MOITA LOPES, 2006) são elas vistas como atos de linguagem ou enunciados, em uma tentativa de articular, os conceitos de dois teóricos da linguística para dar conta de explicar os dados coletados na pesquisa, a noção de "performativos" de Austin, à luz das reflexões de Judith Butler, e a noção de gêneros do discurso, de Bakhtin. Ao apresentar situações coletadas no percurso de pesquisa, ao lado de entrevistas e reflexões acadêmicas sobre o futebol, pretende-se revelar as formas híbridas e criativas de agenciamento dos torcedores organizados de futebol, combatendo os estereótipos de que são eles tão somente violentos, marginais e alheios à realidade social.

Palavras-chave: Globalização, Cultura, Linguagem, Identidade, Futebol, Torcidas Organizadas.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to present, from a context of conflicts between cultural spheres, the way in which the organized fans of Grêmio Gaviões da Fiel, main supporter of S.C. Corinthians Paulista, represent their identities. In this sense, we start from the idea that football is the privileged stage of confrontation between competing feelings (DAMO, 2014). Through a hybrid research procedure involving ethnography (MAGNI, 2002) and cultural theories born of criticism of traditional linguistics, the chapters of this dissertation seek to reveal the way in which identities are understood by them. Identities operate in these theories in their deconstructed form, that is, under "shaving" (DERRIDA in HALL, 2000). From them emerge the notion of representation as performances of language. Identities are constructed in these representations, being considered, therefore, contingent, heterogeneous and constantly in the process of readjustment. In this way, identities are interesting because they reveal how the broader globalization process affects local cultures, imparting meanings that seek to constrain, limit or exclude certain practices to the detriment of a process of uniformization of the fanciful experience in "football-spectacle "(DAMO, 2014). The fans react to this process of standardization mobilizing a linguistic repertoire that reveals a defense of a specific type of culture, that is, the culture of bleachers. As these forms are built on the "semovente terrain of language" (MOITA LOPES, 2006) they are seen as acts of language or statements, in an attempt to articulate the concepts of two linguistic theorists to account for explaining the data collected in the research, Austin's notion of "performatives" in the light of Judith Butler's reflections, and Bakhtin's notion of genres of discourse. In presenting situations collected in the course of research, along with interviews and academic reflections on football, the aim is to reveal the hybrid and creative forms of agency of the organized football fans, combating the stereotypes of which they are only violent, marginal and unrelated to social reality.

Keywords: Globalization, Culture, Language, Identity, Football, Organized football fans

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12

1.1 Gaviões da Fiel e o "futebol moderno" 12

1.2 Organização e estrutura da dissertação 18

1.3 Problemas e questões de pesquisa 19

1.4 Identidade, linguagem e etnografia 23

1.5 Etnografia e Linguagem 30

1.6 Futebol moderno: globalização e cultura 35

1.7 Gaviões da Fiel: cultura de arquibancada 39

2 O GAVIÕES: A QUADRA NO BOM RETIRO... 41

2.1 A sede como signo 44

2.1.1 Inscrições e ato linguístico 47

2.2 Violência no futebol: banalidade e encenação 50

2.3 Considerações sobre violência e futebol 52

2.3.1 A violência banalizada 56

2.3.2 A violência encenada 60

2.4 O lugar da diferença 61

3 O MUNDO DA RUA 65

3.1 Cidades e desigualdade 66

3.2 Rua como suporte e símbolo 68

3.3 Itaquera 69

3.4 Bom Retiro 73

3.4.1 Circuitos da paixão corintiana 75

3.5 As ruas: palco de manifestação 82

3.6 O circuito da violência 88

4 VOU DE ARQUIBANCADA: AGENCIAMENTO E CONSUMO 90

4.1 A Arena Corinthians 92

4.2 Arquitetura da Arena Corinthians 95

4.3 O futebol hipermídia: TV e Redes Sociais 97

4.4 Cânticos, faixas e corpos 99

4..4.1 Cânticos **102**

4.4.2 Faixas **107**

4.4.3 Corpos **110**

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS **113**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **121**

1 INTRODUÇÃO

1.1 Gaviões da Fiel e o *futebol moderno:*

25 de Janeiro de 2016. Feriado na cidade de São Paulo. Como em todos os anos, o estádio do Pacaembu recebia uma massa de torcedores para assistir a partida final do principal campeonato de juniores do país. Esta partida, tradicional no calendário do futebol brasileiro, é a principal vitrine pela qual se apresentam os futuros jovens talentos deste esporte. É também, para os torcedores das equipes mais tradicionais do país, quando chegam à decisão, momento de se reencontrar com o jogo, após o período de férias do futebol profissional, que comumente acontece entre dezembro e janeiro. Quando equipes paulistas chegam a essa decisão, é comum que a final se torne um atrativo de massas, reunindo milhares de torcedores no estádio, ao mesmo tempo sendo transmitida ao vivo pela maior emissora de TV brasileira, a Rede Globo.

Nesse dia, o jogo entre Corinthians e Flamengo reunia as duas maiores torcidas de futebol do país, o que implicava em maior interesse na cobertura do jogo. Apesar do horário pouco habitual para uma partida desta importância – 11 horas da manhã, o calor do verão paulistano, ao meio-dia, não impedia um jogo disputado entre os jovens em campo, nem mesmo a manifestação efusiva de ambos os grupos de torcedores. Embora em minoria, a torcida do Flamengo ocupava o espaço do Tobogã, atrás de um dos gols do estádio municipal, cerca de nove mil torcedores de um total de trinta mil[1], feito considerável para um clube de outro estado, o que tornava os elementos simbólicos ainda mais intensos.

Após abrir dois gols de vantagem, a equipe corintiana cedeu o empate aos flamenguistas e tudo apontava para uma decisão por penalidades. Faltando cinco minutos para o fim do jogo, o árbitro da partida o interrompe devido a uma manifestação da torcida do Corinthians: sinalizadores luminosos e de fumaça são acesos no espaço destinado a maior torcida organizada do clube e a maior do Brasil[2], os Gaviões da Fiel Torcida.

Com o jogo interrompido, a fumaça aos poucos dificulta as imagens que estão sendo reproduzidas por todo o Brasil. O jogo deixa de ser o espetáculo e a filmagem televisiva muda o foco do gramado para a arquibancada. Os aspectos visuais produzidos pela ação dos torcedores, os impele a entoar ainda mais alto do que antes os seus cânticos: *Eu sou, Corinthians... Eu nunca vou te abandonar, porque te amo.*

---

[1] Informações sobre o público extraídas em: http://globoesporte.globo.com/futebol/jogo/25-01-2016/corinthians-flamengo/

[2] As informações são de consenso entre organizados e pesquisadores de torcidas organizadas como Holanda (2015) e Toledo (2013).

O narrador escalado para a partida, Cléber Machado, inicialmente não parece se abalar com as fumaças e sentencia:

- *"O torcedor do Corinthians ainda tenta dar uma agitada, uma empurrada, pra ver se o time pega de novo".*

A voz de um repórter surge constatando o óbvio:

- *"O jogo está parado, sinalizador"*, sobreposto pela voz de Cléber Machado:

- *"Sinalizador, né(...) a torcida tenta incentivar e acaba cometendo o que pelas orientações não é permitido. Não se pode usar sinalizador dentro de campo, aliás, nós já temos histórias e mais histórias, das mais dramática, as mais complicadas com sinalizador".*

O comentarista de arbitragem afirma que o árbitro da partida está correto em sua atitude:

-*"É, e o árbitro tem que parar o jogo mesmo, fazer contato com o delegado da partida, fazer contato com o chefe do policiamento, só retornar, só dar reinício ao jogo no momento em que forem apagados todos os sinalizadores".*

Os comentários se sucedem em tom crítico aos torcedores, acompanhado pelas imagens abertas e fechadas destes agentes da interrupção. Um dos comentaristas diz que o espetáculo só serve *"para os jogadores descansarem, por conta do sol"* e completa, *"não tá bonito, não tá nada, não serve pra nada".* Cléber Machado, após dois minutos de interrupção, encerra o episódio:

- *"É, sei lá, eu... [inaudível]... protagonismo desnecessário".*

O jogo termina com a vitória e o título flamenguista definido nos pênaltis. Não há registro de atos de violência ao fim da disputa.

Após este episódio, os Gaviões da Fiel foram proibidos de frequentarem as arquibancadas em São Paulo utilizando-se de seus símbolos, faixas e instrumentos musicais. Algumas semanas depois, em jogo válido pelo Campeonato Paulista de futebol profissional, o Corinthians enfrentaria o Capivariano, no setor destinado aos Gaviões da Fiel na Arena Corinthians, em Itaquera, são erguidas faixas com os seguintes dizeres: *"Rede Globo, o Corinthians não é o seu quintal"* e *"Cadê a$ conta$ do e$stádio"*. O jogo não era transmitido ao vivo pela TV aberta e neste dia, com a exceção do setor destinado às torcidas organizadas, setor Norte da Arena Corinthians, o estádio encontrava-se vazio.

A Tropa de Choque da Polícia Militar, grupamento policial responsável pelo policiamento em estádios de futebol no estado de São Paulo, não apenas obrigou os torcedores a guardarem as faixas, seguindo alegadas ordens da diretoria do clube e da Federação Paulista

de Futebol, como deflagrou um princípio de embate físico com os organizados. A repressão policial se justificaria em um dos artigos do Estatuto do Torcedor, que proíbe a manifestação de bandeiras ou símbolos ofensivos, bem como palavras de ordem nos eventos esportivos no Brasil.

No jogo seguinte contra o São Paulo, clássico televisionado ao vivo pela TV aberta, novamente as faixas foram levantadas pelos torcedores. Agora, além das duas anteriormente exibidas, quatro novas faixas surgiam no setor dos Gaviões da Fiel: *"Futebol: refém da Rede Globo", "CBF, FPF, a vergonha do futebol", "Ingresso mais barato"* e a surpreendente *"Quem vai punir o ladrão de merenda?"*.

A última destas faixas fazia menção às acusações do Ministério Público a respeito do desvio de verbas da merenda escolar, no estado de São Paulo. Tais acusações envolviam a figura do deputado estadual Fernando Capez, à época presidente da Assembleia paulista, e protagonista das investigações sobre a violência de torcedores de futebol em São Paulo, durante a década de noventa. Considerado inimigo das torcidas organizadas, o ex-promotor de justiça era nomeado pelos torcedores como *Ladrão de Merenda*.

Durante o primeiro semestre de 2016, episódios como esses se desdobraram em outros, extrapolando o universo das arquibancadas de futebol. Proibidos de frequentar os estádios de futebol, os Gaviões ocuparam as ruas da cidade e se dirigiram aos centros de poder. Realizaram uma manifestação em frente à sede da FPF, em que cobraram difusamente as autoridades do futebol. Reivindicaram menor valor nos ingressos, horários de jogos mais acessíveis ao trabalhador comum, maior transparência nas relações comerciais do jogo. Em frente à Assembleia Legislativa de São Paulo, reivindicaram a abertura de uma CPI que investigasse os desvios de verba referentes à merenda escolar, demanda que extrapola ao futebol. No Vale do Anhangabaú, realizaram uma manifestação com mais de cinco mil membros denunciando a perseguição que passaram a sofrer desde que passaram a realizar as críticas publicamente. Todas estas ações revelavam um tipo de engajamento sui generis, em que, por um lado, se defende interesses estritamente ligados a adesão a um clube de futebol e, por outro, demandas que extrapolam este universo exclusivamente.

Um episódio, no entanto, se destaca entre estes, como revelador do nível de tensões nos bastidores do futebol de espetáculo. Após uma reunião no Fórum da Barra Funda, o presidente da torcida corintiana, Diguinho, fora espancado por sujeitos não identificados. Nenhuma das torcidas rivais aos Gaviões da Fiel assumiria o atentado, considerando-o estranho às torcidas organizadas e seus hábitos. Em depoimento na CPI das Torcidas, na Câmara Municipal de São Paulo, Diguinho dizia que aquilo não "*era coisa de briga de*

torcida[3]*"*. As investigações, no entanto, apontaram um torcedor palmeirense como responsável pelo crime, em uma sexta-feira anterior a um clássico entre Corinthians e Palmeiras.

No domingo, segundo os torcedores, a polícia afrouxou a segurança e inúmeros embates antes e após as partidas foram relatados pela imprensa. Em todos os casos, os culpados de sempre, os torcedores organizados. Tais episódios proibiram as torcidas organizadas e os clássicos passaram a ser disputados com torcidas únicas. Os Gaviões da Fiel, naquela semana, foram alvo de uma ação do poder público, envolvendo o então Secretário de Segurança estadual, sua sede foi fechada, sua documentação apreendida e foram acusados de portar facas que seriam utilizadas com fins de confronto.

Quando o projeto desta pesquisa fora em aprovado em fins de 2015, no programa de Pós-Graduação de Linguística Aplicada, no IEL-Unicamp, esses eventos não eram previstos. Primeiramente, tinha a intenção de discutir a maneira como as imagens do fotojornalismo contribuem para construir certa imagem dos torcedores organizados de futebol, como vândalos ou agentes da violência, em especial os membros dos Gaviões da Fiel Torcida, grupamento fundado em 1969 e atualmente uma das torcidas organizadas mais reconhecidas no Brasil. Minha intenção era confrontar os torcedores com essas imagens, questionando assim seus sentidos e chamando atenção para a forma como construíam este sentido. Acreditando na imagem como não transparente, procuraria salientar as diferenças e percepções entre o discurso midiático e o discurso dos torcedores.

No entanto, meus primeiros contatos com os torcedores apontaram outro leque de possibilidades que me deixou paralisado inicialmente. Em meio aos conflitos travados nas diferentes arenas da sociedade, tais torcedores se tornavam inacessíveis para a minha proposta. Tais acontecimentos os colocavam no dentro de uma discussão mais ampla a cerca do futebol atual e das relações de poder que os costuram. Além disso, como percebem a imprensa esportiva como um algoz, inicialmente, instalou-se certa tensão entre o diretor que me recebia e a minha posição de pesquisador: seu medo era que eu fizesse com eles, o mesmo que os jornalistas fazem, rotulá-los e sentenciá-los como vândalos e violentos.

A partir de então me propus a vivenciar o campo, coletar dados, participar de espaços onde os Gaviões estivessem inseridos. Comecei a dar maior importância para aquele modo de atuação política tão particular, que acompanho desde os primeiros anos como torcedor de futebol. A pesquisa foi se construindo nos interstícios e inconscientemente, outras questões

[3] Parte do depoimento se encontra registrado em video divulgado em: https://www.youtube.com/watch?v=z9x1tBM63ew. Último acesso em: 18/06/2018.

foram surgindo e se adensando, de tal maneira que os eventos daquele momento passaram a ser a própria pesquisa. Minhas atenções se voltaram para o político, entendido como elemento identitário, muito mais que pelo confronto verbo-visual.

Percebi, sobretudo após a qualificação desta pesquisa, que o *problema de pesquisa* sempre estivera latente, no entanto havia uma dificuldade em torná-lo manifesto. Desta maneira, o que parecia uma pesquisa sobre o universo do futebol e das torcidas organizadas, se tornou uma pesquisa sobre a maneira pela qual os torcedores organizados se manifestam. Em palavras mais claras, do ponto de vista acadêmico, a maneira pela qual os Gaviões da Fiel Torcida se agenciam.

A grande questão tem de ser reconhecida em fluxo, porque os eventos que se desenrolam em 2016 não são fortuitos ou ocasionais, mas fruto de um processo mais complexo de transformação do futebol brasileiro. Como apontam os teóricos culturais, sobretudo Babha (2008), Spivak (2003), Butler (1997), Silva (2000), Hall (2000), dentre outros que interpretam a pós-modernidade pela perspectiva do cultural e do político, os agenciamentos se tornam mais intensos em momentos de crise, desta maneira, as identidades seriam organizadas não em função de uma essência do passado, verdadeiro e puro, mas como estratégia de resistência frente aos problemas contemporâneos. Desta forma, o que se destacava em grande medida, era (é) a crise que afeta as formas tradicionais de torcer nos estádios de futebol, tentando enquadrar os torcedores dentro de normas e condutas estranhas a eles. O denominado pelos torcedores organizados de futebol como *futebol moderno.*

Poderia numa experiência discutir todos os sentidos relacionados a moderno, que podem ser mobilizados por estes torcedores. Mas correria o risco de tornar esta dissertação ainda mais especulativa. Por *futebol moderno* procurarei entender a maneira específica pela qual a globalização, como processo, se manifesta no futebol. Os antigos *estádios* são substituídos pelas *modernas arenas padrão Fifa*, os ingressos se tornam mais caros e os lugares na arena previamente escolhidos, o público é induzido pela própria estrutura delas a permanecer sentado durante o jogo, o sistema de áudio se sobrepõe a qualquer manifestação massiva da torcida, dentre inúmeros outros aspectos modificadores das práticas e normas de torcer, até então existentes. Aliado a isso, o futebol se torna uma mercadoria total, atraindo relações comerciais dos mais variados tipos e movimentando cifras bilionárias. A transmissão televisiva se torna não apenas o elemento mediador de descrição da realidade, mas assume explicitamente seu papel de agente da realidade, de tal maneira que toma parte e se envolve diretamente nas decisões extra e intra campo. Nos termos dos principais estudiosos do futebol

brasileiro contemporâneo, o futebol se converte em espetáculo, em suma, em "futebol-espetáculo" (DAMO. 2014).

Desde meus primeiros encontros, este conjunto de mudanças são temas de minhas conversas com os torcedores dos Gaviões. Para eles o *povão* tem sido excluído do novo estádio, frequentado por um perfil nitidamente mais elitizado. Tais apontamentos previsíveis por aqueles que discutiam as mudanças na arquitetura dos estádios para a Copa do Mundo, começa a se tornar mais nítido e se transformar em alvo político do grupo.

Em pesquisa recente divulgada pelo próprio Corinthians, revelava-se que a maior parte do público que frequenta a Arena Corinthians ocupa as faixas médias e altas da sociedade. Menos de dez por cento dos torcedores poderiam ser enquadrados naquilo que se chama de *povão*. Os espaços outrora destinados às camadas baixas da sociedade foram, nas novas arquiteturas, diminuídos ostensivamente por conta deste processo.

É este o pano de fundo desta pesquisa, isto é, o contexto mais amplo que disparou grande parte das reflexões que se seguem. Parte das tensões e das fronteiras nas quais os torcedores disputam o poder se sintetizam no episódio das faixas, revelando em sua interlocução quem são os inimigos para os Gaviões da Fiel: dirigentes esportivos (CBF), a Rede Globo (setores comerciais e midiáticos interessados no futebol), Fernando Capez (simbolizando os agentes públicos). Todos estes atores que de alguma forma tomam parte no futebol são representantes do poder, embora com interesses diversos e específicos, invocados e resumidos na expressão torcedora *sistema*. A luta dos Gaviões da Fiel contra este *sistema* pode ser vista como uma das muitas formas de manifestação das lutas identitárias por reconhecimento em um mundo globalizado.

Desta forma, a tentativa de protagonizar o espetáculo futebolístico não apenas é uma forma de aparecer, como sugere a fala de Cléber Machado, jornalista da Rede Globo, mas sim uma maneira de colocar em primeiro plano outros interesses, representados pela mobilização de um repertório identitário construído ao longo de quase meio século, nas arquibancadas de futebol pelo Brasil. Evoco para isso o termo utilizado pelos próprios torcedores pela expressão *cultura de arquibancada*, um tipo de cultura específica e particular, hegemonizada pelos grupamentos organizados que parece estar em crise ou em cheque pelos agentes dirigentes do futebol.

Em grande medida, tanto o discurso acadêmico, quanto o jornalístico, que assumem para si o papel de intérpretes da realidade, costumam discutir à distância o processo de modernização do futebol. Para compreender, no entanto, os efeitos produzidos nos torcedores, ou seja, na parcela ativa dos adeptos de um clube de futebol, que o consome in loco, nos

estádios, é preciso vivenciar os acontecimentos a partir das arquibancadas. Ali, contexto imediato de ação destes sujeitos, é que as tensões se materializam em linguagem e são capazes de explicitar as relações de poder que permeiam a esfera do futebol-espetáculo.

É neste sentido, que ao longo desta pesquisa, procurei acompanhar e dialogar com os torcedores organizados de futebol, procurando produzir espaços de escuta, nos quais pudessem falar em seus termos e produzir suas interpretações acerca do processo. Como se trata de um universo cultural particular, sem compreender este universo internamente, corre-se o risco de produzir interpretações estereotipadas e simplificadoras acerca destas organizações. Em grande parte, discursos externos aos torcedores, reduzem-nos a personagens *violentos*, *incontroláveis, vagabundos* e *marginais*.

De fato, é preciso reconhecer a dimensão da violência que os envolve, mas é preciso olhar para outro sentido que a violência assume entre eles. Se por um lado são interpelados como marginais e violentos, tais torcedores utilizam-se destes rótulos como elementos identitários, colocando "sob rasura" (DERRIDA in HALL, 2002) tais termos e mobilizando-os para a produção de uma *violência encenada*. Por meio dela, não apenas confrontam e tentam subverter a ordem que se lhes impõem, mas se fazem reconhecer e ganham visibilidade, tornando-se indissociáveis do espaço que tenta lhes constranger. O protagonismo que buscam os torcedores organizados é de se fazer reconhecer pelos outros como agentes fundamentais do futebol atual. Sem este reconhecimento, a própria existência destas formas de torcer parece ameaçada. Esta luta por reconhecimento é uma forma singular de processos de resistência política, construídos pela linguagem e nela materializando-se.

1.2 Organização e estrutura da dissertação

O texto desta dissertação está organizado em cinco partes. Na Introdução procuro apresentar o percurso da pesquisa, os pressupostos teóricos e contextuais da pesquisa, e o processo etnográfico e linguístico que adaptei de Lopes (2010). Foram realizadas incursões de campo, das quais extrai os dados analisados ao longo dos capítulos. Procuro neste primeiro momento apresentar aspectos gerais da pesquisa e do contexto do futebol contemporâneo, dialogando com os pressupostos de Judith Butler (1997) Homi Bhabha (2006), Stuart Hall (2008). Delimito a questão para demonstrar o funcionamento da linguagem dos torcedores, como mecanismos de ação política em meio a um contexto de conflito. Desta maneira, busco as representações que constroem as identidades dos Gaviões da Fiel.

Procurei, neste texto, organizar os dados em função dos espaços nos quais encenam suas performances. Guiado pelos pressupostos discutidos na introdução, procuro construir um mapa geral, embora parcial e provisório, dos signos linguísticos que são mobilizados pelos torcedores nos diversos espaços de sua atuação. Focalizo no Capítulo 1, a produção simbólica do espaço da sede dos Gaviões situada no Bom Retiro. No Capítulo 2, demonstro as atuações públicas no espaço das ruas, suporte e símbolo da sociabilidade dos torcedores, ressalto neste capítulo as manifestações públicas de contestação do poder hegemônico do futebol. No Capítulo 3, procuro demonstrar a atuação dos torcedores nos estádios e as formas típicas pelas quais se agenciam nas arquibancadas de futebol.

Na última seção de caráter conclusivo, procuro interpretar os embates apresentados ao longo da pesquisa, como a maneira particular pela qual a globalização atinge a vida dos torcedores organizados. Estes, as únicas vozes dissonantes e capazes de incomodar a hegemonia do capital sobre a forma atual do futebol brasileiro. Aponto alhures para um processo inconcluso, tanto da pesquisa, como dos eventos reais por ela aludidos.

1.3 Problemas e questões de pesquisa

Esta pesquisa sofreu uma série de modificações desde sua aprovação, como procurei destacar na seção anterior. Procurarei, nesta seção, explicitar os empecilhos, impedimentos e dificuldades que o campo trouxe, conduzindo-nos até as questões que procurarei responder ao longo do texto.

Em Abril de 2016, primeiro ano do curso de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, fui obrigado a submeter o projeto de pesquisa aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)[4] da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Este procedimento se faz obrigatório a pesquisas que envolvam a abordagem direta ou indireta de seres humanos. O referido comitê, e sua plataforma virtual, se reportam ao Ministério da Saúde, como uma necessidade de amparar juridicamente e eticamente os pesquisadores da área da saúde, em pesquisas que envolvam testes com seres humanos.

Sem minimizar a importância de se refletir a respeito da relação entre sujeito pesquisador-sujeito pesquisado, em toda e qualquer pesquisa que estabeleça este tipo de relação, o comitê, após uma série de alterações sugeridas e certos questionamentos a cerca de detalhes textuais, liberou a pesquisa apenas em meados de setembro de 2016, o que me impediu de coletar os dados ou acompanhar oficialmente o calor dos eventos que descrevi na apresentação deste capítulo. Em outra dimensão, solicitou-me que conseguisse uma

[4] Processo (CAAE: 57832316.7.0000.5404), aprovado em 09/2018.

autorização da instituição, obrigando-me a dirigir e dialogar com os sujeitos pesquisados de maneira prévia.

Em junho de 2016, realizei a primeira incursão a campo e fui recebido na sede dos Gaviões da Fiel no Bom Retiro por Fabrício Pouseau, então diretor da torcida. Embora os dados da conversa não possam ser utilizados por questões éticas, cabe destacar a importância deste primeiro encontro para clarear o percurso realizado no campo e a mobilização do aparato teórico que o sucede. A conversa com este diretor deixou claro que apesar de inclinado a autorizar a pesquisa, devido a problemas anteriores com jornalistas infiltrados, em anos recentes, havia uma desconfiança a observadores externos. Além disso, grande parte da conversa centrou-se nas demandas que enfrentavam, nas perseguições que consideravam sofrer, na história de "resistência" da torcida.

Acredito, embora não tenha sido explicitado, que pela quantidade de papéis que fui obrigado a lhe levar, além dos códigos jurídicos legais explícitos nestas folhas, mais termos de consentimento, autorizações, pedindo que liberasse a pesquisa, criou-se uma espécie de barreira entre minha posição de pesquisador e a dele de pesquisado. Embora tenha frequentado a quadra dos Gaviões entre os anos de 2004 e 2008, era eu um intruso naquele meio e certa tensão se instaurou entre os interesses da pesquisa e os interesses dos torcedores. Embora tenha assinado o documento, posteriormente liberado pelo CEP, Fabrício passou a nitidamente me evitar, mesmo que eu desejasse conversar mais com ele e insistisse na empreitada.

A partir de Setembro, autorizado pelo CEP, passei a realizar uma série de visitas aos sábados na quadra, fato recorrente até setembro do ano seguinte. Contabilizei onze visitas à sede neste período. Nestes encontros, procurei coletar o máximo de informação possível e fui me convencendo de que embora eu me interessasse pelo fotojornalismo, os torcedores estavam mais preocupados em evidenciar os conflitos deste período, poucas conversas esporádicas e individuais faziam menção direta aos sucessivos episódios de censura e enfrentamento pelo qual passavam.

Em novembro de 2016, me encontrei com Chico Malfitani, o Malfitani ou Chico, um dos doze fundadores da torcida organizada. Hoje com cabelos brancos, me recebeu num fim de tarde, tomou ciência da pesquisa e me deu suas impressões sobre os Gaviões da Fiel. Articulado, Chico costurou de maneira precisa a história da entidade e o momento da fundação da torcida com a história política e social do país. Após este encontro, Chico apenas disse: "Pode falar em meu nome, procure o Jerry Xavelier".

Em resumo, Chico destacava o papel político dos Gaviões, papel construído ao longo de décadas e retomava o mito de origem e de fundação do grupo, em 1969 em meio à ditadura militar. Segundo ele, a história daquele tempo vinha a tona nos momentos em que a torcida se pronunciava mais claramente em termos políticos e sociais. Citava de memória uma faixa estendida nas arquibancadas em 1979, em que a torcida defendia a Anistia Política, em jogo contra o Santos, o apoio a greve política dos professores estaduais de São Paulo em tempos recentes. Dizia que os poderosos não gostam de ver o "povo organizado" e por isso, os Gaviões estavam proibidos de frequentar os estádios e eram, naquele momento, alvo de perseguição por parte do "sistema".

Em "Pode o subalterno falar?", Spivak (1993) apresenta uma crítica pós-colonial ao papel do intelectual ocidental (europeu) que enquadra o subalterno em sua rede epistemológica ao falar por ele. Mesmo que o gesto inicial destes intelectuais denotem certa adesão à subalternidade, ao reinscrever os marginais nos termos de suas concepções científicas, eles nada mais fariam do que falar por eles, ao invés de produzir espaços de reconhecimento dialógico. Spivak reconhece que o subalterno fala, no entanto, ao ser essencializado e convertido em um conceito, a subalternidade em sua diversidade deixa de ser ouvida.

Ao dialogar com Malfitani procurei seguir os caminhos que me propunha. Ao me indicar o Jerry Xavelier e reforçar que deveria encontrar-me com Wildner Rocha, o Pulguinha, Malfitani me encaminhou a pensar os Gaviões da Fiel a partir de seus aspectos políticos. Para certo grupo de pensadores da Linguística Aplicada (MOITA-LOPES (2006); FABRÍCIO (2006); CARVALHO (2011) o político é fruto da ação discursiva dos sujeitos sociais, evidenciando antes de tudo uma luta por reconhecimento na linguagem e por meio dela. Desta maneira, não cabe aqui discutir a essência dos Gaviões da Fiel, se são de esquerda ou de direita, se são violentos ou não. Mas sim a maneira como diante de um confronto com as estruturas de poder são capazes de se agenciar a partir de uma esfera marginal de poder. Que significantes mobilizam? Que sentidos sugerem? Por meio de que performances eles conseguem atingir seus objetivos de constrangimento ao poder e ao mesmo tempo de que maneira se fazem reconhecer publicamente por meio deste processo?

Hommi Bhabha (2006) afirma que as identidades são evocadas sempre que se encontram ameaçadas ou constrangidas pelo poder. Desta maneira, a identidade é uma estratégia política que se produz a partir da linguagem e se reproduz por meio dela. De todo modo, ao se apresentar a identidade como elemento político e linguístico se pensa em termos de representação: não a representação como uma representação de uma essência verdadeira e

genuína, na qual a realidade seja espelhada. A representação como construção e reconstrução constante de formas de linguagem visando produzir efeitos nos sujeitos. Estas representações nos termos de Butler (apud SILVA, 2001) são performances de linguagem, ou seja, processos de construção simbólica momentânea, instável e passível de ser constantemente remodelada de acordo com as necessidades dos sujeitos inscritos nos processos de disputa pelo (e contra o) poder.

Neste sentido, a identidade é vista como uma forma de ação social no mundo, por meio da linguagem. No caso dos torcedores de futebol, a linguagem se manifesta como um conjunto de símbolos visuais, evoluções coletivas e gestos corporais, músicas e faixas ou bandeiras que compõem a representação do grupo nos diferentes espaços pelos quais atuam. Neste sentido, esta pesquisa procura reconhecer o funcionamento das formas simbólicas de representação destes torcedores, pressupondo que estas formas sintetizam tanto a historicidade do grupo, quanto os conflitos que os obrigam a recorrer a este repositório para se manifestar. Ao pensar a partir desta perspectiva é preciso destacar que a linguagem é tanto o objeto de disputa, já que toda disputa política é realizada por meio da linguagem, como é também afetada pelas tensões de poder de uma sociedade. Desta maneira, observar o seu funcionamento é algo que exige considerar o contexto de sua produção, bem como as relações de força que permitem a alguém posicionar-se como falante ou ouvinte num diálogo.

Além disso, como observar a linguagem, em nosso caso é também observar a identidade, esta, neste sentido, não pode reduzir-se a uma posição fixa e imutável, tão pouco espelhar o pensamento ou a realidade. Interpretar a identidade em termos de performance, como defendemos nesta pesquisa, é assumir que mesmo as performances aparentemente mais estáveis e homogêneas, devem ser entendidas em termos relacionais, já que são reproduzidas e produzidas sempre que se inscrevem em, por um lado, uma estrutura de poder, e, por outro, em uma situação comunicativa de uso.

Revelando portanto as representações dos Gaviões da Fiel, ao final da pesquisa, além de revelar suas especificidades e suas formas, revelaremos o seu potencial agentivo e a maneira como, se posicionando a partir da margem, são capazes de constranger o poder. Estas formas são tão centrais para a sobrevivência da cultura torcedora, *cultura de arquibancada*, que são elas as formas constrangidas e censuradas pelos agentes de controle nos estádios de futebol. Por fim, cabe destacar que apesar de oriundas prioritariamente nos estádios de futebol, tais elementos são construídos a partir de um intercâmbio entre inúmeros campos da cultura popular. Em termos de Hall (2008), cultura popular não é, no entanto, um lugar ou espaço onde se produza uma cultura genuína, em contraposição à cultura de massas, mas sim

o espaço onde os sentidos do que será ou não reconhecido como legítimo são disputados. Esta luta se estabelece não entre um campo hegemônico, o poder, e o campo que luta contra o poder, mas a partir de relações heterogêneas entre grupos, que apenas vão se preocupar em se apresentar como genuínos representantes de uma cultura, quando e somente quando, esta mesma cultura se apresentar ameaçada.

Pensar nos Gaviões da Fiel a partir de uma abordagem cultural é considerar que não apenas o que dizem sobre si em situações artificiais de pesquisa, mas principalmente focalizar as situações de interação em que produzem enunciados como agentes coletivos, nos espaços em que atuam. Desta maneira, é possível ao mesmo tempo, observar "de perto e de longe" (MAGNANI, 2002), a heterogeneidade que compõe o grupo em termos culturais e sociais, bem como a maneira como determinados elementos se sobrepõem a outros, para produzir e reproduzir as representações dos Gaviões da Fiel, em um momento de confronto com o poder ou o *sistema* em linguagem nativa.

1.4 Identidade, linguagem e etnografia

Ao procurar analisar as representações que o grupo faz de si, é importante destacar a maneira como se entende a representação no campo da Linguística Aplicada (LA). Em 2006, foi publicado por Luiz Paulo da Moita Lopes, a obra Linguística Aplicada Indisciplinar, na qual se reúnem artigos de pesquisadores desta área de pesquisa. Nas discussões propostas por Pennycook (2006), Moita-Lopes (2006), Rajagopalan (2006) e Fabrício (2006), principalmente, a área de pesquisa é problematizada em função de sua ligação originária com a disciplina mãe, a linguística moderna, inaugurada por Ferdinand de Saussure, no Curso de Linguística Geral, em 1916.

Embora sem citar diretamente o autor genebrino, os autores, de modo geral, delineiam a necessidade de se romper com os postulados epistemológicos da linguística tradicional, para realizar um tipo de pesquisa na qual a linguagem, e por conseguinte, a língua, seja compreendida a partir de seu caráter interacional. Ao considerar este elemento como indissociável da língua, ela passa a ser vista, não apenas como estrutura ou elemento que representa a realidade social, mas principalmente como elemento pelo qual a própria realidade social é construída, percebida, interpretada pelos sujeitos sociais.

A formulação epistêmica de Saussure, isto é, a concepção pela qual resolve os problemas referentes a delimitação de seu objeto de pesquisa, o levou a separar um núcleo objetivo e autônomo que denominou "*langue*". Saussure passou a analisar a língua como uma

estrutura autônoma à *parole,* ou seja, aos elementos que compõem justamente a interação discursiva, isto é, as posições ocupadas pelos sujeitos no discurso e na conversação. Saussure limitava assim o estudo da linguagem à língua, desconsiderando os elementos contextuais de sua formulação.

Bakhtin (1997), em seu ensaio Gêneros do Discurso, procurou demonstrar a necessidade de se considerar não apenas as estruturas sonoras, lexicais e gramaticais de uma língua, mas, sobretudo, compreendê-las a partir dos usos da língua. Para o autor e seu círculo, a língua se efetiva em enunciados que são construídos nas diversas esferas da atividade humana. A vida, ou a ação humana, "penetra nos enunciados concretos" (BAKHTIN, idem, p. 283) por meio da língua e realizando-a no momento em que são eles mesmos, os enunciados, construídos.

Além disso, os enunciados sintetizariam as condições e finalidades sociais dos contextos. Estas condições e finalidades seriam reveladas por meio do conteúdo temático, do estilo e da estrutura de composição destes enunciados em termos linguísticos. Bakhtin traz para o centro da análise linguística aquilo que havia sido legado ao segundo plano na abordagem de Saussure, ou seja, a dimensão da finalidade comunicativa da língua.

Refinando seu argumento, Bakhtin propõe que os gêneros do discurso são enunciados relativamente estáveis que emergem em um contexto específico de comunicação, portanto em um contexto social específico. Ao problematizar o papel autônomo da língua, Bakhtin problematiza também a autonomia do sujeito que origina o enunciado, isto é, do locutor. Ao produzir um enunciado, este locutor se inscreve em um processo em que é ouvido por um outro, e sua fala é determinada pelos efeitos que pretende ou não produzir neste outro. Além disso, a presença deste outro, em certos contextos de interação face a face, revela uma modalização constante do discurso do locutor, o que evidencia o papel dialógico da linguagem.

Para Bakhtin, a linguagem é dialógica e responsiva, mas também polifônica, isto é, o locutor não é a origem de um enunciado, porque em algum nível, ao dizer ele evoca em sua fala outros discursos anteriores àquele. A conclusão é a de que o enunciado por um lado supõe sempre alguém que escuta e reagirá em alguma medida ao que foi dito, por outro, ao falar é impossível produzir algo inteiramente novo, tantos em termos estruturais, já que a língua impõe uma certa estrutura prévia e compartilhada, como em termos temáticos. Neste sentido, os enunciados são um elo numa longa cadeia de outros enunciados, o que amplia a discussão da língua para a linguagem.

John Austin, em Quando dizer é fazer? (1990), discute a partir de outros termos, o que chama de função performativa da linguagem. Austin se questiona se uma fala pode não apenas falar sobre algo, mas literalmente fazer algo. O filósofo inglês recorre em seu texto a uma série de situações nas quais uma fala realiza o ato que representa. Por exemplo, diante de um tribunal, ao proferir o veredito por meio da sentença "Culpado!", um juiz não estaria descrevendo a condição do réu, mas realizando um ato, sem o qual o réu não poderá ser considerado sentenciado. Esta situação para Austin só é possível, a princípio porque o juiz ocupa uma posição [de poder] que o faz ser reconhecido como uma autoridade para fazer aquilo. Este tipo de sentença, em geral, enunciadas em situações rituais de uma determinada sociedade é que denomina de performativos.

Por outro lado, e sem reduzir meus argumentos a taxonomia proposta por Austin, e sem necessariamente problematizar o debate, proponho resgatar de Austin, a noção de que os dizeres em uma língua são performativos. Para ele, toda sentença em diferentes níveis é ela não apenas um elemento que descreve a realidade, mas a realiza e efetua. Não apenas em situações rituais, nas quais o que é dito é instantaneamente interpretado como uma ação, mas também nos efeitos de determinados dizeres, que se prolongariam até os interlocutores em uma temporalidade futura, produzindo efeitos de adesão, agravo, desagravo, temor, ratificação no ouvinte. Este parece ser o argumento de Judith Butler (1997), em seu ensaio "Lenguaje, identidad y poder".

Para a autora, ao apontar os atos de fala como performativos, Austin está propondo que a linguagem é uma ação no mundo, ao mesmo tempo em que descreve este mundo. Por outro lado, a teórica procura discutir os efeitos do discurso de ódio sobre os sujeitos agredidos e a maneira pela qual é possível, a partir de um olhar estratégico e performativo a cerca destes enunciados agressivos, rearticular a identidade subalternizada. Em outras palavras, Butler propõe que o discurso de ódio opera num limite entre a linguagem e a agressão física, mas é no entanto, linguagem, Como a linguagem é performance e não uma essência, os signos do xingamento ou das agressões verbais, poderiam ser rearticulados e reinscritos a partir do momento em que são enunciados pelos alvos da agressão.

Destaca que para Austin, assim como para Benveniste e Bakhtin, a linguagem é um evento que se repete no tempo, mas antes de tudo um evento interativo, isto é, o signo não é por si só o detentor de uma essência que carrega para todos os contextos, mas sim o signo acontece, mesmo que trazendo esta repetição em algum nível, no momento em que se inscreve em um contexto comunicativo. Desta maneira, o signo é contingencial e provisório, articulado e rearticulado a partir das necessidades contextuais em que é alvo de disputa.

Por outro lado, o que todos estes autores parecem destacar é que a vida social se faz pela linguagem e fazem a linguagem, e neste sentido, a linguagem é uma ação social. Se por um lado as representações identitárias são vistas como formas de ação social em contextos de relações de poder, produzidas na linguagem e por meio dela, e como afirma Bakhtin, a língua (ou a linguagem em sentido amplo) é vivificada nos enunciados (e gêneros do discurso que constroem), as identidades se produzem e reproduzem em gêneros do discurso específicos, que sintetizam não apenas o conteúdo (não fixo) destas identidades, mas as forças que as constroem.

Hall (2000), em Quem precisa da identidade? Afirma que, e este é um argumento de outros teóricos culturais, a identidade passa a ser um alvo de disputa ou de recurso político de um grupo, sempre que estas se encontram ameaçadas. A ameaça a identidade, na sociedade contemporânea, é fruto das pressões do processo transnacional complexo e heterogêneo daquilo que se denomina por globalização. Este processo global atinge por sua vez as culturas e práticas locais de sujeitos situados em suas margens e fronteiras, promovendo um tipo de olhar deslocado das relações eminentemente econômicas, para a esfera simbólica.

As culturas locais, por sua vez não são homogêneas, inaugurando com isso uma disputa entre que tipos de hábitos, símbolos ou práticas tem ou não legitimidade. Estas culturas são hibridizadas com o processo de tentativa de padronização da experiência humana em termos de consumo, processo sem o qual a globalização não pode operar. Em seu texto "Notas sobre a desconstrução do popular", Hall (2008), propõe que os termos cultura e popular sejam colocados sob rasura, e sejam mirados, não como essência fixa, mas como palcos de disputa por reconhecimento de quais elementos terão ou não reconhecimento. Cultura é assim o campo onde as lutas por reconhecimento entre os grupos se estabelecem, assim como o termo cultura popular, é o local não de uma cultura genuína de um povo, idealizado, mas como espaço específico em que essa luta entre globalização e as culturas locais se estabelecem.

Proponho, em diálogo com estes autores, um olhar para as representações dos Gaviões da Fiel que leve em conta parte de seus argumentos. Desta maneira, não pretendo discutir o que é a linguagem ou a identidade dos torcedores em sua essência. Mas sim, como colocam em funcionamento, a partir da linguagem, determinados enunciados, que cumprem o papel de reivindicar uma posição identitária. Em outras palavras, importa a maneira como performatizam suas identidades na posição de torcedores, num contexto de disputa e tensão com a globalização, ou mais especificamente com o papel que a globalização exerce no futebol-espetáculo.

É preciso delimitar as materialidades pelas quais constroem o enunciado, já que a linguagem, nesta pesquisa não se reduz a enunciados eminentemente linguísticos. Não quero, com isso, cair no equívoco de dizer quais são os enunciados produzidos por estes torcedores, mas sim observar a maneira como diferentes recursos da linguagem são mobilizados para produção de determinados enunciados que revelariam estas representações. Para isso é preciso mergulhar no contexto em que estas formas são construídas e considerar as relações de poder nas quais se inscrevem.

Deste modo, analisar a identidade dos Gaviões, é antes de tudo considerar que eles agem por meio delas, criam, recriam e subvertem formas e conteúdos, e ao fazê-lo, agem politicamente no mundo. Cabe, portanto, pedir auxílio a antropologia e em específico dialogar com os teóricos da etnografia, que ao formular seus pressupostos de pesquisa, procuram situar-se na vivência com os grupos. Quais são os contextos mais evidentes pelos quais agem como grupo? O que estas situações permitem ou não ser produzidos enunciativamente? É possível em termos gerais, delimitar a maneira como determinados enunciados são privilegiados porque ao serem produzidos atingem objetivos estratégicos do grupo?

1.5 Etnografia dos atos linguísticos

Como discutimos até aqui, Bakhtin e Austin, ao evidenciarem o papel fundamental do discurso para a compreensão da linguagem, evidenciam a importância do contexto. A comunicação é um fenômeno social, na qual não apenas a língua é um instrumento pelo qual a realidade é percebida, mas ela mesma é também um elemento capaz de construir e costurar a realidade. Desta maneira, contexto e enunciado são elementos indissociáveis, de tal maneira, que seus sentidos são mais eficientemente apreendidos se considerado a indivisibilidade desta associação.

É partindo deste pressuposto que esta dissertação observou as representações identitárias dos Gaviões da Fiel. Se a identidade, como já afirmado, é construída a partir da linguagem, e esta é um elemento materializado nos enunciados ou nos atos de fala, estas representações devem ser compreendidas contextualmente. Isto porque de um lado a produção destas representações em termos performativos é entendida por esta pesquisa como um elemento central por meio das quais os torcedores exercem o seu papel agentivo, confrontando e constrangendo as estruturas de poder.

Não se trata, no entanto, de um tipo de linguagem mobilizada pelos movimentos sociais que atuam mais centralmente nas estruturas políticas, já que neles se inserem ou se

pretendem inserir. Trata-se de um universo cultural a margem destas esferas, mas em conexão com elas em algum nível. De outro modo, este grupo de sujeitos políticos mobiliza uma esfera discursiva própria, mas não homogênea.

Quando digo própria, faço menção a formação cultural em que diferentes setores políticos e populares se chocam e se fundem na produção de suas especificidades. Quando ressalto que esta formação não é homogênea, quero ressaltar o caráter de constante disputa interna a cerca das ações do grupo, bem como dos sentidos pelos quais o grupo deve se apresentar. Estes elementos se fundem na formação daquilo que se pode chamar como *cultura de arquibancada*, termos do próprio grupo para destacar suas práticas.

Para tentar descrever e reapresentar os enunciados e atos linguísticos que emergem desta prática cultural foi preciso conviver e dialogar com tais enunciados nos contextos em que são comumente produzidos. Embora deste o princípio desta pesquisa me propus ao gesto de escuta do grupo, bem como a observações de campo, os dados só puderam ser organizados a partir do contato com a tese de doutoramento de Adriana Carvalho Lopes (2011), defendida neste mesmo Instituto, intitulada *"Funk-se quem quiser, no batidão negro da cidade carioca"*. A autora se propõe a realizar uma etnografia dos atos linguísticos do funk, como estratégia para rediscutir as questões identitárias do universo cultural do funk carioca.

Segundo a autora, para fazer com que a análise pudesse dar conta da realidade, seria preciso reconhecer a necessidade de, por um lado pensar a identidade de maneira desconstruída, considerando a centralidade da linguagem na análise, sua dimensão contextual e pragmática. Por outro lado, seria preciso dialogar com os autores de tal maneira que se pudesse recolocar a fórmula "pode o subalterno falar" de Gayatri Spivak em novos termos, isto é, "pode o subalterno ser ouvido?". Desta forma, colocaria a necessidade de diálogo com o subalterno, de tal maneira, que ela mesma, como pesquisadora, se compreendesse como parte fundamental da constituição dos sentidos produzidos na pesquisa, e não apenas uma observadora descritiva e neutra deles.

Magnani (2002), antropólogo, afirma que a etnografia emerge sempre que o *outro* aparece como objeto de análise e reflexão do pesquisador. A etnografia, mais que um método fechado e controlado, seria uma maneira de se observar este outro, a partir de seus espaços de atuação, destacando seus símbolos e suas práticas, bem como especulando sobre os seus sentidos. O autor ainda pontua a importância de se reconhecer que a etnografia, ao colocar como foco certos atores sociais, ressaltariam aspectos que de outra forma passariam despercebidos em uma análise mais distanciada da prática efetiva dos sujeitos.

Em nosso caso, foi preciso ver de “perto e de dentro” para se compreender o “de fora e de longe” que permeia as relações de poder no futebol atual. Ao empreender este método, procurei frequentar as situações mais evidentes de atuação dos Gaviões da Fiel. Inicialmente, dois espaços se destacavam nas atuações públicas dos torcedores: o espaço da sede da torcida, no Bom Retiro e as arquibancadas de futebol, sobretudo na Arena Corinthians, no bairro de Itaquera. Pensando a partir dos termos de Magnani, foi possível produzir dados em ambos os contextos, sempre pensados em termos da atuação mais diretamente política dos torcedores.

Entre a sede da torcida e o estádio de futebol, os torcedores também atuam nas ruas da cidade de São Paulo, seja por meio da apropriação das manchas pelas quais circulam, seja pela construção de trajetos e circuitos que estabelecem. Procurei observá-los nestes contextos, em que há uma mudança visível na maneira como se expressam.

Realizei visitas à sede da torcida, em nove ocasiões, duas destas visitas em dias de semana; um com a sede fechada em um feriado, quando conversei com um dos fundadores da torcida; uma sexta-feira à noite, dia de festas para os associados e de ensaio da escola de samba; em cinco ocasiões frequentei os sábados de feijoada com roda de samba, evento tradicional da torcida. Num destes sábados, assisti a reunião de iniciação de novos membros, que durou cerca de duas horas.

Em duas situações acompanhei atividades da torcida nas ruas da cidade, uma manifestação pública no vale do Anhangabaú e a comemoração do centenário do Corinthians, pelas ruas do Bom Retiro, em setembro de 2017. A primeira destas observações foi feita de maneira extra-oficial, período anterior a autorização da pesquisa pelo CEP, desta maneira, procuro fazer referências aos vídeos que circularam na imprensa e no youtube, para fazer menção a este episódio.

Por fim, procurei frequentar os jogos do Corinthians e observar e interagir com os torcedores em seu principal local de atuação, as arquibancadas dos estádios de futebol. Frequentei entre setembro de 2016 e novembro de 2017, vinte e cinco jogos na Arena Corinthians e um jogo no estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro.

A partir destas situações procurei registrar em diário de campo, as interações e intervenções dos grupos dos torcedores, de acordo com um critério amplo e arbitrário. Sobretudo, aqueles enunciados mais claramente estabilizados que poderiam ser alvo de uma análise mais detalhada. Além disso, as performances também puderam ser levantadas neste período.

Por fim, realizei três entrevistas abertas, com três membros da torcida. Duas delas preferi pela ocasião não me utilizar do gravador, devido ao tempo e ao volume de

informações que foram surgindo na conversa. Com Chico Malfitani, fundador da torcida, conversei por quase duas horas na sede da torcida, anotando suas informações. Realizei um relato sobre esta conversa em diário de campo. A outra entrevista em que procedi da mesma forma foi realizada na residência de Wildner Rocha, o Pulguinha, liderança dos Gaviões entre no início do século XXI e atual conselheiro da entidade. Esta conversa, realizada num domingo durou cerca de oito horas e passou por inúmeros temas que envolvem os Gaviões da Fiel e as torcidas organizadas em geral no Brasil: futebol dentro e fora de campo; questões de gênero, raça, sexualidade e classe; memória, curadoria de artefatos históricos, história; relações políticas e com os movimentos sociais e, sobretudo, violência entre torcedores organizados de futebol.

Realizei posteriormente uma entrevista com um membro da diretoria atual, Jerry Xavelier, na sede da torcida. Como Jerry era o membro mais ativo dos três entrevistados, na época da pesquisa, coube a ele me apresentar outros torcedores e outros espaços da sede. Além disso, sua entrevista trouxe os elementos mais discutidos atualmente entre os torcedores, além de ressaltar aspectos já discutidos com os outros entrevistados.

1.6 Futebol Moderno[5]: espetáculo e globalização

Esta não é uma pesquisa específica sobre futebol, mas o futebol é o campo no qual ela nasceu. É preciso, portanto, revelar a maneira como este campo é aqui interpretado, situando esta interpretação dentro da produção acadêmica mais ampla a cerca do tema. As pesquisas acerca do tema, pensam o futebol de maneira transdisciplinar, ainda que adotando uma área específica em que se situam. As mais notáveis emergem das Ciências Sociais e da Historiografia, áreas que procuram revelar o processo de consolidação do esporte na cultura nacional, bem como os seus efeitos na sociabilidade dos sujeitos que direta ou indiretamente se relacionam com esta esfera.

Atualmente há um conjunto de pesquisadores específicos do tema, bem como dezenas de publicações e grupos de estudo espalhados pelo Brasil. Em grande parte, há um reconhecimento de alguns autores em campos específicos. Na historiografia pode-se destacar Bernardo Borges Buarque de Toledo, Carlos Pimenta e Arley Damo; na esfera de

[5] Termo usado por ultras europeus (grupamentos de torcedores assemelhados aos organizados) desde a década de 90. Futebol Moderno é para autores brasileiros um sinônimo de futebol-espetáculo, conceito empregado com certa hegemonia nas ciências humanas ao retratar esta etapa histórica do futebol de alto rendimento. Trata-se de um termo adotado por torcedores de futebol em todo o Brasil. Ambos os termos são sinônimos nesta pesquisa.

comunicação Renato Helal; na interpretação cultural José Miguel Wisnik. Sem pretender esgotar a lista, destaco que estes pesquisadores têm em comum um olhar que transcende suas disciplinas de origem, destacando elementos de outras áreas, sem as quais suas formulações seriam enfraquecidas.

Além disso, estas pesquisas têm contribuído para se compreender o futebol de maneira problematizada, isto é, sem que se reduza a uma mera questão de entretenimento, como parte da mídia o faz, e sem, por outro lado, desconsiderá-lo em sua ludicidade e ociosidade constituinte. O futebol assim é reinterpretado à luz dos problemas mais amplos da sociedade, em diferentes dimensões, sejam elas econômicas, sociais, culturais, simbólicas, sem que se reduza o objeto a um termo ou outro.

É desta maneira que entendemos o futebol como um elemento cultural contemporâneo, transnacional, urbano e popular. Procurando situá-lo de maneira mais ampla, parte importante da crítica o considera como fruto de dois processos sociais mais amplos da sociedade contemporânea: o fenômeno da espetacularização da vida, percebido por Debord (1973) e o fenômeno da globalização, percebido por uma série de autores que procuram focalizar de maneira crítica este processo, sintetizados por Fabrício (2006).

Para Debord, a marca das sociedades que emergem do processo de modernização produtiva é a primazia do espetáculo como elemento central das relações sociais, isto porque ao mesmo tempo, é o centro e o objetivo da produção. O espetáculo é o elemento de mediação por meio de imagens das relações humanas, convertendo o trabalho humano para este fim. Desta forma, Debord aponta, de maneira sistemática, para a centralidade da comunicação em uma sociedade de consumo extremo: nossas interações com a realidade se dão, não apenas de maneira imediata, mas através de um sem número de signos que atuam por meio da propaganda, dos meios de comunicação de massa ou mesmo diretamente, por meio da indústria do entretenimento. Neste sentido, o futebol, originalmente uma atividade física corpórea, vai aos poucos se transformando num produto da indústria do entretenimento, adequando-se aos diferentes meios pelos quais é apresentado.

A globalização por sua vez, é ao mesmo tempo um processo técnico-econômico e discursivo, por meio do qual, os valores da sociedade capitalista atuam na contemporaneidade. Este processo sempre em curso, nem sempre homogêneo e linear, se estabelece ao passo que os mercados são paulatinamente conectados por meio de necessidades econômicas e com o auxílio das tecnologias de informação e comunicação. A globalização avança hegemonizada pelos ideais liberais, para quem os ideais de universalidade são reduzidos a padrões “ocidentais”, isto é, europeus e estadunidenses, de existência. Interessa à

lógica de mercado liberal, o ascetismo, a padronização de produtos e condutas, bem como, a primazia das relações humanas mediadas pela esfera do consumo.

De maneira geral, são a estas imposições, aparentemente naturalizadas, que as culturas locais costumam resistir, por meio de reivindicação que coloca em primeiro plano as identidades então ameaçadas. Desta forma, o futebol se constitui de elementos destes dois fenômenos, sendo ele mesmo uma das produções culturais em que tais fenômenos são mais explicitamente verificáveis. O futebol como fenômeno da globalização apareceria em sua forma de espetáculo: futebol-espetáculo (DAMO, 2014).

Este futebol-espetáculo pode ser visto como uma rede de interações simbólicas em que diferentes instituições da sociedade atuam para impor seus interesses políticos, econômicos, sociais e culturais. Neste espaço, atuam agentes como os dirigentes esportivos e de clubes; os jogadores; os funcionários administrativos e técnicos; os torcedores; os empresários de bens, serviços, produtos; agentes publicitários; especialistas da área da saúde; jornalistas e empresários de mídia; setor financeiro; dentre outros atores sociais esporádicos, intermitentes, como a academia. Todas estas categorias de agentes, de alguma maneira disputam os sentidos acerca do futebol, compondo um complexo mosaico de interesses. Mesmo dentro destas categorias, há diversos interesses em jogo, embora exista algo que pode ser visto como uma hegemonia: os dissensos e debates (nem sempre explícitos) tem sido encaminhados no sentido de uma profissionalização total, isto é, de uma imposição dos valores do mercado liberal sobre todas as esferas do jogo.

Este processo tem um uma historicidade, aqui brevemente apresentada. Ele se intensifica com a mundialização da FIFA[6], principalmente durante a gestão do brasileiro João Havelange (1970-94). Neste período, diversos países, que nem mesmo contam com reconhecimento da ONU, foram reconhecidos pela entidade máxima do futebol. Por sua vez, oferecido como produto, o futebol passou a ser apresentado não apenas como ócio, esfera de lazer, mas como negócio, elemento do mercado. O processo de mundialização do futebol é parte do processo de globalização geral da sociedade, sendo diretamente afetado pelos elementos que estão ao redor das esferas de poder. Ao passo que o futebol se mundializa, se faz necessário a apresentação deste fenômeno pelos termos do mercado.

Para que isso ocorra, o futebol passa a ser padronizado e controlado pela entidade, bem como o universo que o circunda. Aspectos de ordem técno-científica e econômica se sobrepõem aos valores do amadorismo, e consequentemente aos aspectos do universo da adesão desprendida e passional dos torcedores.

[6] Federação Internacional de Associações do Futebol (em tradução literal)

Atraindo interesses televisivos, o futebol, antes um evento que só podia ser captado na sua íntegra in loco, passa a ser visto à distância, ao vivo. A mídia televisiva, principalmente, passa a influenciar este espaço, não apenas porque o retrata, mas porque o converte em um de seus produtos, a ser oferecido como imagem, o que produz uma nova categoria de torcedores, agora capazes de realizar o ato de torcer, em casa: os denominados "torcedores de sofá" (HOLANDA, 2014), na cultura futebolística.

No Brasil, este processo se faz de maneira irregular. Na década de 70, efeitos da globalização no futebol já eram relatados, como um aumento considerável na preparação física dos jogadores, vistos então como atletas. No início dos anos 80, o Corinthians toma parte diretamente neste processo, em meio ao movimento da Democracia Corinthiana. Ao passo que os jogadores se apresentam como protagonistas políticos, reivindicando direitos e questionando a estrutura autoritária do futebol, também os dirigentes se aventuram pelo mundo dos negócios, estampando o primeiro patrocínio na camiseta de um clube na história do futebol brasileiro (FLORENZANO, 2015).

Jogadores começam a ser vendidos para os clubes europeus, mas ainda não em quantidades significativas. Já na década seguinte, nasce a figura do clube-empresa, extraído do modelo inglês, em que os clubes deixam de pertencer aos associados em termos de lazer e passam a pertencer a novos associados em termos financeiros. Embora este processo não tenha se consolidado, foi essa a denominação da época para a parceria entre alguns clubes brasileiros e investidores estrangeiros, influenciados pelo processo de abertura econômica do período.

Nos anos 2000, destaca-se a promulgação do Estatuto do Torcedor que oficializa e reconhece esta categoria específica de cidadão, porém reduzindo-o à dimensão de consumidor. Em fins dos anos 2000, o Brasil é escolhido para sediar a Copa do Mundo de Futebol de 2014 e os Jogos Olímpicos de verão de 2016, sendo obrigado a readequar seu complexo esportivo aos padrões de realização de tais competições, principais eventos esportivos mundiais.

Este processo foi parcialmente analisado por Holanda (2014) e Campos (2014). Com foco no discurso referente ao processo de modernização, ambos os autores apontam dois campos discursivos hegemônicos neste processo. Um de viés técnico-arquitetônico, que enfatiza a necessidade de modernização dos espaços do espetáculo a fim de oferecer uma experiência completa, tanto ao torcedor in loco, quanto ao torcedor de sofá. O segundo de viés político-social em que se defende a necessidade de modernização destes espaços com vistas à diminuição da violência.

A consequência de ambos os discursos se materializa na mudança da concepção de estádio, de um esporte de e das massas, convertido em arena, em um esporte de massas consumidoras. Toda a arquitetura do estádio é realizada de modo a apresentar o "espetáculo" futebol, o esporte convertido em imagem. A iluminação é cuidadosamente utilizada para produzir efeitos antes das partidas. Telões reproduzem o jogo nos estádios com um sistema sonoro que controla os sentidos do espetáculo, bem como controla (ou tenta) as ações da massa torcedora. Os assentos padronizados têm todos os espaços comprados previamente, valorados em termos de maior ou menor visibilidade do jogo. A arquitetura busca a limpeza, o ascetismo, a regularidade, como num shopping center. Os antigos bares cedem lugar a franquias de lojas.

Os ingressos são adquiridos, para estes espaços, virtualmente. Encarecidos em seu preço, modificam o perfil sócio-econômico dos torcedores nos estádios. Durante a década de 90, a compra dos ingressos, em ocasiões especiais, se dava antecipadamente nas bilheterias dos clubes e nas torcidas organizadas dos clubes. Em dias de jogos, com uma fiscalização frouxa, era comum a venda de um número de entradas que excedia a capacidade do estádio, reconhecíamos isso empiricamente, espremidos uns aos outros. Assisti aos jogos desta forma até meados de 2007, quando definitivamente se percebe uma mudança implantada clubes.

Nasce nesse período os planos de sócio-torcedor, modelo em que por meio de uma mensalidade, o torcedor pode adquirir entradas para os jogos que lhe interessam. Neste sistema, há uma classificação dos torcedores por assiduidade, beneficiando a parcela de associados capaz de frequentar todos os jogos, o que limita a possibilidade de compra de outros torcedores. No caso do Fiel-torcedor, plano corintiano, há diferenças entre os planos, de acordo com o setor do estádio. Às torcidas organizadas do clube (Gaviões da Fiel, Camisa 12, Pavilhão Nove, Estopim da Fiel, Coringão Chop e Fiel Macabra) se oferece um plano específico, de menor valor quando comparado aos outros. No entanto, quanto ao preço do ingresso ele se mantém o mesmo para todos os torcedores[7].

Em nome da segurança e do conforto, os torcedores organizados e os torcedores comuns das classes mais baixas são economicamente expulsos das novas arenas. Em pesquisa[8] recentemente divulgada pelo próprio clube, torcedores das classes mais baixas corresponderiam a menos de dez por cento do público que frequenta a Arena Corinthians. Os

---

[7] Indico a pesquisa de Bochi (2017), Do Pacaembu a Arena Corinthians, sobre as mudanças ocorridos com a transferência dos jogos corinthianos do espaço do Pacaembu para a Arena em Itaquera.

[8] https://www.terra.com.br/esportes/lance/pesquisa-revela-nivel-escolar-e-renda-de-corintianos-na-arena,1042b96546e32cb71f933621f4a6e497hvsqhumk.html. Último acesso em 02/02/2018.

setores economicamente dominantes da sociedade (com salários superiores a 17 mil reais) superam em dois pontos percentuais os mais pobres. Esta mudança é uma consequência econômica e política deste longo e intricado processo de elitização do futebol brasileiro. Isso altera, na prática, a própria influência dos organizados no espaço das arquibancadas, já que são compostos em grande parte por parcelas médias e baixas da sociedade.

Desde que surgiram, as organizadas ditavam o ritmo na arquibancada, inflamando os demais torcedores numa espécie de efeito em cascata. Amotinadas em um único setor do estádio, seu potencial de influência se limita a ditar o ritmo de alguns cantos, em alguns momentos do jogo, mas com menor influência sobre o hábito do torcedor em geral, quando se compara aos jogos nos antigos estádios como o Pacaembu e o Morumbi.

Os conflitos entre torcedores organizados e comuns se acentuam dentro das novas arenas, mas também nas redes sociais virtuais. Desta maneira, embora possam ser reduzidos a questão da violência, os torcedores organizados são das poucas vozes dissonantes neste processo de modernização forçada do futebol-espetáculo em São Paulo. Estamos diante de um novo leque de relações impostos pelos interesses do negócio futebol, interesses que produzem outras formas de torcer, individualizadas e controladas externamente, na defesa de um discurso pretensamente modernizador. Muda-se a carcaça para apresentar o futebol como um espetáculo meramente estético, mas procura se evitar ao máximo a explicitação de sentidos políticos que são inerentes ao jogo.

1.6 Gaviões da Fiel Torcida e Corintianismo

A história dos Gaviões da Fiel traz os problemas de se procurar reconstituir a historicidade de organizações oriundas da esfera popular. Esta história é um encontro entre a historiografia baseada em depoimentos e memórias orais e documentais. Como contar uma história é um gesto de escolha e seleção, como todo material que se deriva da linguagem humana, procuro reordená-la em função dos aspectos que contribuem para esta dissertação. Procuro colocar em diálogo o depoimento dos torcedores e o discurso acadêmico produzido sobre este grupamento torcedor, ressaltando a maneira como esta organização fora interpretada e traduzida por estes textos.

Malfitani relatava em nosso primeiro encontro que a ideia de fundar um grupamento torcedor se deu de maneira espontânea entre um grupo de jovens corintianos que habitualmente se encontravam antes e durante as partidas realizadas no Pacaembu. Na garagem de seus avós, no bairro de Perdizes, junto a mais treze jovens fundaram no dia 01 de

Julho de 1969, o Grêmio Gaviões da Fiel Torcida. Muitos destes jovens circulavam entre regiões das classes médias e baixas e a universidade, alimentados pelo clima da época, de oposição política e cultural ao poder militar.

Esta história é contada e recontada, não apenas por Chico, mas por todo membro da torcida com quem conversei. Eram anos de ditadura no Brasil, e narram os torcedores, de ditadura no Corinthians, que decidiram enfrentar por meio do grêmio. De fato, a estrutura do futebol era e continua sendo autoritária, fechada nas reuniões de dirigentes, quase sempre em suspeita, mas atrelar a política nacional à política corintiana era parte da estratégia daquelas lideranças para arrebatar novos membros entre os jovens corintianos.

Fruto deste elemento de resistência, os Gaviões da Fiel, liderada por Flávio La Selva, então jovem estudante de direito da USP e presidente da agremiação, a entidade ganhou destaque em pouco tempo entre a massa torcedora. Envolvida tanto com a arquibancada, quanto com a política corintiana, aos poucas alteraria o espaço das arquibancadas de futebol. Como grupamento jovem organizado, os torcedores corintianos fundavam a primeira torcida jovem do Brasil (HOLANDA, 2007; CANALE, 2012). A diferença da postura em relação aos modelos até então existentes se mostraria no caráter de independência financeira, jurídica e política das direções dos clubes. Até então o modelo de torcedor organizado se expressava nas *charangas* (HOLANDA, idem), modelo torcedor financiado pelos clubes, com quem as lideranças mantinham relações estreitas.

Assumiam das charangas os cantos o uso de instrumentos para entoar, durante os jogos, gritos de apoio e incentivo aos jogadores em campo. Mas por outro lado, não se furtavam a tão logo acabasse a partida, manifestar seu descontentamento contra a equipe em termos desportivos ou a direção do clube em termos político-administrativos. Além disso, a emergência destas formas torcedoras vai cristalizando e reverberando o uso de palavrões e xingamentos nas arquibancadas de futebol, modificando as práticas de civilidade defendidas pelas charangas (idem).

A violência até então ocasional ou individualizada, vai aos poucos se alastrando pelas praças esportivas, muitas das vezes envolvendo os membros dos Gaviões e dos demais grupamentos que vão surgindo posteriormente, se generalizando para todas as torcidas organizadas de futebol. Uma espécie de sentimento de grupo, do qual a adesão clubística é um pretexto, toma conta destes embates, já que o confronto de um membro com um torcedor comum mobiliza os membros organizados em sua defesa.

Malfitani dizia que a violência se tornava mais intensa, conforme a sociedade se tornava mais violenta. No entanto, isto não invalidaria o outro lado da torcida, qual seja sua

função crítica e fiscalizadora do Sport Club Corinthians Paulista. Fundado, em 1910, segundo conta sua história oficial, por operários e comerciantes do Bom Retiro, bairro central de São Paulo, o clube de futebol foi identificado pelos rivais e autorrepresentado como o time das camadas populares da sociedade. Em um futebol, marcadamente elitizado, como o de São Paulo, rapidamentente o estigma se ligaria à história do clube de maneira jocosa e, por vezes preconceituosa.

Negreiros (1991) procurou reconstituir esta história e destacava, em sua dissertação de mestrado, a maneira como nos anos iniciais a ideia de um clube que representasse as camadas populares foi alvo de intensos debates e disputas entre os associados e dirigentes. O esforço para desfazer a imagem de "time do povo", no entanto, não deu resultado e em pouco tempo o clube se tornaria o mais popular da cidade de São Paulo. Ao repertório simbólico e narrativo dos torcedores se vincularia a ideia de sofrimento, construída entre as décadas de cinquenta e setenta do século passado, período em que o clube amargava um período sem títulos do campeonato estadual.

À ideia de "time do povo" associou-se a imagem da torcida fiel, aquela que ao invés de abandonar o time pouco vitorioso, se engajava ainda mais em suas partidas e se multiplacava diante das adversidades. Defensores destas interpretações acerca da fundação do clube, os Gaviões da Fiel foram os responsáveis por transformar estes eventos supostamente vexatórios da trajetória em símbolo de exaltação, convertendo os estigmas construídos pelo sistema de rivalidade.

O gavião carrega o símbolo do Corinthians entre as suas garras, "protegendo-o de si mesmo", isto é, dos sucessivos dirigentes que compuseram a história corintiana e tentaram, aos olhos dos torcedores, prejudicá-lo, como era dito por uma liderança na reunião para novos associados. Nasce assim os Gaviões da Fiel, originalmente uma organização popular, organizada por membros dos grupos subalternos da sociedade, com caráter de resistir àqueles que de alguma maneira tentam, aos seus olhos atacar o patrimônio imaterial, que pode ser definido como corintianismo (TOLEDO, 2013): a forma ou estilo prático e imaginário que se manifesta nos repertórios dos adeptos deste clube.

Para o mesmo autor:

> "Sendo assim, "Corintiano, maloqueiro e sofredor, graças a Deus!" por muito tempo segue como bordão que confere síntese ao corintianismo, que faz de algumas faltas, evidentes estigmatizações de classe, sua maior qualidade. Sociologia nativa, tais faltas são tomadas como elogio à carência e à condição econômica

> subalterna e de classe que se impõe num misto de realismo e imaginário na relação com seus outros, historicamente são-paulinos e palmeirenses. Não há no cultivar dessas ditas faltas qualquer fatalismo sociológico, dado que a relação torcedora com essas supostas carências tem dinamizado, há décadas, uma peculiar forma de torcer reconhecidamente contendora, presente e fiel." (TOLEDO, 2013, p.154)

É preciso destacar que esta falta atua muito mais como elemento imaginário, do que real, sobretudo se for considerado o atual estágio institucional do clube Corinthians, em termos futebolísticos. Atualmente, é um clube considerado valioso em termos de mercado, muito em conta do estilo particular de seus adeptos. Em face das constantes atualizações pelas quais caminha o futebol-espetáculo, uma destas faltas, o estádio próprio, foi superada com a construção da Arena Corinthians, no bairro de Itaquera. Adotando o padrão de estádios europeus, em formato de arenas, isto é, um estádio tecnicamente produzido para favorecer a assistência da partida, mas que a impõem uma série de novos códigos de comportamento e conduta.

Esta é a maneira como se expressa de maneira mais direta o conflito entre o projeto da globalização e a cultura local dos torcedores de futebol. Atingidos e constrangidos a mudanças, os torcedores das camadas subalternas da sociedade são alijados dos estádios de futebol. Afeta-se diretamente os grupamentos organizados, e no caso, os sujeitos desta pesquisa. Nasce daí, aquilo que Hall (2008) anuncia em termos de uma política identitária, em que esferas locais e globais, se confrontam, produzindo resistências, e nos termos de Bhabha, reivindicações identitárias supostamente originais como mecanismo de confronto.

Nascidos deste confronto, os Gaviões da Fiel produziram um complexo repertório de artefatos e práticas pelos quais se confrontaram às estruturas de poder. Talvez seja essa a característica mais evidente da "cultura de arquibancada", uma prontidão e uma disposição para o confronto, direta ou indiretamente. Esta prontidão para reagir se manifesta em todos os espaços nos quais atuam, o que nos termos do sociólogo argentino Albarces (in CANALE, 2012) é denominado por "aguante", a capacidade do torcedor de aguentar a partida, incentivando a equipe nas adversidades e se preciso aguentar "na porrada" o torcedor adversário.

Esta prontidão ao confronto pode ser vista como um espelhamento dos efeitos de uma partida de futebol. Não apenas por suas oscilações emocionais, que provocam nos torcedores as sensações corpóreas do jogo, sintoma da impossibilidade de ação direta sobre os rumos da partida, mas, sobretudo, pela própria estrutura de oposição entre dois, que procuram se anular,

e literalmente se embateriam fisicamente. Não há futebol, para um torcedor, sem o rival a ser derrotado.

Como este confronto se manifesta em termos de linguagem? Que gêneros do discurso ou atos linguísticos são produzidos a partir deste aspecto da cultura torcedora? Que símbolos e que representações são mobilizadas pelos Gaviões da Fiel? Como eles evocam uma historicidade em termos do corintianismo?

1.7 Gaviões da Fiel, cultura de arquibancada e linguagem

Ao longo de sua trajetória, os Gaviões da Fiel produziram uma teia de artefatos pelos quais se expressam. Estes artefatos se manifestam como elemento visível da construção identitária do grupo. Atuam com maior ou menor destaque, a partir das intenções comunicativas do grupo. Procuro organizá-los a partir dos espaços de atuação, considerando-os como elementos performativos, isto é, como atos de linguagem. Embora atuem também em outros espaços, esta pesquisa procura explicitar três esferas principais de atuação dos torcedores: a sede da torcida, a atuação nas ruas da cidade em certas situações e as arquibancadas de futebol da Arena Corinthians.

Desta forma na sede da torcida, evidenciam-se os dizeres e os símbolos inscritos no espaço físico da quadra do Bom Retiro, elementos que concentram a historicidade da torcida. Além disso, é possível discutir a maneira como os corpos, eles mesmos concentram marcas destas identidades, revelados pelos atos verbais e não-verbais dos torcedores. E por fim, o contexto de interação nas reuniões de recepção a novos associados, capaz de revelar as relações internas de poder dos torcedores. Ao observar tal espaço, procuro destacar a maneira como este espaço revela uma escolha subalterna, marginal e de confronto.

No curso da pesquisa, os torcedores ocuparam os espaços das ruas com duas finalidades: manifestar-se contra o "sistema" que gere o futebol e a sociedade e comemorar o aniversário de fundação do S.C. Corinthians Paulistas. As ações nestas situações revelam a reinterpretação que os torcedores fazem do espaço público, reproduzindo as formas típicas dos estádios de futebol no contexto mais amplo da cidade. Esta ocupação dos espaços confere visibilidade e se transformam em gestos de sobrevivência da "cultura de arquibancada". Neste espaço será possível verificar a maneira como a violência pelo qual são reconhecidos pelos de fora, é convertida em encenação da violência como recurso político.

Por fim, nos estádios, procuro destacar as mudanças sofridas pelo processo de atualização das arenas esportivas no futebol de elite no Brasil. Este processo atinge aos torcedores, ao passo que constrange suas formas típicas. Com isso, procuro destacar a maneira como a arquitetura, bem como os discursos hegemônicos sobre o futebol, ao tentar constranger tais torcedores, disparam outros conflitos nas arquibancadas de futebol. Desta forma, os torcedores são obrigados a produzir outras formas de visibilidade e outros espaços de atuação, com o intuito de revelar, dentre outros aspectos, a condição de protagonistas indispensáveis ao futebol-espetáculo.

2) O Gaviões: a quadra no Bom Retiro como espaço de subalternidade

Em o *"Clube como vontade e representação"*, Holanda (2007) situa a formação do que denomina "torcidas jovens", grupamentos de torcedores que inaugura, em fins da década de sessenta, um novo estilo de torcer. Partindo de uma abordagem histórica, a concepção do autor ao descrever tal processo na cidade do Rio de Janeiro aponta as múltiplas influências sofridas por estes grupamentos de torcedores. As "torcidas jovens", também denominadas "torcidas organizadas", nasceriam de um processo híbrido entre velhas e novas modalidades de torcer. Influenciadas pelas antigas charangas, as torcidas organizadas manteriam, destes grupamentos originários, as manifestações musicais executadas por instrumentos e gestos corpóreos. Do movimento político, tais grupos seriam uma das manifestações do "poder jovem" (HOLANDA0, 2007). Nascidas do contexto da ascensão de uma contra-cultura juvenil, que se manifestava principalmente no movimento estudantil, tais grupos sofreriam influência dos discursos juvenis de contestação as esferas de poder e controle da sociedade, e em específico, dos discursos de resistência à ditadura militar no Brasil.

Para Holanda, a emergência das torcidas de futebol, sobretudo as charangas, se confunde com o período de divulgação e institucionalização de outro espetáculo de massas da cultura popular: os concursos de escolas de samba, na cidade do Rio de Janeiro. Quando da emergência dos grupamentos organizados, o carnaval e o futebol já estavam relativamente estabilizados no cotidiano das grandes cidades, sendo comum um processo de trocas de práticas e ritos entre uma e outra esfera. Músicas de incentivo e exaltação dos clubes eram adaptadas de sambas de enredo e marchas carnavalescas, num processo parodístico e aparentemente espontâneo.

Embora este breve preâmbulo simplifique as discussões propostas por Holanda, cabe destacar que a relação entre futebol e carnaval em seu texto é fruto de um encontro entre esferas culturais de massa e populares, submetidas, portanto a um processo de tensão e conflito de estabilização de alguns sentidos e exclusão de outros:

> "Embora assimilando seu repertório da cultura de massas, as torcidas organizadas operam com a mesma estrutura de funcionamento da cultura popular e adaptam toda sorte de estribilhos e refrões parodísticos, de hinos e marchas de carnaval, de jingles radiofônicos e pontos musicais os mais variados. Calcados na oralidade, os torcedores apropriam-se do repertório que integra seu universo cultural, em um sistema de adaptação e improviso. (HOLANDA, 2007, pp. 510)

Não apenas em termos musicais, mas também institucionalmente, os torcedores organizados expressam o encontro entre a cultura popular e a cultura de massas. Uma organização como os Gaviões da Fiel não podem ser lidos como algo extrínseco e anômalo do ponto de vista de sua formação e organização. Ela em nada se assemelharia a uma organização burocrática típica de uma sociedade industrial e urbana. Em muito, ela se assemelha a organizações populares, nos quais a "adaptação e improviso" (idem) se impõem ao rígido sistema de metas e objetivos de um empreendimento capitalista.

Ao pensar a cultura popular, Holanda propõe que se a aborde a semelhança do que propõe Bakhtin (1986), ao analisar a cultura popular medieval a partir dos textos de François Rabelais. Para Bakhtin, a obra literária de Rabelais, ao destacar o cômico e as jocosidades das camadas populares francesas, subverteria a versão oficial a respeito da cultura da época, sobretudo o discurso estatal e religioso. Estes textos revelariam outro universo cultural sobrevivendo em paralelo ao universo cultural oficial. Estas práticas corpóreas, verbais, funcionavam de maneira assemelhada a performances teatrais, em que os papéis entre atores e espectadores se confundiam, sobretudo diante de festas e cerimoniais, mesmo que oficiais.

A praça pública se tornava um palco em que a ordem, a seriedade propagada oficialmente, abria espaço para o humor, a paródia, a ironia, as subversões de papéis, as críticas às autoridades públicas, a liberdade de crenças e corpóreas, ainda que durando um breve período de tempo. Sobreviveria assim, nas camadas populares um universo de adaptação e improviso em que se fundiriam a cultura de elite com culturas não hegemônicas persistentes entre os subalternos. Cultura oral, híbrida, de confronto. Em que se valoriza muito mais o momento, que a perenidade das coisas.

Para sustentar sua tese, Bakhtin parte dos indícios inscritos na obra do autor francês e propõe um tipo de interpretação em que texto e sociedade se encontram. Seguindo os fios e os rastros, procura resgatar um universo cultural que embora possa ter existido, seria ignorado por seus contemporâneos, não fosse pelos resquícios deixados aqui e acolá, que poderiam ser resgatadas se a prosa fosse vista como algo que mantém um contato profundo com o seu contexto de produção. Com isso, o autor russos traz para o primeiro plano culturas subalternas, que de outro modo seriam ignoradas e apagadas na compreensão do passado.

Carlo Guinzburgh, em Raízes de um paradigma indiciário, propõe algo semelhante como método de reconstituição da história. Para o autor, as fontes documentais, os objetos de arte, as obras literárias, dentre outros artefatos deixam marcas de seu contexto de produção. Cabe ao historiador ou investigador seguir por estas marcas indiciais de tal maneira que seja possível estabelecer um ponto de encontro entre o artefato e suas condições mais amplas de

produção, revelando tanto sobre o objeto em específico, como sobre estas estruturas mais amplas. Guinzburgh propõe que se olhe para os detalhes destes artefatos, porque eles seriam capazes de revelar as àquilo que de outra forma fora silenciado ou até então permaneceria oculto de acordo com as histórias oficiais.

Stuart Hall (2008) propõe, por sua vez, que o termo cultura popular deva operar, quando mobilizado como aparato teórico "sob rasura". Retomando Derrida, Bakhtin e Gramsci, Hall argumenta que os termos cultura e popular são termos aparentemente transparentes e naturalizados, o que simplificaria o entendimento das culturas efetivamente reais. Ao naturalizar tais termos, eles pressupõem um processo cultural homogêneo e estável, ignorando as multiplicidades e constantes tensões que ocorrem realmente no mundo real.

Como por outro lado, não existem ou não tenham se apresentado termos que melhor corresponderiam à análise da realidade, eles deveriam ser suspensos e entendidos de uma maneira específica. A cultura popular passa a ser vista não como o lócus da prática genuína das camadas populares em oposição a cultura de massas, mas sim, como um espaço em que diferentes práticas e sentidos se confrontam tentando se impor como legítimas dentro daquela esfera. Além disso, como esta não se encontra isolada de outras esferas culturais, além das tensões entre os grupos que reivindicam a "cultura popular" ocorrem pontos de clivagem com outras culturas, incluso as hegemônicas, que por sua vez, também não são homogêneas e fixas.

Vistas em movimento, passa a nos interessar menos a origem ou genealogia de tais culturas, mas, sobretudo a maneira como tais tensões se resolvem ou permanecem, desparecem ou reaparecem, de acordo com as contingências históricas. Embora longa, é este o pressuposto que procurei ter ao adentrar ao universo físico dos Gaviões da Fiel. Estava diante de um universo cultural a parte, claramente subalterno, em que o confronto parecia emergir em muitas das situações vivenciadas.

Como compreendemos as identidades como construções sociais que se estabelecem na linguagem, isto é, em performances que encenam e reencenam as representações de atores sociais, procuro destacar os signos que constroem neste espaço a identidade dos torcedores. Desta maneira, estes signos, que não podem ser reduzidos a enunciados verbais, mas entendidos em sua complexidade multissemiótica, sintetizam a história de formação da torcida.

A perspectiva que adoto é baseada nas discussões de Bucholtz & Hall (2005). Para estas autoras o signo é sempre relacional, isto é, ele pode ser inscrito e reinscrito a depender das situações comunicativas. Quem fala, de que posição fala, que autorização tem para falar.

O sentido que o signo põe em movimento depende, neste caso, da interação verbal. Além disso, as escolhas de determinados signos pelos usuários de um processo comunicativo permitem a maneira como eles se inscrevem nestas estruturas de poder.

As autoras procuram destacar alguns destes recursos e abordá-los como item que revelaria o processo de construção das identidades sociais. Desta maneira, tais itens são tidos por elas, como elementos indexicais, já que a maneira como são usados contextualmente, poderia revelar a maneira como os atores sociais constroem sua identificação, sempre relacional e incompleta, porque dependentes do funcionamento do signo. Dentre estes recursos, podemos destacar os pronomes (nós, eu, eles, elas), bem como os advérbios (aqui, lá, agora), dentre outros processos lexico-gramaticais; pressuposições e implicaturas sobre os insiders e outsiders; categorias metafóricas e discursivas de identificação; uso de registros linguísticos típicos de grupos; além das próprias formas nas quais tais enunciados emergem.

2.1 Os signos da sede, a sede como signo

De forma retangular, a sede dos Gaviões tem a forma de um ginásio desportivo, sem os degraus de arquibancadas. Se assemelha aos antigos centros comunitários, existentes em inúmeros bairros periféricos da Grande São Paulo, entre os anos oitenta e noventa. De teto oval, coberto com telhas de amianto, uma quadra ao centro, cercado por salas e espaços menores, marcam a construção irregular e espontânea, carregados de espaços remodelados e inacabados de acordo com as contingências de momentos específicos.

Ao passar pelos portões, ao lado esquerdo da entrada, há uma loja em que são comercializados os produtos oficiais da torcida, uma de suas fontes de renda. Separado da loja por uma escada, que leva ao andar superior, onde se situam os 'camarotes', há um altar com uma imagem de São Jorge, o santo guerreiro, padroeiro do Corinthians e da torcida, um dos símbolos do sincretismo religioso entre o catolicismo e as religiões de matriz afrobrasileiras.

No centro deste espaço, uma quadra de futebol de salão, marcada com tinta branca em um fundo preto. À frente de quem entra, encontra-se um palco, ao espaço para apresentações em dias de grandes eventos, embaixo dele a inscrição Arena Faixa de Gaza, parecia servir de nome à quadra de futsal[9]. As laterais são cercadas por dois andares de construção, em que à esquerda se encontra um bar e à direita um conjunto de salas, dentre elas a sala da diretoria.

Nas paredes que cercam o galpão, predominando o preto e o branco, cores que identificam o S.C. Corinthians Paulista há inúmeras inscrições que sintetizam parte da história

[9] Este nome foi apagado alguns meses depois do início da pesquisa.

da torcida. Praticamente todas estas inscrições são produzidas estilisticamente por meio de técnicas de grafite, estilo urbano, nascido da cultura periférica urbana, em Nova York e hoje um estilo de arte pictográfica transnacional. Estas inscrições remetem aos lemas e símbolos que identificam o grupo: há sempre um Gavião e um símbolo do Corinthians.

Chama atenção a diferença entre os traços dos primeiros símbolos da torcida e as formas representadas no painel. As primeiras eram produzidas com traçados simples, remetendo a um gavião voando com o símbolo do clube. As imagens na sede, por sua vez, representam o gavião antropomorfizado: o corpo da ave ganha formas humanas, virilidade e musculatura desenvolvida, um semblante agressivo. Esta representação simbólica evoca a masculinidade a partir do corpo tecnologizado das academias e lutas marciais. A imagem convertida em ato de linguagem pode ser compreendida ou recebida como um alerta, um aviso a quem olha. Visto desta forma, aquela imagem se apresenta como uma performance, uma maneira pela qual a identidade é produzida e representada.

Identidade masculina em que a valorização da agressividade, da força e da disposição (*aguante*) constroem um sistema simbólico próprio. Entre os torcedores é comum se utilizar de escolhas linguísticas que apontam para a centralidade deste processo de identificação com a masculinidade mais convencional.

Ao se referirem a torcida, falam, seus membros, em "**o**s Gaviões" e não "**a** Gaviões", como é comum encontrar na voz daqueles que são de fora. Utilizando-se do artigo masculino e não do feminino, não apenas realçam a masculinidade, valor fundamental numa cultura marcadamente de homens heterossexuais, mas também identificam quem faz ou não parte do pedaço. Também é comum se referirem ao espaço da sede como "**o** gaviões". Neste caso, e destaco o uso do artigo no singular. Quando se referem aos Gaviões, referem-se ao grupo, a instituição ou ao imaginário que a compõe. Quando se referem ao Gaviões, falam do lugar físico, da sede.

2.1.1) São Jorge – Padroeiro corintiano

Outro signo fundamental para a compreensão deste espaço cultural é a imagem de São Jorge, santo de origem católica, padroeiro da Inglaterra e Portugal, santo oficial do catolicismo[10]. Envolto em polêmicas dentro e fora da igreja, devido a ausência de fontes documentais de sua trajetória, tem-se por tradição que se trata de um soldado capadócio

[10] Fonte e referência em: https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2018-04/memoria-saojorge-onomastico-papa-francisco.html

(território turco), torturado por soldados romanos e que não negara, nem sob estas condições, sua adesão ao cristianismo.

Compreendido como o "santo guerreiro", em território brasileiro, foi sincretizado com Ogum (deus da guerra e do metal, no panteão de deuses africanos) pelas religiões populares, como o Candomblé e a Umbanda. Para os torcedores organizados do Corinthians, São Jorge não é nem santo católico, nem africano, ele é o padroeiro do clube, e por extensão, santo produtor daqueles que guardam e zelam pelo patrimônio imaterial dele.

Wisnik (2008) acentua as linhas que conectam o futebol e a religiosidade. Símbolos como os cantos da torcida, repetidos em refrões intermináveis, as mãos para o alto, o tipo de agenciamento que se estabelece das arquibancadas para o campo de jogo, seriam espécies de substratos da dimensão ritualística que o próprio jogo concentra em sua história. Vistos desta forma, é comum nas canchas de futebol metáfora do campo religioso para se referir a situações imponderáveis e que de outra forma não conseguem ser explicadas. "Milagre do goleiro", "o São [nome do jogador]", "o pé de anjo", "os deuses do futebol", os estádios são tratados como casa, mas também como "templos" pelos torcedores, que são chamados de "fanáticos", a depender do grau intenso de sua adesão e referem-se a camiseta do clube como "manto sagrado".

Forçando um pouco a interpretação, a imagem do santo na quadra remete as origens populares da torcida, na qual no tempo de sua fundação, o sincretismo religioso era mais intenso entre o cristianismo católico e as religiosidades populares da sociedade brasileira. Ela remete a dimensão da religiosidade corintiana, à noção estampada no próprio nome da torcida: a Fiel. Não há outras imagens ou dizeres religiosos visíveis no espaço da sede. Mas nos sambas de enredo da escola de samba e nas canções de incentivo ao time as imagens e o sincretismo religioso se expressa em termos do corintianismo:

"Vou, vou pra Bahia
Acende a chama no terreiro de Iaiá
É a força da magia
Que me arrepia e se espalha pelo ar

Saravá, sarava
Salve o santo guerreiro
Uma vela pra saudar,
Meu São Jorge Padroeiro"
(Samba-Enredo apresentado em 1994, desde então cantado nas arquibancadas após os gols do Corinthians)

2.1.1) Inscrições como atos linguísticos

Na quadra dos Gaviões da Fiel, é comum em dias de festa que seu espaço seja enfeitado com bandeiras e faixas, formas visuais típicas das manifestações públicas dos torcedores. Estas faixas trazem em sua maioria, figuras relacionadas diretamente aos próprios Gaviões ou ao Corinthians. De formas retangulares, muitas delas são agitadas em mastros de bambu, acompanhando o ritmo da batucada. Outras são penduradas nos espaços superiores e no teto da quadra.

Há também inscrições sazonais e permanentes nas paredes da quadra. Algumas pinturas são modificadas, de tempos em tempos, mas há algumas que chamam a atenção por sua presença constante. Nas paredes ao fundo da quadra, há uma dessas inscrições permanentes, situada no espaço mais alto da parede. A palavra Gaviões, estilizada com a cabeça de um Gavião de olhos firmes emergindo das letras. Abaixo deste grafite encontra-se em letras garrafais um dos lemas da entidade: "Nossa corrente é forte e jamais será quebrada"

A palavra corrente remetendo a unidade do grupo, faz menção a inúmeros episódios da história corintiana. Segundo Pulguinha, frase de Gordo, alcunha de Edmar Bernardes, assim como o outro lema da entidade: Lealdade Humildade e Procedimento. Enquanto a primeira remete a ideia de unidade que a torcida deve representar em público, nas diferentes situações, inclusive eventuais confrontos. O segundo representaria a "ideologia" dos Gaviões, isto é, sintetizaria suas normas e procedimentos de conduta.

Neste sentido procuro sintetizar algumas pesquisas que abordam o lema dos Gaviões. Para colocar em discussão parte dos aspectos das normas e condutas que regem os torcedores. Isto porque tais inscrições materializam histórias e sentidos que elucidam as especificidades de suas relações. Canale (2012) aponta que ao longo de sua trajetória, as ações da torcida consolidaram uma série de normas e procedimentos, não necessariamente verbais, que se institucionalizaram no universo daqueles torcedores e influenciando outras torcidas organizadas. Nos Gaviões, estas normas seriam sintetizadas no lema "Lealdade, Humildade e Procedimento", e poderiam ser compreendidos como espécies de signos instáveis e arbitrários, isto é moldáveis de acordo com as situações em que se inserem e os interesses em jogo.

Conclusão parecida é a de Costa (1995). O autor procura situar o modelo organizativo político-organizativo dos Gaviões da Fiel. Suas conclusões apontam que o *"grêmio é gerado por uma disfunção capitalista e burocrática do futebol, pois foi criado por reação a um modelo burocrático de gestão, e possui características que o tornam uma organização*

singular", que traduz em sentenças negativas: *"não tem um produto definido", "não é apenas reivindicativa","não produz lazer"*.

Os Gaviões, em sua leitura, nasceriam como espaço de consolidação e reprodução de laços de paixão, de afetos e de traços identitários, reagindo a impessoalidade oferecida pelo modelo organizativo das sociedades urbanas. Sua organização é baseada numa lógica emotiva, em que se sobressaem os interesses de ocasião, não necessariamente como sinônimo de interesses pessoais. Desta maneira, todas as relações dos Gaviões estariam pautados em uma lógica de base emotiva, o que permite ao autor situar os Gaviões na esteio dos estudos clássicos de cultura brasileira. Retoma Sérgio Buarque de Holanda e Roberto da Matta, para os quais as relações sociais brasileiras se estabelecem por meio de traços de afetividade, que se impõem sobre outras formas de sociabilidade.

Desta maneira, os lemas dos Gaviões da Fiel se colocam em funcionamento em situações de comunicação em que há o embate entre seus membros. Numa das festas, na fila do banheiro, um rapaz e uma garota debatiam sobre quem teria a preferência de uso do banheiro de um estabelecimento comercial próximo a quadra, que recebe comumente os membros da torcida. Ambos se acusavam de não possuírem o LHP, isto é, não agirem de acordo com as regras.

Há um estatuto com os direitos e deveres dos associados, como em todas as associações jurídicas legalizadas, mas o escrito neste universo é substituído pelos inscritos da parede, mais simples e diretos. Estes inscritos servem como objeto de memória e certo aviso, procedimento típico de tais inscrições. Operam como atos linguísticos que procurariam prolongar os efeitos sobre os interlocutores, alertando sobre a necessidade de submissão se não aos valores, ao menos a maneira de fazê-lo operar. Efeito perlocucionário nos termos de Austin (1990), porque como atos performativos, embora não façam o que digam, pretendem fazer com que seus efeitos se concretizem alhures.

Tomando como exemplo outra faixa esporadicamente estendida na quadra, vemos o funcionamento destes efeitos. Sobre o fundo preto do tecido, apresenta-se um mapa do Brasil em azul e amarelo, que projeta de seu centro um Gavião com um 'dedo' na boca, como se pedisse silêncio e um símbolo do Corinthians. Ao redor, a inscrição, "Os Gaviões apavoram o Brasil". O verbo apavorar, numa leitura apressada, aponta para o sentido da violência física dos torcedores, o medo que promovem no espaço que ocupam. Mas como procedimento típico do universo popular, ela carrega uma ambiguidade, fruto do registro da língua no qual opera. Na linguagem dos jovens da periferia, "apavorar" tanto pode trazer o sentido de alertar alguém violentamente sobre sua conduta, dar um "presta atenção", em linguagem popular,

como pode também indicar realizar uma ação tão bem realizada que causa admiração nos outros.

Provocando o hegemônico a partir do universo dos signos, os torcedores se utilizam em seus estilos expressivos de ambiguidades e ironias, de atos linguísticos que ao mesmo tempo reproduzem as marcas de um espaço da sociedade, por outro, pretende se fazer visto pelos de fora. Por fim, apresento outra inscrição: “Arena Faixa de Gaza”.

Esta inscrição intitulava a quadra de futebol de salão que ocupa a maior parte do espaço da quadra. Anualmente, nela se realizam partidas de um campeonato interno de futsal, entre os coletivos espalhados pelo estado de São Paulo. Coletivos de bairro, sub-sedes, eventuais grupos de amigos se inscrevem e disputam durante alguns meses do ano, aos sábados a tarde, tais jogos, apoiados por torcidas que simulam dentro da quadra, suas ações nas arquibancadas.

Não presenciei nenhum confronto físico ou mais acalorado nas datas em que frequentei a quadra, mas é sabido que, inclusive há um episódio relatado em ensaio acadêmico de Holanda (2015), que o clima de confronto físico é uma possibilidade. Ao nomear a quadra por este nome, em minha visão, os torcedores estariam jocosamente anunciando aquele espaço primeiro como uma arena, assim como se nomeiam os estádios recém-construídos no Brasil, sabedores de que aquela humilde quadra representaria o oposto do que nomeia. Em segundo lugar, ao fazer menção a “Faixa de Gaza”, estariam trazendo a imagem de uma zona de conflitos. Espaços de tensões, mas também espaço de resistências.

Saltam destas inscrições dois aspectos essenciais a compreensão deste espaço para a construção da identidade dos torcedores: ele marca as posições das quais falam os torcedores e a maneira como procuram produzir uma certa imagem de si, relacionado por um lado a uma linguagem verbal que coloca em evidência o confronto, a jocosidade, a ameaça, por outro mobiliza elementos que o conectam com uma certa perspectiva de gênero masculino e de classe popular.

2.2 Violência no futebol: banalidade e encenação

A subalternidade evocada nas representações inscritas na quadra, não pode ser lida como uma essência dos Gaviões, mas como uma posição relacional. Muitas das performances dos torcedores apresentam-se por meio desta articulação com a subalternidade, no entanto, em outras situações membros da torcida podem ocupar uma posição em que outro é subalternizado. É típico a associação entre torcida de futebol e violência, fruto de estereótipos, mas fruto de uma realidade na qual tomam parte, se não oficialmente, ao menos por meio de seus membros ou simpatizantes.

Este é o principal tópico abordado na reunião de novos associados, espaço realizado mensalmente, aos sábados no espaço da sede. Ele obriga que o novo integrante se dirija até a sede para participar de uma apresentação oral de um dos membros do conselho vitalício da entidade. Atualmente, a reunião é apresentada por Sérgio Romero, o Paracatá, sócio desde 1978. O tema central do encontro é a violência. Os torcedores são avisados, extraio abaixo alguns trechos do diário de campo, em que relato a maneira como a violência fora tematizada:

> "Paracatá apresentava um dos membros da atual diretoria. Ele estava proibido de frequentar os estádios de futebol, por conta de confrontos entre torcedores atribuídos à cúpula da torcida. Por isso, aquela reunião procuraria lidar com o problema principal dos Gaviões naquele momento, que era poder retornar oficialmente aos estádios com suas faixas e bandeiras. Dizia que, ao ostentarem a camiseta dos Gaviões, aqueles jovens assumiam a responsabilidade de zelar pelo coletivo e pelo patrimônio da torcida. O patrimônio, segundo Paracatá, não era apenas os materiais ou faixas que carregavam individualmente: "Nosso principal patrimônio é a vida de nossos associados". Portanto, as brigas deveriam ser evitadas e não deveriam ser causadas por eles. O que não significava correr quando provocados "porque se aqui ninguém vai ficar indo atrás de arrumar qualquer coisa, aqui também não tem bunda mole".
>
> Completado pelo membro da diretoria que o acompanhava: "Se a gente descobrir quem foi, você corre o risco de ser punido e até expulso da entidade, como aconteceu com uns mano aí que brigaram. Ninguém aqui vai caguetar ninguém, que aqui ninguém é polícia ou ministério público, mas se chegar na quadra e a gente souber quem fez, periga tomar umas pauladas nas costas pra ficar esperto. É poucas ideia". Sua fala fora complementada por Paracatá, que dirigiu brevemente o olhar a mim: "É melhor a gente falar as claras, porque se falando já dá problema, imagine sem falar".

Esta breve situação revela a maneira ambígua como a violência é tratada nos Gaviões da Fiel, justamente porque se preciso for, a violência será combatida, no limite com violência. Por outro lado, a fala dos torcedores procuravam menos realizar aquilo que se pretendia, e mais produzir efeitos que servissem aos novos sócios como um aviso das relações hierarquizadas que se estabelecem internamente. Embora a ameaça possa ser captada como

efeito, ela não necessariamente se concretiza, o que revela um uso performativo da menção à violência como elemento de controle interno, mas também como performance recorrente entre seus membros.

O uso de gírias e termos periféricos, oriundos do universo de origem de muitos dos membros dos Gaviões da Fiel, é outro elemento comum na fala dos torcedores: "periga (do verbo perigar, processo de metaforização oriundo das camadas populares, o mesmo que correr risco); "paulada nas costas" (expressão metonímica que indica bater em alguém, as ripas de madeiras são usadas como armas brancas em brigas de torcedores, toma-se assim o instrumento pela ação); "poucas ideia" (expressão popular que indica nível baixo de intolerância para lidar com outro ou situação); "cagueta" (sujeito que delata atitude proibido de outro, o mesmo que dedo duro), dentre outras marcas, que sugerem a aproximação com o universo criminoso.

O que fica claro, no entanto, é que não se trata de um sujeito ligado ao crime, mas utiliza-se destes termos para se fazer passar por, isto é, como encenação ou performance. Inscrito pelas relações de poder internas, os torcedores mobilizam a imagem do subalterno masculino, mas também do subalterno capaz de circular por espaços marginalizados e ser nele respeitado. Em palavras mais diretas, se utilizam de um repertório periférico, com expressões que margeiam o universo da criminalidade como recurso para construir a imagem de virilidade e de classe necessárias para fazer funcionar as representações de si.

Este fenômeno é visto no universo das torcidas organizadas em geral, mas ganha contornos ainda mais profundos dentro dos signos do corintianismo, maloqueiro e sofredor. É preciso compreender que a violência entre torcidas organizadas é tanto uma experiência concreta, quando ocorre, como uma experiência performativa, isto é, uma violência representada.

2.3 Consideração sobre violência e futebol

Vistas historicamente, a associação entre torcedores organizados e violência se torna mais acentuada a partir de meados da década de 80 (AGUILERA, 2004). Embora não pretenda e nem consiga esgotar o tema, a partir da análise bibliográfica, sobretudo Aguilera (2004), Holanda (2007), Canale (2012), Damo (2014), Murad (2016) é possível formular a hipótese de que esse aumento se deve há duas causas que se interligam: o circuito de clubes instaurado com o Campeonato Brasileiro, a partir de 1971 e o aumento da macroviolência (MURAD, idem) na sociedade brasileira.

Até o final da década de 60, embora houvesse duas competições nacionais de clubes (em geral dos grandes clubes dos principais estados brasileiros), a organização do futebol brasileiro reforçava as disputas regionais. Desta maneira, o sistema de rivalidades era muito maior entre equipes do próprio estado, do que com clubes de outras regiões. Com o início da disputa do Campeonato Brasileiro, os confrontos estaduais instaurariam novas relações entre os clubes e, consequentemente, entre seus torcedores, que viajariam para assistir suas torcidas à distância.

Na década de 70, como aponta Canale (2012), estes torcedores organizados passam a promover viagens interestaduais com a finalidade de acompanhar suas equipes. As caravanas, como chamadas pelos torcedores, passam a ser vistas como espaços de sociabilidade da torcida e critério de maior ou menor respeito conseguido pelos torcedores que tomam parte nestes percursos. Defender as cores do clube, viajando por dias até o local da partida, em condições precárias, com pouco ou nenhum recurso, passa a ser parte do hábito dos torcedores organizados.

Em 1976, a torcida corintiana protagonizaria um dos maiores deslocamentos de massa com fins futebolísticos, viajam dezenas de milhares de torcedores para o Rio de Janeiro, em partida semifinal contra o Fluminense. Este episódio, nomeado pela imprensa da época como "Invasão Corintiana" atraiu o olhar de pesquisadores das ciências humanas, inaugurando as pesquisas na área.

Há reportagens citadas tanto por Holanda (2007), quanto por Canale (2012), que procuraram acompanhar e compreender estes espaços, não apenas com a torcida corintiana, mas com outros grupamentos. Estas reportagens de caráter etnográfico destacavam as ações dos torcedores e as interações produzidas por eles com outros atores da sociedade, não ligados ao futebol. Destaca-se a subversão das regras por estes torcedores, a prática de pequenos delitos, o uso de palavrão entre si e de xingamentos aos de fora, a conivência dos dirigentes das torcidas com tais episódios, embora oficialmente proibissem tais delitos. Para Holanda (idem), os torcedores interpretam todos os espaços pelos quais passam como espaços do futebol, sentindo-se autorizados a realizar tais atos, não necessariamente praticados em outros espaços e circunstâncias.

Criam-se novas relações entre os torcedores dos variados clubes. Surgem alianças entre torcidas de estados diferentes[11], amizades entre grupamentos e algumas rivalidades que

[11] Como exemplo destas alianças, pode-se citar a histórica aliança entre a Força Jovem do Vasco e a Mancha Verde do Palmeiras; a aliança entre a Torcida Independente do São Paulo e a Torcida Jovem do Flamengo; dentre outras que se estabelecem de maneira mais ou menos sazonal, como a da própria Torcida Jovem do Flamengo com os Gaviões da Fiel na década de oitenta.

culminam em embates físicos entre outros grupos. Mas em essência, o que as viagens propiciam é o encontro entre torcedores locais e forasteiros, entre aqueles que tem seu território invadido e os invasores.

No caso do Corinthians, os jogos como visitantes atraem a presença de um grande número de torcedores locais em função das transmissões de jogos, e de um tipo particular de adesão clubística, feita à distância. Além disso, sobretudo em jogos importantes, a torcida se mobiliza com a ideia de promover uma "invasão" no território alheio. Invariavelmente, a chegada destes torcedores ocorre em meio a muita provocação com os torcedores locais, o que fortalece a unidade da própria torcida, mobilizada agora para defender o clube em território hostil. Músicas provocativas no trajeto, que ofendem não apenas o rival, mas os próprios nativos do estado/cidade onde o jogo se dará. Há um grito, repetido ao longo dos anos, cantada pela torcida que ilustra este sentimento: *Porra/Caralho/Torcida de cuzão/Quem manda nessa porra é a torcida do Timão!*

As lideranças, com quem dialoguei, ressaltavam esse aspecto da torcida corintiana, de ser considerada "chata" e "inimiga" de praticamente todos os clubes do Brasil. No sistema de relações das organizadas, os Gaviões da Fiel não admitem oficialmente *aliança* com outros torcedores organizados, com a exceção do que chamam de *amizade*, com Fúria Jovem do Botafogo-RJ e dos Gaviões Alvinegros, do Figuirense-SC. Com o aumento dos jogos interestaduais e a crescente rivalidade que propicia, estas viagens se tornam momentos de aventura e receio. Aventura por desbravar outros territórios, receio por se deparar com grupamentos de torcedores rivais no trajeto ou enfrentamentos com o policiamento local, responsável por garantir em tese a sua segurança.

Em conversa com um dos fundadores dos Gaviões da Fiel, Chico Malfitani, me foi relatado que as brigas não são exclusividade do nosso tempo. O que mudou é o grau de intensidade destes embates. Era comum, segundo ele, que ao se deparar com outros torcedores, principalmente da Torcida Jovem do Santos, na década de setenta, os torcedores "saíssem na mão", mas segundo ele, havia um limite: não se chutava alguém caído, não se feria gravemente um rival, buscava-se apenas tomar a camiseta. Por vezes, no retorno pra casa, torcedores que acabaram de brigar voltavam aos seus bairros no mesmo transporte público. Para ele, as regras de sociabilidade se alteraram o que influencia as formas pelas quais a violência é praticada.

Argumento semelhante ao do sociólogo Maurício Murad, especialista em violência no futebol, ao apresentar os resultados de anos de pesquisas sobre a violência nas torcidas de futebol empreendidass com grupos de pesquisadores em duas universidades fluminenses ao

longo de sua trajetória acadêmica[12]. Para ele, o aumento da violência no futebol coincide com o aumento da violência nos meios urbanos brasileiros e não poderia ser compreendida fora deste contexto. Procura argumentar que embora a violência possa ser encontrada em diferentes dimensões dentro do futebol, as causas desta violência devem ser buscadas no que chama de macroviolências da sociedade brasileira: o desemprego, a desigualdade social, a cultura de baixa cidadania da sociedade, falta de uma educação de qualidade para os diferentes grupos da sociedade, sobretudo as classes subalternas, a presença estrutural do crime organizado e do tráfico de drogas na sociedade, a corrupção e a impunidade, seriam os principais fatores presentes em seu texto.

Para o pesquisador, o futebol é um esporte que margeia a violência em sua própria estrutura interna. Simbolicamente trata-se de um embate entre dois, em que um tenta submeter o outro à derrota desportiva; nos jogos há também a valorização da virilidade masculina, acentuada como um dos aspectos que podem decidir estes embates entre clubes. Por um lado, os contatos físicos e a intensidade das partidas podem ocasionar confrontos físicos dentro de campo, que extrapolam para o ambiente ao redor. Por outro lado, é interno ao esporte moderno, a presença de elementos que atuam na educação moral dos sujeitos, ensinando-os a se relacionar com os outros e com os momentos de adversidade, sem que se extrapole limites de civilidade. Desta maneira, apenas a estrutura interna ao jogo não poderia ser considerada um fator determinante para os embates violentos.

Desde a década de 90, esses embates passaram a ocorrer fora do ambiente dos estádios, intensificando a leitura de que se trataria de um problema de "segurança pública". Para Jerry Xavelier, um de meus interlocutores, o problema para eles estaria no fato de que os atos passam a ser generalizados pelos de fora a todos os membros da torcida. Esta posição encontra amparo na bibliografia de Murad (idem), para quem a penalização deve ser individual, resultado de um processo legal, envolvendo investigação criminal, apresentação e acolhimento da denúncia, julgamento, punições se houvessem. Ao generalizar para o grupo, o que o poder público revelaria, para Jerry, "é a incapacidade de lidar com o problema", reagindo apenas quando os episódios ocorriam, para "dar uma resposta à sociedade".

Murad (idem) aponta a necessidade de se buscar soluções de médio e longo prazo, para além destas ações imediatistas. Em médio prazo, propõe que haja um trabalho de identificação dos membros radicais, que se inserem nas torcidas para cometer delitos.

[12] Desde 1988, na UERJ e posteriormente na Universidade Salgado de Oliveira, ambas no Rio de Janeiro, o sociólogo procurou realizar pesquisas qualitativas e quantitativas para compreender o fenômeno da "violência NO futebol", destacando o emprego da preposição como pressuposto de que a violência geral da sociedade, se reproduz especificamente no futebol.

Segundo o pesquisador, trata-se de uma minoria, de fato, que, no entanto, alastra suas práticas aos membros pacíficos destas organizações. Em longo prazo, é preciso considerar um trabalho educativo e preventivo, que necessariamente passa por maior diálogo com os setores menos radicais.

Ainda segundo o autor, a grande questão, porém, é que no sistema de valores dos torcedores, a violência é um critério central de valorização, internamente e externamente nas relações entre os torcedores. Não se envolver em brigas é tido como sinal de fraqueza e sintoma de fragilidade, o que faz com que ataques de grupos rivais se tornem mais constante. Aparentemente, aqui em tom meramente especulativo, os grupos mais radicais não são radicalmente expulsos, porque no sistema de viagens e trajetos que estabelecem em dias de jogos, a proteção destes torcedores é realizada por eles mesmos, sem estes membros dispostos ao embate físico, ficariam vulneráveis aos excessos externos e também aos excessos do policiamento.

Uma das questões trazidas por outro de meus interlocutores, Pulguinha, liderança histórica dos Gaviões e do movimento de torcidas em São Paulo, questionava: "Imagina mano, se a gente quer briga com a polícia. A real é que as vezes a gente se envolvia em situações de confronto em que éramos os culpados, mesmo, mas na maior parte das vezes o que a gente menos queria era o confronto com a polícia, e muitas vezes ela ocorria de maneira arbitrária. Porque a derrota é certa, a polícia vem pra reprimir, não tem diálogo. Agora, você vai ver um jogo, seu lazer, numa semana passa um gambé e dá uma borrachada, no outro vem outro e tum (gesticulava com as mãos como se segurasse um cassetete), na terceira vez alguém dá um tapa e você faz o que? Corre? Dá a outra face? Na maior parte das vezes é isso que ocorre."

Engajar-se em uma briga ocasional é parte da rede de solidariedades destes torcedores. A maioria não sai de casa esperando um confronto, nem com a polícia, nem com rivais, mas se acontece são constrangidos a tomar parte no evento, pelo próprio sistema simbólico que construíram entre si.

2.3.1 A violência banalizada

A violência no futebol *"apresenta diversas faces, faces criminosas, tipificadas em lei, como a depredação do patrimônio público e privado, as agressões físicas e simbólicas, o racismo, as exclusões, as mutilações, as mortes"* (MURAD, 2016, pp. 62). Algumas destas

práticas são relatadas desde o nascimento do futebol, no mundo e também durante todo o processo de desenvolvimento do futebol no Brasil.

Já no século dezenove, na Inglaterra o futebol era um esporte praticado e assistido por variados setores sociais da sociedade. Por sua vez, em seu período inicial, no Brasil, no início do século XX, se apresentava como um esporte *fidalgo* (MIRANDA, 2001). Jogadores e espectadores, ambos pertencentes a clubes aristocráticos do Rio de Janeiro e São Paulo, detinham a hegemonia do desenvolvimento do esporte, em suas regras internas e externas, bem como na escolha de quem pode ou não frequentar o espaço da assistência. Este espaço, nos tempos iniciais era exclusivo das elites das grandes cidades.

Com a rápida popularização de sua prática, o esporte de elite passa a atrair o interesse de outros setores sociais, o que reconfigura não apenas a plateia, mas o próprio desenvolvimento do jogo. Com xingamentos, vaias, ameaças verbais e gritos de incentivo, as plateias passam a se converter em torcedores, aqueles que se contorcem[13] fisicamente durante o jogo, em outras palavras, aqueles que jogam junto com o time, enquanto assistem o seu desempenho, em prol da vitória no jogo. Conforme o espetáculo se tornava atrativo às massas, são produzidas discursos que tentam constranger tais gestos excessivos, tarefa, como se pode imaginar, fracassada em decorrência do aumento substancial dos adeptos de variados grupos sociais, sobretudo a classe trabalhadora do baixo escalão.

Em 1950, quando da realização da primeira Copa do Mundo no Brasil, o futebol já era um espaço de reconhecimento das massas, o que se materializa na construção do Maracanã, o *estádio-nação* (HOLANDA, 2014). Neste período, as charangas eram responsáveis por evitar as vaias a própria equipe, por cultivar o espírito esportivo e por incentivar, com suas bandas, a equipe em campo, com marchas, paródias e o hino dos clubes sendo entoadas em conjunto.

Isso não impedia o relato de agressões físicas e verbais, embora fossem de fato localizadas e motivadas por fatores pontuais. Em fins da década de 60, com a emergência de uma nova *modalidade do torcer* (CANALE, 2012), o cenário começa a se modificar. A cultura juvenil de contestação cultural e política à ditadura militar adentra ao espaço futebolístico, o que por sua vez modifica as arquibancadas. Mais aguerridos em seus cantos de incentivo, dispostos a vaiar, criticar e cobrar os dirigentes, aumentam a temperatura das arquibancadas. Aumenta, também, a repressão a estes torcedores, por parte das autoridades policiais. Assim como, aumenta o conflito entre os torcedores dentro e fora dos estádios.

[13] Embora haja controvérsias sobre o sentido original do termo torcedor, adoto o sentido que me parece corresponder ao que se configura um ato corpóreo, fruto dos efeitos agonísticos do jogo.

Somente na década de oitenta, no entanto, mutilações e mortes começam a ser registradas. Entre 1988 e 2016, mais de duzentos torcedores de futebol foram assassinados[143]. Toledo (1995) relatava o aumento do uso de artefatos bélicos em enfrentamentos de torcidas, já no fim da década de oitenta. Facas barras de madeira e de ferro, socos ingleses, explosivos caseiros e rojões, armas de fogo eram objetos encontrados nas apreensões naquele período. A morte de Márcio Gasparin em meio a batalha campal de torcedores do São Paulo e Palmeiras, episódio televisionado num domingo pela manhã, nitidamente envolvendo os torcedores organizados, levou a um endurecimento da política repressiva nos eventos esportivos no Brasil. Além disso, a partir deste período, imputou-se às organizadas a culpa maior sobre os acontecimentos, de tal maneira, que passaram a ser sucessivamente punidas.

Nesse episódio, as autoridades se eximiram de qualquer culpa e não foram sistematicamente questionadas pela imprensa especializada. Segundo os torcedores organizados, o jogo de extrema rivalidade fora realizado numa época de reformas no Pacaembu. Os materiais de construção, paus e pedras, se tornaram armas nas mãos destes grupos. Com o gol palmeirense, sua torcida invadiu o campo para comemorar, provocando os rivais que estavam nas arquibancadas. O pequeno efetivo policial não teria dado conta de contê-los, culminando na cena mais emblemática visto em um estádio de futebol brasileiro.

Quanto mais tais grupos eram representados como protagonistas deste tipo de violência, maior o número de seus associados. Ao contrário do que se poderia esperar, a década de noventa é o período de maior crescimento no número de associados destas instituições.

Para Pablo (2013) e Feltrin (2015), a década de noventa é o período de emergência de novos atores sociais, sobretudo na periferia. Para estes autores, a década de noventa deteriora as condições materiais de existência nos espaços periféricos da cidade de São Paulo, resultando na acensão do "mundo do crime" (FELTRIN, idem), em contraponto a dissolução da família e dos valores comunitários. O "mundo do crime", para este autor, mais do que espaço efetivo de práticas criminosas, é tomado como representação.

Para Pablo, por sua vez, o crime é meio de ascensão material e simbólica, o que o torna uma representação a ser reivindicada, mesmo que por sujeitos que não são efetivamente criminosos. Para ele, a ausência de espaços de organização popular dificultam o reconhecimento social dos sujeitos que vivem nas periferias, neste processo, a noção de periferia se limita a violência e pobreza. No entanto, tais sujeitos procuram outros espaços

---

[14] Dados do professor Murad em suas pesquisas, levando em conta que as estatísticas só se tornaram de fato mais frequentes a partir de 2002.

possíveis de pertencimento que possa lhes conferir algum tipo de reconhecimento social. Para o autor destacam-se (embora não sejam os únicos) atualmente três espaços , quais sejam, as igrejas neopentecostais, o mundo do crime, e os movimentos culturais que procuram ressignificar os sentidos associados a periferia, em termos de potência e cultura, produzindo assim novos atores sociais "os sujeitos periféricos". Sujeitos que reivindicam o pertencimento periférico de maneira a ressignificar positivamente os sentidos da subalternidade.

Os sujeitos periféricos, da tese de Pablo (2013), são em sua maioria a massa que compõem os associados dos Gaviões da Fiel, e destas torcidas organizadas em geral. Há uma grande influência da cultura periférica em meio aos torcedores de futebol. Não apenas como estereótipo ou como escolha de registro momentânea, mas porque grande parte destes jovens, inclusive suas lideranças do passado e as atuais, são oriundos das periferias da cidade, trazendo para dentro da torcida códigos e comportamentos hegemônicos em seus locais de origem.

Embora haja uma cultura de resistência, a violência se transforma em um dado do cotidiano destes sujeitos, bem como a convivência com seus agentes (a polícia, o crime organizado, os próprios moradores em suas relações pessoais) e suas consequências simbólicas. É este conjunto de aspectos que permite aos torcedores afirmarem que a violência entre eles, só diminuirá, quando a violência diminuir na sociedade.

Embora não possam ser apontados como os únicos responsáveis da violência, as medidas de pacificação dos estádios recaem sobre eles. No período de pesquisa, uma série de confrontos e atos de violência envolvendo as torcidas em geral foram relatados, com os Gaviões da Fiel, apenas dois foram dentro dos estádios, ambos envolvendo a Polícia Militar: um em Itaquera (os episódios das faixas, relatados na introdução) e um no Maracanã (em que 32 torcedores foram presos, acusados de agressão policial). Neste último evento, as consequências foram graves, porque a partir de uma medida judicial carioca, ficaram proibidos de frequentar por seis meses os estádios pelo Brasil e estão proibidos (Gaviões da Fiel, Pavilhão Nove e Camisa 12) de frequentarem as arquibancadas no Rio de Janeiro.

De fato, há grupos radicais e adeptos da violência nos Gaviões da Fiel, mas em geral este é um assunto tabu. O que pude constatar é que quanto mais o associado adentra as relações institucionais da torcida, menor é o potencial de violência dele.

Em conversa na quadra da torcida, Jerry, me relatava que para ele, as diretorias das torcidas tentavam dialogar para evitar ou minimizar os confrontos, mas que os coletivos periféricos são impossíveis de controlar. Quando identificam alguma transgressão, procuram

penalizar o associado internamente, mas não seria possível penalizar aqueles que não são associados e se aproximam das torcidas, esperando uma oportunidade de praticar a violência.

Para ele, os episódios de violência que presenciou produziriam uma gangorra entre a atração e o receio. Aguentar uma briga, sobretudo em minoria, defendendo-se, e defendendo os companheiros de torcida era uma sensação que remetia a potência. Por outro, a imprevisibilidade destes supostos embates deixariam os torcedores receosos. Para ele, conforme se aproximava da sede, como dizem, extrapolando a vivência torcedora com os coletivos espontâneos das quebradas, tornavam-se mais conscientes de suas responsabilidades e de seus limites: "Numa briga, correr é deixar alguém pra trás, ninguém aqui é orientado a ir atrás de uma, mas se ocorrer, o melhor a fazer é tentar resistir em grupo".

Pulguinha, na torcida, me relatava sobre os episódios em que representou a torcida junto as autoridades jurídicas e repressivas que realizavam o trabalho de prevenção entre os anos de 2005 e 2012. Procurava informar a polícia com o máximo de minúcia os possíveis pontos de conflito, ilustrando que o trabalho existe, mas é irregular e insuficiente. Para ele, todos têm suas responsabilidades, os torcedores, as lideranças, os dirigentes, o policiamento, mas não havia esforços efetivos de se construir espaços de diálogo. Além disso, Pulguinha, o problema maior é que a violência seria uma desculpa para o projeto de elitização do público torcedor no Brasil, logo, estas estruturas e espaços de diálogo não interessavam aos que mandam no futebol.

2.3.2) A violência encenada

De fato, a violência é parte do universo do torcedor organizado de futebol. Se ela tem sua dimensão física, ela também se expressa em termos simbólicos. Neste outro sentido, a violência é reivindicada como performance. Ela se transforma em gestos corporais, entonações, xingamentos verbais, atos de fala, cânticos e evoluções coletivas. Nesta outra dimensão ela é reivindicada como signo de identificação, inscrição em uma ordem cultural, que aqui entendemos como parte da *cultura periférica* (PABLO, 2013).

O registro linguístico específico da juventude periférica paulistana, o uso de variantes de menor prestígio, se espalha pela torcida e é mobilizado mesmo por sujeitos oriundos de grupos sociais mais privilegiados. Os códigos do *mundo do crime* influenciam as regras de tais torcedores, o que se expressa na centralidade para os Gaviões da Fiel do lema Lealdade – Humildade – Procedimento, lema atribuído a Edmar Bernardes. Lema periférico, revelador dos valores que norteariam as relações sociais entre os sujeitos a margem da sociedade. Como

todo lema, seus sentidos são abertos e se adequam a diversas situações, de acordo com os interesses envolvidos contingencialmente. O código pode ter suas origens nas relações entre presidiários ou malandros nas décadas de 70, mas quando apropriados pelos Gaviões da Fiel, se convertem em reivindicação identitária.

Assim também operam as músicas que evocam a violência nos estádios, muito mais do que induzir que atos de violência sejam efetivamente praticados, elas são parte do processo constante de identificação destes torcedores. Ao reivindicar esta posição nas canções, os torcedores ativam a memória dos outros e aparecem como violentos, relembrando aos olhares dos outros a sua especificidade. Em suma, a violência entre torcedores é tanto concreta quanto encenada. Quando encenada, em suas diversas dimensões, ela não apenas ritualiza a violência, mas se converte em uma forma de ação política. Diria, de maneira mais simples, que se trata de um aviso, um elemento de barganha no jogo de negociações políticas em que estão inseridos e do qual (mal) fazem parte.

Mesmo entre eles, internamente, os ânimos constantemente exaltados é uma constante. Entre si, além das atitudes corpóreas incisivas, constantemente se tratam por apelidos, por ironias e jocosidades. A ironia, inclusive, parece ser a figura de retórica preferida pela qual se expressam entre si e com os outros. Todos estes elementos podem ser entendidos nos termos de Bhabha, como reveladores de uma "cultura de sobrevivência", em que as identidades não seriam vistas como representações unívocas, mas como performances que reivindicam um lugar de pertencimento, numa estrutura social de imprevisibilidade e dissolução.

A violência entendida como performance sugere que os torcedores a mobilizam como forma de agenciamento nos diferentes palcos em que atuam: na sede, nas ruas, nos estádios.

2.4) Questões de gênero e sexualidade: qual o lugar da diferença

A reunião de novos associados é de fundamental importância, não apenas por revelar os temas que os acometem, ou a maneira como se posicionam, mas também por revelar a maneira como os torcedores se inscrevem naquilo que definimos como subalternidade. Este termo pode ser compreendido a partir das questões de gênero, sexualidade e raça, como elementos que permitem tornar inteligíveis a maneira como a subalternidade opera. Aos Gaviões da Fiel, as noções de classe e de raça são relativamente naturalizadas, porque operam centralmente como símbolos de marcação identitária.

Como demonstramos neste capítulo, a noção de classe se atrela a perspectiva de povo, mais precisamente de "povão", isto é, uma valorização das camadas populares a partir da

maneira como interpretam os símbolos do corintianismo. As noções relacionadas a raça, se constroem a partir da maneira como absorvem aspectos da cultura africana: o samba, o simbolismo religioso, a valorização da cultura periférica, como o universo do hip hop ou do grafite. Esta naturalização não é parte de uma essência imutável dos torcedores, mas é fruto das escolhas feitas ao longo de sua trajetória, na tentativa de se impor socialmente dentro do universo do futebol, a partir das margens.

No entanto, se este processo de construção é parte das potencialidades da organização dos torcedores, não seria possível ignorar parte de suas limitações, que se expressam por meio de estereótipos de gênero e sexualidade, mobilizados em seus discursos, em que mulheres e homossexuais são inferiorizados, em seu sistema simbólico. No futebol, a discussão sobre estes termos se depara com um universo cultural hegemonizado pelos valores de masculinidade mais tradicionalmente registrados na memória social. Fala-se em torcedor de futebol, de saída, assim no masculino, porque embora a presença de mulheres torcedoras possa ser retratada ao longo da história do esporte no Brasil[154], elas costumam ser subalternizadas.

Às mulheres, é imposta uma série de limitações em suas atividades como torcedoras organizadas: não podem tremular bandeiras, não podem tocar os instrumentos, são proibidas de viajar para caravanas que tragam um risco iminente aos torcedores. Além disso, não se espera delas que tomem parte nos eventuais confrontos físicos a que estão expostos esses torcedores. Em termos simbólicos, os signos associados ao feminino são apropriados pelos torcedores como xingamentos ou transformados em símbolo de inferiorização do outro, como no caso da torcida são-paulina, por vezes, identificada pelo signo de "meninas" ou pelo pronome pessoal feminino "elas".

Associa-se a estas formas de manifestação do machismo no ambiente dos Gaviões da Fiel, a prática recorrente de homofobia. Neste segundo caso, a presença de homossexuais é combatida explicitamente. Procuro destacar abaixo o trecho do diário de campo, em que tais questões se tornam mais evidentes:

---

[15] O termo torcedor remete, como afirma Murad (2016) tanto ao gesto corpóreo de se contorcer muscularmente, quanto o ao papel de espectadoras femininas que contorciam os lenços nervosamente durante as partidas, o que evidenciaria a presença de mulheres desde os primórdios do futebol no Brasil. Os próprios torcedores alvinegros atribuem a D. Elisa (Elisa Alves do Nascimento, 1910-1987) a condição de "torcedora símbolo" do Corinthians, ela contracenou com Mazzaropi a comédia dramática, O Corinthiano, em 1966, nas arquibancadas do Pacaembu. Filme que contribui para cristalizar determinados rótulos ao "corinthiano" em geral.

> *"A reunião seria brevemente interrompida, novamente, porque mais mulheres começavam a entrar na sala. A presença destas novas mulheres fez Paracatá solicitar aos homens sentados que cedessem suas cadeiras 'às moças'. A reunião foi brevemente interrompida até que todos se ajeitassem. Paracatá destacaria as regras da torcida, ilustrando algumas das atitudes que seriam consideradas como faltosas. Se a princípio dizia que para se associar bastava ser corintiano, nas entrelinhas deixava claro que a permanência dos novos membros dependeria de uma série de outros fatores.*
>
> *O primeiro deles seria o 'respeito' pelo ambiente da quadra. Era preciso frequentá-la, zelar pelas dependências e estruturas internas, procurar seguir uma conduta que não expusesse os demais sócios a situações de constrangimento, como se utilizar de drogas ilícitas. Desde que cada um fosse capaz de se responsabilizar por suas atitudes, ninguém seria monitorado ou advertido individualmente por elas, a não ser no caso de claro prejuízo ao coletivo.*
>
> *Ao situar o respeito pelo ambiente da quadra, Paracatá foi enfático em dizer que não seriam permitidos atos de homossexualidade. Segundo ele, os Gaviões não tinham nada contra, mas a postura oficial era de se coibir quaisquer manifestações deste tipo. Em seguida, perguntou se alguém tinha algo a comentar sobre o assunto, sendo seguido por um silêncio e olhares fixos em sua posição. Ao meu lado, a senhora que havia entrado por último e que tinha algum trânsito entre as lideranças, disparou: 'Viado, deus me livre', seguido de risadas por parcela considerável das pessoas daquele espaço"*

Tratar os adversários a partir da mobilização de signos da homossexualidade é uma prática constante. Pulguinha me havia dito, que internamente se reconhecia a necessidade de se pautar o machismo, mas em relação a homossexualidade "os caras vão dizer que são homofóbicos e pronto". Foi exatamente o que aconteceu na reunião. No entanto, é possível perceber que embora hegemônicos, o machismo e a homofobia, paulatinamente passam a ser reconhecidos como fenômenos a serem superados.

Exemplo disso, é que os torcedores comuns, em jogos na Arena Corinthians, entoam o grito de "Bicha", quando da cobrança de tiro de meta pelo goleiro adversário. Em meados de 2016, os Gaviões da Fiel emitiram nota condenando oficialmente a prática. Isso revela algum tipo de cisão ou de embate entre grupos que se expressam internamente e de maneira contraditória. A temática, no entanto, é secundarizada por conta da inexistência de grupos homossexuais reivindicando espaço dentro da organização.

Por outro lado, é crescente o número de associadas mulheres, como as duas adolescentes retratadas na descrição da reunião. Externamente, torcedoras organizadas passaram a se articular pelo movimento "Mulheres de Arquibancada", questionando não apenas nos Gaviões, mas em outros grupos de torcedores organizados, igualdade de tratamento. Os mais conservadores torcem o nariz, mas há uma pressão constante e crescente por maior reconhecimento.

A subalternidade, segundo Butler (1997), é uma posição no mundo e não uma condição essencial. Pode-se ser subalterno, por exemplo, em relação às estruturas do futebol-

espetáculo, mas ocupar uma posição de privilégio em outras relações. Externamente não apenas são marginalizadas pelas instâncias do poder hegemônico que os constrangem, como também não se deixam simplesmente assimilar por esta estrutura, reivindicando uma posição subalterna. Internamente reproduzem sentidos hegemônicos, naturalizando a subalternização de mulheres e homossexuais.

Se há algumas experiências do feminino que questionam o papel destinado às mulheres, tanto internamente, como em movimentações mais amplas de torcedoras. No caso da homossexualidade, no entanto, é improvável que em curto prazo haja um avanço das pautas internamente, embora esta tematização venha ocorrendo em reportagens jornalísticas[165]. Estes elementos são parte das contradições que acompanham a trajetória de um coletivo marcadamente anti-hegemônico e subalternizado, o que revela de alguma maneira o próprio movimento da "cultura de arquibancada". Como afirma Hall (2008), tratar a subalternidade como homogênea e unívoca é cometer o equívoco de essencializá-la. A cultura não, em seus termos uma essência, mas um campo de embates sobre que hábitos e práticas sobrevivem, e quais são silenciadas. Revelar a maneira como tais questões nascem nos Gaviões da Fiel é revelar parte destes embates, e a ideia de que culturas são sempre espaços de disputa e tensão, atravessados pela linguagem e pelo poder.

---

[16] Recentemente, o canal ESPN, produziu uma série de reportagens, Futebol fora do armário, em seu telejornal diário, Sportscenter, apresentando torcedores homossexuais que frequentam os estádios brasileiros. Este material pode ser consultado a partir do link abaixo: http://www.espn.com.br/video/706513_futebol-fora-do-armario-torcedores-lgbt-ainda-nao-pertencem-ao-ambiente-dos-estadios-veja-a-2-reportagem-da-serie. Último acesso em: 10/01/2018

3 O mundo da rua

O título deste capítulo remete a um verso de um samba-enredo de 1997, da escola de samba Gaviões da Fiel. Na época, o samba tentava revelar as contradições sociais da cidade de São Paulo e ao mesmo tempo revelar a identificação dos torcedores corintianos com a cidade:

> Meu Deus do céu
> Se essa rua fosse minha
> Ai,eu pintava,
> Enfeitava sem parar
> Milhões de flores,
> O cenário se ilumina
> De confete e serpentina
> Sou "fiel" vou desfilar
> (...)
> Oi bota asfalto nessa terra
> Quando chove brota a lama
> Minha terra da garoa,
> Universo de emoção
> Paquera, sampa, alô paixão
> Em cada esquina sempre tem um "gavião"
> *(Mundo da Rua, samba-enredo da escola de samba Gaviões da Fiel, 1997, composição de Wander Pires)*

Ao procurar organizar a linguagem dos Gaviões da Fiel, dentro do espaço da quadra, procurei demonstrar a maneira como encenam atos linguísticos que representam seu processo de identificação. Neste capítulo, procurarei demonstrar as formas pelas quais se apresentam no espaço público e a maneira como interpretam esse espaço. Na década de 90, apresentada na música a rua é interpretado como espaço contraditório, no qual se expressam tanto a festa, como o drama dos atores sociais. A rua é o espaço do carnaval, mas também o espaço da miséria social. A despeito disso, o Gavião se encontraria em cada uma das esquinas, isto é, seria visto na urbanidade paulistana ostentando seus símbolos.

Talvez porque tenha sido composto no momento de maior turbulência para as torcidas organizadas, em virtude de sucessivas proibições que enfrentavam, o samba procurava ressaltar a popularidade e visibilidade social destes torcedores. De lá pra cá, as ruas nem sempre foram simpáticas aos torcedores organizados, seja porque nelas podem ocorrer embates contra outros torcedores, seja porque a cidade contemporânea é um espaço de exclusão de certos atores sociais.

As roupas, os símbolos, o uso de bonés, de chinelos, em suma deste tipo de vestimenta, continua marcando a maneira como estes torcedores se apresentam nas ruas da cidade. Estas vestimentas também, assim como o uso de elementos linguísticos, revelam a

inscrição em uma ordem subalterna, periférica, juvenil e pouco afeita as regras de etiqueta dos espaços de prestígio da sociedade.

Para estes torcedores, ser de uma torcida organizada, é reinterpretar os espaços da cidade, como espaços do futebol, seja em dias de jogos, seja em outras ocasiões. Ao agirem em grupo, são vistos e reconhecidos pela sociedade, ainda que não sejam necessariamente admirados por quem assiste suas exibições. Por vezes, a sensação que se tem é de que preferem ser admirados às avessas, justamente por aquilo que os deteriora. Desde a década de 70, a pesquisa etnográfica sobre torcedores de futebol, e em especial sobre os Gaviões da Fiel, procura revelar os encontros entre os de dentro e de fora, destacando seus hábitos e comportamentos.

Procurarei voltar a este ponto de encontro focalizando as interações verbais que presenciei nestes espaços. Elas deixam pistas que nos permitem compreender a maneira como por um lado interpretam a esfera pública, isto é, as ruas da cidade, e a maneira como nela encenam performances identitárias que constrangem as esferas de poder tradicionais da sociedade.

3.1Cidades e desigualdade

Caldeira (2012) procura compreender fenômenos emergentes de apropriação do espaço público da cidade de São Paulo. Novos atores, oriundos da periferia da cidade, ocupam espaços por meio de intervenções artísticas e novas formas de deslocamentos, "rearticulando as profundas desigualdades sociais" que marcam as relações no espaço urbano paulistano. Por meio de pixações e grafites, estes jovens adquirem visibilidade social e ao fazê-lo interpelam as esferas centrais de poder. Por meio da circulação motociclística, do skate e do parkour produzem novos circuitos de interação social. Estes fenômenos revelariam os limites do modelo democrático e as contradições e desigualdades sociais que se pode verificar na cidade.

Sobretudo no que tange às pichações e aos grafites, as incursões pela cidade destes jovens periféricos é uma maneira de extrapolar o bairro, a periferia e a consequente invisibilidade social que atinge os grupos subalternos na urbanidade. À sua maneira, tais jovens reivindicam espaços e disputam os sentidos na arena pública, não com o intuito de se integrar aos hábitos hegemônicos, deixando-se assimilar, mas com o intuito de legitimar, se não juridicamente ao menos politicamente, suas práticas, hábitos, rituais e tradições. Opera nestes casos os sentidos de política, como ele vem sendo compreendido pela crítica cultural, e

em grande parte por pesquisadores da linguística aplicada, preocupados com uma pesquisa que considera os postulados antropológicos.

Esses sentidos extrapolam o entendimento de política como a arena pública e oficial, em que a sociedade civil manifesta seus diversos e divergentes posicionamentos. Estes novos sentidos emergem de pensadores que estão mirando o processo global e o local, situados à margem das sociedades. Nestes sentidos, o político (ou a política) é vista a partir de outro tempo e outro lugar, o que traz à tona a produção de novas narrativas e uma desestabilização das próprias categorias pelas quais se entende o político.

Bourdieu (1999) aponta que a leitura da realidade necessita obrigatoriamente de ferramentas cognitivas de mediação entre o intérprete e a realidade. De certa maneira, ao entendermos as relações políticas como restritas às situações oficiais, estamos ignorando outras ações e sujeitos, que por não mobilizarem sentidos hegemônicos a cerca de um tema em jogo, são eventualmente expulsos de uma discussão nas esferas tradicionais de decisão da sociedade. Esse impedimento, no entanto, não necessariamente é definitivo, já que os grupos podem forjar, a partir de práticas ainda não previstas, novas relações e estabelecer novas fronteiras entre formas emergentes de relação.

Retornando ao texto de Caldeira, tanto estas formas de expressão, quanto de circulação, reconfigurariam o espaço público, tornando evidente a apropriação do espaço da cidade por estes grupos de jovens. Para a autora, quatro seriam as características gerais deste processo:

> "Primeiro, eles criam uma nova visibilidade e um novo tipo de presença para os grupos subalternos que rompem um estado de coisas antes constitutivo da ordem pública. Segundo, essa ruptura é contraditória, pois remete a narrativas de direitos e de desfrute e, ao mesmo tempo, se exprime como risco ou tensão, assumindo muitas vezes formas ilícitas e até violentas. Terceiro, tais praticas contribuem, de modo inequivoco, para reproduzir e reforçar hierarquias de gênero. Por fim, quarto, constituem intervenções paradoxais." (Caldeira, 2012, pp. 63)

Na citação acima, a autora se refere as características gerais de pichadores e grafiteiros, motoboys, skatistas e praticantes de parkour, novos atores sociais do espaço público. No entanto, tais atributos seriam facilmente colados aos Gaviões da Fiel, e possivelmente, a grande parte dos grupos de torcedores organizados pelo Brasil. Tais atores são comumente jovens periféricos, inseridos numa experiência urbana que impõem determinados hábitos de maneira desigual. Poderia ressaltar, que esta forma específica de visibilidade, encontra paralelo no espaço do futebol, sobretudo desde a fundação das torcidas jovens.

As ruas, os meios de transportes, as vias de acesso, as praças, os bares, as estações, ao mesmo tempo que se transformam em espaço de manifestação clubística, se apresentam também como palco em que estes jovens se mostram visíveis e, de maneira análoga, aos atores sociais citados acima, reconfiguram os sentidos sobre o espaço público.

3.2) Rua como suporte e símbolo da sociabilidade torcedora

Quando falamos de rua, de que rua falamos? Bakhtin apresenta a rua como espaço em que as classes populares medievais encenam papéis subversivos da ordem estatal e religiosa. Palco dos carnavais, palco da desordem em oposição à ordem, palco em que a fronteira entre artistas e espectadores é rompida e reestruturada. Berman (1986) relê o poema de Baudelaire, os Olhos dos pobres, situando-o em uma experiência mais ampla que as ruas permitem: o encontro entre classes sociais diferentes e a maneira como as experiências públicas deste encontro, afetam o eu-lírico liberal. Para Berman, a cena de Baudelaire revelava o encontro entre mundos separados, em que os pobres, fora do café, admiravam a beleza interna do espaço, enquanto o romântico diante de sua amada admirava a beleza culpada do encontro com aqueles (MAGNANI, 2000).

Simmel (1901) interpreta as metrópoles como causa de patologias mentais de seus cidadãos. Baseada em uma estrutura em que os sujeitos se veem diante de uma hiperestimulação, por um lado, e por outro um declínio da experiência. O caos das ruas da modernidade e sua radical exposição de signos visuais e formas artificiais impediriam o sujeito de compreender e de intervir naquela dinâmica, tornando-o blasé, entendiado e aparentemente alheio a sociabilidade. Individualizado, atomizado e hiperestimula não haveria outra consequência diferente do adoecimento mental destes sujeitos.

Magnani (idem), em “Rua como símbolo e suporte da experiência”, problematiza, à luz da antropologia e dos procedimentos etnográficos, o entendimento sobre a rua, como categoria epistemológica. As ideias acima expostas, dos encontros e das multiplicidades da rua, do caos em oposição à ordem, é justamente aquilo que se pretendeu retirar matar na experiência na rua. Mas segundo o antropólogo, é justamente esta a rua que interessa às reflexões etnográficas. A rua, nesta perspectiva, não é um mero espaço unívoco de relações públicas, mas fruto justamente das relações que se estabelecem neste espaço a partir das relações entre os sujeitos. A rua é significada e palco de significação a depender das sociabilidades que lhe são praticadas, em função dos desejos e das finalidades, dos hábitos e dos personagens inseridos nestes espaços. A rua é assim símbolo e suporte da sociabilidade.

Em suas etnografias urbanas, formulou quatro categorias que contribuíram para a compreensão das sociabilidades desenvolvidas entre os bairros e as regiões centrais da cidade de São Paulo. As quatro categorias são o pedaço, a mancha, o trajeto e o circuito.

O pedaço, espaço contíguo entre a casa e a esfera pública, local de interações que extrapolam a vida familiar, mas que ainda são marcadas por especificidades locais. Esta categoria opera menos por um pertencimento originário, e muito mais em termos de aceitação do grupo àqueles que são vistos como "do pedaço". Na linguagem dos torcedores de futebol organizados, o pedaço é nomeado como *quebradas*, de onde os coletivos partem em direção aos estádios de futebol ou à sede da torcida organizada. Nestas quebradas, as relações se estabelecem entre os sujeitos, principalmente em dias de jogos, combinando locais de encontro para se dirigirem ao centro da cidade ou aos equipamentos esportivos, como os estádios de futebol.

As *manchas*, por sua vez, seriam marcos espaciais da cidade, em que estas relações locais se encontram, um bar, uma praça, um centro comercial, um posto de gasolina. No caso dos Gaviões da Fiel, os torcedores se dirigem a sede da torcida, bem como ao seu entorno, construindo por meio de suas sociabilidades espaços dos quais se apropriam momentaneamente. A Rua Cristina Tomás, espaço onde são colocadas barracas que comercializam lanches aos torcedores que frequentam, o Bar do Getúlio, bem como outros estabelecimentos deste tipo. Além disso, em dias de jogos, as cercanias do estádio de Itaquera são apropriadas por eles, como outras das manchas em que se dão suas sociabilidades.

Os *trajetos* conectam pedaço e manchas, estabelecendo uma rede de relações de atores com hábitos e interesses em comum. Essa rede complexa de relações revela os *circuitos* estabelecidos pelos grupos. É neste trajeto e nestes circuitos que se encontram com outsiders: os de fora do futebol e os torcedores com quem rivalizam. Nestes espaços é que se estabelecem o seu encontro com a cidade.

3.3 Itaquera

Trecho extraído do diário de campo:

> Estacionamento do shopping Corinthians-Itaquera. Dois jovens repetem o breque dos Gaviões da Fiel: Pacaembu ela domina, Morumbi ela destrói/No Rio ela arregaça qualquer um que ela encontra/Não tenho medo de morrer/Eu dou porrada pra valer/Eu amo essa torcida e o nome dela eu vou dizer/ Ga-vi-ões Fiel... Muitos passam apressados ignorando a cena. Na mureta localizada ao lado de uma das

> entradas de acesso ao centro de compras, muitos como eu estão sentados, alguns com camisetas do Corinthians, outros funcionários das lojas, fumando apressados.
>
> Uma senhora que caminhava atrás dos dois garotos, apressada, desviando-se deles e me vendo rir da cena, me dirige a palavra: "Sangue de Jesus tem poder". Os garotos continuam andando e cantando sozinhos entre veículos apressados e motoristas impacientes. Dirigem-se à praça do outro lado da Radial Leste, que abriga a Arena Corinthians, palco de mais um jogo. A senhora segue seus passos apertados, em direção a sua casa. Não deve se sentir obrigada a escutar aquele tipo de atrocidade.

A cena acima é ilustrativa da maneira como os jogos de futebol, com sua mobilização massiva de torcedores, promove alterações de inúmeras ordens no espaço urbano. Os torcedores, sobretudo os organizados, costumam se apropriar destes espaços como se fossem espaços contíguos ao futebol, como apontado no primeiro capítulo desta dissertação. As ruas, vias, acessos, os transportes públicos, ao menos durante o período circunscrito ao jogo de futebol, se transformam em extensões das arquibancadas, impondo àqueles que nada tem a ver com o jogo, os hábitos do torcer. Ainda que nem sempre se dirijam aos não torcedores diretamente, isto é, aos de fora do universo do futebol, suas ações destinam-se a eles.

No caso que inaugura este capítulo, os torcedores estavam cumprindo um trajeto que os conectaria ao evento do jogo. Ao mesmo tempo, eles davam mostras de um tipo particular de apresentação social, em que *re*citavam um dos breques dos Gaviões (espécie de grito de guerra usado por torcidas organizadas nas arquibancadas), justamente o que faz menção mais diretamente a atos de violência. Ao recitá-los fora das arquibancadas, os torcedores desestabilizam o habitual, impondo constrangimentos aos de fora, um constrangimento minimamente calculado. No entanto, em ambos os casos a menção à violência era performativa, violência encenada, porém potente em termos identitários.

Na cena, os jovens mobilizavam o estereótipo pelo qual são enquadrados, como marginais e violentos, para se apresentarem publicamente. Ao mesmo tempo, suas ações aparentavam uma ameaça que não pretendiam cumprir, havia algo de jocoso em seus gestos e particularmente, nenhum contato visual com os outros. Andavam olhando pra frente, como atores num palco em que podem, talvez, ser vistos para além de suas *quebradas*[17]. Isto bastou para produzir certa animosidade silenciosa com aqueles alheios ao jogo, mas não produziu mais do que risos entre os torcedores de futebol, que aguardavam a partida.

---

[17] Quebrada é o termo usado pelos jovens periféricos para se referirem aos seus espaços de vivência social, em geral, localidades periféricas adjacentes aos locais de moradia e estudo. É uma adaptação do conceito de pedaço, proposto por Magnani, em seus mais diversos textos acerca do espaço urbano. Para o autor o pedaço é um conceito aberto, mas que diz respeito sobretudo a noção de pertencimento. Pode-se nascer em um bairro periférico, mas não ser reconhecido como do "pedaço", assim como alguém de fora pode ser reconhecido como pertencente aquele lugar.

A reação da senhora, por sua vez, revelava a maneira como suas performances produziam efeitos em outros personagens sociais que nada teriam que ver com o jogo. Sua fala poderia ser inscrita no discurso neopentecostal que influencia marcadamente os moradores periféricos nas grandes cidades. Mobiliza um discurso que coloca a estes torcedores na posição do mal a ser combatido. No entanto, sua resposta não se destina a estes garotos, mas a mim, outro corintiano, possivelmente por me considerar conivente com a cena. De alguma maneira, o que a cena revelava era uma fronteira, em que sujeitos operam com óticas distintas e se encontram por meio de suas performances identitárias.

Ao assumirem que os espaços da cidade são espaços do futebol, o que os torcedores organizados produzem é certa desestabilização, ainda que momentânea, naquilo que é habitual para os de fora do futebol. Para eles, parecer violento ou maloqueiro, como costumam se referir a si próprio, é fundamental no sistema de valor simbólico em que estão inseridos. *Botar terror, dar um apavoro, provocar, ser folgado*, são espécies de jocosidades que se por um lado ultrapassam as regras de sociabilidades ideais de uma comunidade, por outro revelam posturas agentivas de reivindicação identitária, de pertencimento e principalmente, de valorização dos aspectos marginais e subalternos de constante confronto com o estabelecido. Além disso, neste mundo das ruas às avessas, conseguem visibilidade social, ainda que fulgaz. Como afirma Butler (1997), a interpelação, mesmo que de maneira agressiva e preconceituosa, é também uma forma que reconhece a existência social do outro.

Embora os estádios sejam o seu palco principal, ao se apropriarem das ruas como espaços contíguos à partida de futebol, os torcedores querem ser vistos e temidos pelo conjunto da sociedade, em seus próprios termos. Em geral, atuam em grupo, sobretudo, embora nem sempre estas fronteiras sejam marcadas por certo nível de violência simbólica. Encena-se também gestos e práticas de solidariedade, necessárias a toda e qualquer relação coletiva.

Em outra ocasião, me dirigia por trens urbanos que saem do Brás e tem por destino a estação Corinthians-Itaquera. Um grupo de vinte torcedores que trajavam vestimentas dos Gaviões da Fiel, da Camisa 12 e da Torcida Pavilhão Nove, três das quatro torcidas organizadas mais ativas do Corinthians, se depararam com uma ação de agentes públicos de segurança, ainda na estação Brás. Um garoto de dez anos vendia balas de goma no vagão, ainda estacionado, quando estes agentes adentraram tentando apreender a mercadoria e puxando o garoto com violência. Eles não apenas o protegeram, como conseguiram intimidar os agentes de segurança. Nas duas outras estações em que o trem parou, no entanto, ficaram em estado de alerta, suspeitando de que seriam parados pela Polícia Militar ou por mais

agentes, o que não ocorreu. Identificados com a subalternidade, defenderam um garoto num gesto de solidariedade, e foram defendidos por outros passageiros, que aplaudiram a ação.

Em outra situação, agora no Metrô Tatuapé, assim que um grupo de cinco membros dos Gaviões entrara num vagão, se depararia com um jovem com a camiseta do São Paulo. Foram cantando músicas de provocação aos torcedores rivais, mas em nenhum momento dirigiam o olhar ao garoto ou o intimidavam diretamente. Um dos torcedores tentou chamá-lo, que se manteve indiferente. A provocação aumentou de tom, até que o torcedor são-paulino gesticulou acenando com o dedo para baixo. Os torcedores perceberam que ele era surdo (na verdade, constataram que "o bambi era mudo") e foram gesticulando com o garoto, sem maiores problemas, que reagia tranquilamente às provocações dos torcedores.

Nos arredores dos estádios, muitas situações revelam a solidariedade destes torcedores com a subalternidade. Talvez, em grande medida, porque a polícia (como imagem) seja para eles o principal inimigo. Ao redor da Arena Corinthians, muitos são os ambulantes de mercadorias várias, de camisetas, bonés e chaveiros, cerveja, pinga e água, pizza, toda uma sorte de mercadorias. Como essas práticas são ilegais e os jogos contam com um grande número de soldados espalhados pelos arredores, constantemente situações de conflito podem ser identificadas entre eles e os ambulantes. Como esta prática é um ato ilícito, ou os policiais prendem a todos, indiscriminadamente, ou simulam apreensões, para não "deixar passar batido" como vi um policial afirmando a um ambulante.

Nestas situações, em que vai ocorrer uma simulação de apreensão (eventualmente elas ocorrem de fato), os torcedores costumam defender os vendedores. Colocam-se a frente, discutem com os policiais, aglomeram-se, ajudam a correr com a mercadoria. Na maior parte das vezes, o torcedor comum não se envolve, mas os organizados tomam a frente da situação e impedem algumas arbitrariedades típicas destas abordagens policiais. Ao fazerem, se identificam com o 'tio da breja' ou com a 'tia do churrasco de gato'. Trata-se de um uso de suas imagens, com fins a evitar a apreensão das mercadorias de quem os serve.

Estes aspectos que oscilam entre a violência em potencial e a violência encenada revelam hábitos e sistemas de valores dos torcedores, que por sua vez, revelam uma solidariedade que extrapola o confronto da cena inicial. Ao agirem desta maneira, os torcedores procuram se posicionar como os donos "do pedaço", recriando as regras em função de seus códigos e hábitos culturais. Estes exemplos procuram revelar a rua como suporte destas relações, mas também como símbolos que pertencem aos torcedores.

Desta maneira, Itaquera, região periférica de São Paulo, é apropriada e tratada pelos torcedores como espaço do corintianismo (TOLEDO, 2013). Há uma ligação histórica entre a

região e o S.C. Corinthians Paulista, desde o final da década de 1970, quando um terreno é concedido pela administração municipal com fins de construção de um estádio próprio para o clube. Para fomentar a empreitada, a estação de metrô recém construída pelo governo estadual é rebatizada por Corinthians-Itaquera. Além disso, a região da Zona Leste, em que se localiza a Arena Corinthians é fruto de uma ocupação operária, subalterna e migrante, identificada com o clube, por seu caráter de clube popular.

Claro que não há só corintianos em Itaquera, mas na região ao em torno do estádio, os símbolos do clube são exaltados pelas ruas que circundam o estádio construído para a realização da Copa do Mundo de Futebol realizada no Brasil, em 2014. Interessa-nos esta Itaquera entendida como espaço da torcida, que antes mesmo da construção do estádio, já tratava de reconfigurar os símbolos do corintianismo ao estádio e ao espaço em que se localiza, como procurou demonstrar Toledo (idem). Itaquera é assim acoplada ao patrimônio imaterial defendido pelos torcedores.

Em um dia de jogo da seleção brasileira, em março de 2017, grupos de torcedores organizados se dirigiram ao estádio. Conversando com alguns deles, eles diziam que nem queriam assistir o jogo, mas estavam ali para cuidar da área dos outros torcedores, que não corintianos. Cuidar do que é nosso, do que é meu, é disso que se trata a apropriação dos torcedores. Em dias de jogos, estes trajetos são transformados em propriedades dos torcedores. Eles por isso sentem-se livres a se utilizar de suas formas típicas do estádio e a reproduzirem suas performances típicas.

3.4 Bom Retiro

Se Itaquera representa uma das manchas em que se reúnem os torcedores corintianos, o Bom Retiro com a quadra dos Gaviões e suas adjacências se convertem em outra destas manchas. Nas cercanias da quadra dos Gaviões da Fiel estabelece-se um circuito do futebol paulistano. Em um raio de dois quilômetros se localizam quatro marcos do futebol paulistano: o estádio do Pacaembu, que abriga também o Museu do Futebol; o estádio Palestra Itália, atual Allianz Parque Arena, do rival palmeiras, bem como a sede de sua maior torcida organizada; a sede da Federação Paulista de Futebol, órgão administrativa do futebol de elite e o marco de fundação do S. C. Corinthians Paulista, nos limites do Bom Retiro com o centro paulistano.

Esta região é habitada pelos torcedores de futebol em geral, e sobretudo pelos membros das duas maiores organizadas do futebol paulistano: Os Gaviões da Fiel e a Mancha

Verde, ligada ao Palmeiras, maior rival corintiano. Entre ambas as sedes se alimentaram embates e encontros que construíram uma história de rivalidade entre os núcleos torcedores. Há inclusive mortes entre ambos os lados, nos quais o limite da experiência torcedora se revela de formas trágicas. Há também histórias de diálogos e acordos de paz entre os torcedores.

Abro um parêntese para comentar um destes episódios. Acompanhei um eles episódios, nos quais as lideranças das torcidas Mancha Verde, Gaviões da Fiel, Camisa 12, Torcida Tricolor Independente, Dragões da Real e Torcida Jovem Santos realizaram um ato público em frente ao estádio do Pacaembu, na Praça Charles Miller, num domingo pela manhã de dezembro de 2016. Nesta ocasião, os torcedores escolheram a praça pública como espaço em que encenariam o fim dos embates violentos. Naquela manhã, como pesquisador, cheguei empolgado com a possibilidade de que a violência no futebol fosse superada e que os torcedores reconhecessem aquilo que tem de comum, como elemento mais forte, do que os elementos que os separam.

Durante aquela semana, um avião levando jogadores do clube catarinense Chapecoense sofrera um trágico acidente, em que praticamente todos os membros da equipe faleceram. Quando cheguei na praça, havia grupamentos separados entre os torcedores corintianos e santistas, que aguardavam os demais grupamentos. Apesar de um ar de aparente calmaria, os grupos se observavam a distância, cuidadosos. Não havia a presença de nenhum policial a separá-los, o que poderia em outras circunstâncias tornar a praça da paz em um campo de guerra.

Alguns minutos depois de minha chegada, um grupo de cem torcedores da Mancha Alviverde chegaria cantando “Vamo, vamo, Chapê!”, grito da torcida do clube catarinense, entoada nas arquibancadas de todo o mundo, por força das circunstâncias. Aos poucos todos se aproximaram de um grande canteiro instalado em frente ao portão do estádio municipal e aguardaram a aproximação receosa da torcida do São Paulo. Ocorreu um breve contato entre as lideranças, filmado e registrado por poucos jornalistas, principalmente a imprensa especializada: Lance! e ESPN Brasil.

Rezaram juntos uma Ave-Maria e um Pai-Nosso e tão logo iniciaram meia-hora de cantos em homenagem a Chapecoense e pedindo liberdade para torcer. Se por um lado, os torcedores encenam a violência, encenam a paz nesta circunstância, dentro de um circuito que reconhecem e do qual se apropriam. Quando digo que encenam, não quero dizer com isso que se trata de um falseamento de suas reais intenções. Encenam porque as identidades se constroem por meio de performances, e os signos, podem ser articulados e rearticulados em

função de diferentes interações. Naquele momento suspenderam a violência bruta, e produziram uma cena até então inusitada.

Os torcedores reproduziam suas formas de agenciamentos coletivos, por meio de uma unidade entre rivais, que, no entanto, se expressava tão somente por meio das músicas. Entre si, os membros das torcidas mal se entreolhavam, pairando um clima de constrangimento.

Após este encontro, Jerry, um de meus interlocutores me diria que estes encontros entre lideranças eram comuns, mas que aquele episódio reunia uma quantidade grande de torcedores, sem policiamento, o que deixava todo mundo desconfiado. Os mais radicais nem foram, segundo ele, porque divergiam desse encontro, consideravam-no hipócrita, mas que na verdade, aquele era um passo diplomático: "É como se fossemos embaixadores de países em guerra". De certo, a metáfora revela a maneira como para parte dos torcedores de futebol, a escolha de um time, reencena os mesmos mecanismos pelo qual operam as identidades nacionais.

Sendo assim, o que confere particularidade aos torcedores é a maneira como ocupam estes espaços, e eles os ocupam também em situações diversas dos dias de jogo de futebol. O Bom Retiro e seu entorno costura um circuito pelo qual encenam suas performances em termos de uma postura reivindicatória e em termos da adesão e expressão da paixão futebolística.

A paixão no futebol deve ser compreendida dentro dos limites da noção de pertencimento, que confere ao torcedor, o entendimento de que ele é parte maior de um todo, mas parte agentiva e não passiva, já que capaz de, por meio das ações verbais e físicas nas arquibancadas, influenciar as partidas ou co-protagonizar o espetáculo com os jogadores. Os torcedores fanáticos, isto é, identificados em um nível agentivo com o clube, se veem como partes desta estrutura simbólica ou desta *comunidade imaginada.*

Desta maneira, aos membros dos Gaviões da Fiel, o Bom Retiro é um território simbólico, porque nele se encontra a sede da torcida, mas principalmente nele foi fundado o S.C. Corinthians Paulista. Se tornam assim os donos do pedaço, expressando o corintianismo, seu estilo de adesão torcedora, pelas ruas e espaços do circuito futebolístico paulistano.

3.4.1) Os circuitos da paixão corintiana

O Corinthians foi fundado em 1910 por um núcleo de trabalhadores do baixo escalão entre as ruas Cônego Martins e José Paulino, no bairro do Bom Retiro. Na história oficial do clube, se conta que sob a luz de um lampião, a ata dos fundadores era assinada, ao cair da

noite do dia 1º de setembro. Essa narrativa de fundação se assemelha aos mitos de fundação das nações modernas, em que o mítico e o fatual se entrelaçam produzindo aquilo que Barthes (1968) denominou mitologias. Diz-se na mitologia corintiana que Miguel Bataglia, seu primeiro presidente, teria proferido a máxima: *"O Corinthians é o time do povo, e o povo é quem vai fazer este time"*. Narra-se os anos iniciais de vacas magras, mas de muito empenho e luta para se afirmar no esporte de elite paulistano.

Desde os tempos iniciais, a condição de time do povo foi entretecida ao imaginário do torcedor corintiano, produzindo inclusive disputas recentes em torno do termo povo. Em 2014, o diretor de marketing já respondia aos torcedores que criticavam a alta dos preços no recém-inaugurado estádio em Itaquera: "O Corinthians é o time do povo, do povo brasileiro. O Corinthians não é o time do povão, da classe C e D, só".[18] Para o diretor, o termo povo não se reduz às classes subalternas, e deve ser entendido em termos universais, em que se considera os demais extratos da sociedade, também adeptos do clube. Esse argumento era mobilizado para defender explicitamente o alto valor dos ingressos em face à modernização do futebol.

Em todo caso, para os Gaviões da Fiel, a denominação de time do povo é reivindicada, como até aqui procurei argumentar, em termos subalternos. Ao se fundar como "órgão fiscalizador" independente do clube, frequentemente, os Gaviões da Fiel disputam os sentidos do termo povo, recorrendo às narrativas que evocam esta origem popular. Enquanto muitas diretorias corintianas tentam apagar esta origem, os Gaviões da Fiela tomam como parte central de sua fundação.

Durante sua história, os estereótipos reproduzidos na cultura do futebol (e para além dela) por meio de inúmeros artefatos culturais, remetem o ethos corinthiano a signos de subalternidade: o fanático torcedor que deixa de comer para ver o jogo, o pobre analfabeto que só se satisfaz com a vitória do clube, o malandro que engana aos outros, os marginais e violentos, dentre outras imagens relacionadas à pobreza e as esferas das camadas baixas da sociedade.

Essas imagens cristalizadas ao longo de gerações se convertem em uma rede de xingamentos inerentes ao processo de rivalidade clubístico. Na voz dos rivais, os corinthianos são "marginais", "bandidos", "analfabetos", "favelados", "maloqueiros", "sofredores", "galinha preta", "cachorro", "gambá". Os Gaviões da Fiel tiveram um papel agentivo de conversão destes xingamentos em signos de orgulho e identificação do torcedor corinthiano.

---

[18] http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/09/09/corinthians-e-o-time-do-povo-nao-do-povao-diz-diretor-de-marketing.htm. Último acesso em: 03/12/2018

Não apenas assumindo simbolicamente tais xingamentos, mas os convertendo em hábito, em linguagem, em vestimenta, controlando relativamente tais sentidos a seu favor.

Embora em grande medida espontâneas, as disputas com o próprio Corinthians são constantes. Acredito que haja um entendimento, nunca verbalizado, de que os membros ativos da torcida são mais corintianos que qualquer corintiano, inclusive os membros da direção do clube. O fato de pagarem para assistir aos jogos ao invés de receberem, o fato de "viverem para o Corinthians, e não dele" como afirmava Paracatá na reunião de novos sócios, parece convertê-los em guardiões da alma do clube. Em grande medida, o que está em jogo é a disputa em relação aos sentidos do que é ser corintiano, de verdade, numa busca por certa essência, nunca problematizada.

Desta maneira, a independência dos torcedores em relação às várias estruturas com as quais interagem, revelam elas mesmas, o que de fato lhes importa. E isto é expresso em cada uma de suas atitudes, mesmo aquelas que parecem contradizer a sua história. Em 2013, em meio as imensas manifestações de rua que eclodiam na sociedade brasileira, os Gaviões da Fiel convocaram seus associados para defender a Arena Corinthians, que entrava no ano final de sua construção. Como tais protestos tinham como uma das pautas os gastos públicos com a realização da Copa do Mundo em 2014, os torcedores acreditaram que uma manifestação marcada para a Zona Leste de São Paulo pelo MTST teria como destino o estádio. A manifestação, no entanto, não pretendia demolir o estádio, como pensavam os corintianos.

O episódio pode ser compreendido como uma defesa radical daquilo que consideram como seu patrimônio. Aos membros dos Gaviões da Fiel, e da maior parte das outras torcidas, o patrimônio deve ser defendido com unhas e dentes de agentes externos. Patrimônio pode ser tanto uma bandeira, que transportam, como a camiseta que cada membro leva consigo no corpo. Pode ser tanto o espaço da sede, como os símbolos de identificação clubística. Patrimônio são todos os artefatos materiais e imateriais que simbolizam em algum nível a adesão clubística. Desta maneira, os territórios, as ruas, os espaços, desde que identificados com o Corinthians, são apropriados pelos torcedores e guardados como se fossem de fato deles.

Por isso, todo ano, no primeiro dia de setembro, os torcedores realizam uma tradicional caminhada pelas ruas do Bom Retiro. No ano de 2017, acompanhei este evento e procuro relatá-lo a seguir. Ao entardecer daquela sexta-feira, me dirigi até a sede no Bom Retiro, por volta das dezessete horas. Havia cerca de cem torcedores aguardando o início da caminhada para dali uma hora. Como é costumeiro entre os torcedores, os horários de suas atividades não seguem a precisão exigida pelo mundo dos negócios, trata-se de uma outra

temporalidade, espontânea e arbitrária. Dito de outro modo, há uma grande tolerância com atrasos, aparentemente são desejados e propositais, para que haja um tipo de interação enquanto se concentram na sede.

Aos poucos, chegavam novos torcedores, aumentando significativamente o número de envolvidos. Passava das sete horas, mas nem sinal de nenhum instrumento ou bandeira. Somente por volta das 20h, um grupo de torcedores começaria a tremular três bandeiras de mastro. Duas pretas e uma branca. Todas com o símbolo dos Gaviões da Fiel ao centro, um Gavião que envolve com suas garras o distintivo do Corinthians, ladeado pelo nome da torcida. A bateria começava a ditar o ritmo, entoando o hino corintiano. Aglomerou-se uma dezena de torcedores ao redor do grupo, rapidamente e partiram em direção à rua Cristina Tomaz.

O itinerário passaria pelo coração do bairro Bom Retiro, local de encontro e de passagem de todos os grupos sociais da sociedade paulistana. Cerca de mil torcedores se dirigiriam ao encontro da Rua José Paulino, que liga o Bom Retiro à estação da Luz. Aos olhos de bolivianos, haitianos, coreanos, chineses, mendigos, trabalhadores dos baixos e médios escalões, transitariam por cerca de uma hora, entoando cânticos e sambas de enredo, carnavalizando a fria noite paulistana.

Ao retornar a caminhada, percebi ao fundo carros de polícia, que distantes cerca de meio quilômetro, interrompiam parcialmente as vias que cruzariam o trajeto. Conforme os veículos paravam, no aguardo da passagem daqueles jovens, seus motoristas interagiam com o grupo. Alguns estavam visivelmente irritados com a cena, acelerando em o motor do carro, numa atitude de confronto. Outros acenavam aos torcedores, simulando uma adesão a eles, ainda que visivelmente constrangidos. A maioria, no entanto, procurava não estabelecer contato visual com os torcedores, que ao perceberem isso intensificavam suas performances, parando ao lado do veículo, cantando, provocando, tentando causar alguma reação.

Rapidamente esqueciam estes motoristas e seguiam para outro veículo em que dançavam na frente dos carros, agitavam suas bandeiras e soltavam fogos de artifício. Ao chegarem a rua José Paulino ela estava deserta, sem trânsito ou aglomerações, apenas com carros policiais e de trânsito impedindo o trânsito local. Ao chegarem ao ponto de fundação do Corinthians, sinalizadores e rojões foram acesos e entoou-se por cerca de cinco vezes o hino do Corinthians. A marcha quedou-se ali por cerca de uma hora. Gritos de guerra, canções dos estádios, todas as músicas de exaltação e incentivo ao Corinthians, foram entoadas à exaustão.

Não havia câmeras de TV, não havia plateia, eles cantavam a eles mesmos, num tipo de ocupação do território que mais se assemelhava a um ritual religioso que propriamente a uma manifestação política pública. No entanto, este mesmo ritual se converte em símbolo de resistência, quando compreendido dentro do contexto de suas relações com o Corinthians. Não havia nenhum dirigente do clube, nenhum assessor do marketing, nenhum dos homens de negócio para usarem aquele momento como produto convertido em imagem. A festa oficial de comemoração do Corinthians foi um jantar de gala para associados e convidados, no salão nobre do clube. Nas ruas, no seu local de origem, "o marco zero", os Gaviões guardam a memória, que parece deixada de lado pela direção do clube.

Após este longo momento de exaltação, os torcedores retornariam a sede. Não sem antes protagonizar um confronto indireto com a polícia militar, um de seus rituais de encenação da violência na esfera pública, em que as ameaças não são concretizadas, mas funcionam como atos performativos. A manifestação descia a rua José Paulino no sentido da sede da torcida e passaria em breve por duas viaturas e quatro policiais militares, que acompanharam grande parte do trajeto. Conforme se aproximavam deles, os torcedores começaram a entoar: *"Cuzão, correu com revólver na mão"*. Em geral, este tipo de canto se dirige a um grupo de torcedor rival, dentro dos estádios, em tom de provocação por algum confronto ocorrido. Trata-se de um canto de uso generalizado entre as organizadas, podendo ser entoado no mesmo jogo, por torcidas rivais.

Nesta frase há duas acusações aos rivais: a primeira de ter fugido de uma briga, a segunda de o ter feito com um revólver, elemento que simboliza o gesto de covardia dos rivais. As armas de fogo, altamente disseminadas no espaço urbano, em diversos estratos sociais, é mal visto pela cultura torcedora, já que os embates e conflitos, dentro de um tipo de código altamente flexível construído ao longo das décadas de embates, deveriam acontecer apenas com as mãos. Esse código, flexível, por suposto não é seguido a risca por nenhum dos grupos de torcedores, já que todos os grupamentos, de todos os estados brasileiros, já foram acusados em algum momento pelo porte ou uso deste tipo de armamento.

A despeito disso, não havia, naquele dia nenhum grupo rival, e até onde se sabia não havia ocorrido nenhum confronto em tempos recentes, que despertasse nos torcedores aqueles cantos. Ao se aproximarem das viaturas, o ritmo da marcha foi diminuindo até pararem exatamente na frente dos policiais. A multidão envolveu os cerca de quatro soldados, de tal maneira que a única atitude sensata seria ficar parado. Se o caso fosse de haver qualquer tipo de agressão aos policiais, eles seriam trucidados pela multidão. Os torcedores, no entanto, fizeram silêncio e entoaram: *"Ladrão, devolve o futebol pro povão"*.

Procurarei explicar a origem destes gritos na próxima sessão, mas eles foram criados como forma de dar visibilidade as críticas à estrutura do futebol como um todo. Percebi que os gritos se voltavam aos policiais, que naquele momento ocupavam o lugar do outro a ser confrontado. Conviver com as torcidas nos estádios de futebol, ao longo de minha vida, me fez perceber inúmeras estratégias de confronto simulado com as autoridades policiais. Quando as proibições se iniciaram em 1995, as canções que faziam menção explícita a atos de violência eram repreendidas pelo policiamento. Isso fez com que os torcedores produzissem um repertório musical em duas versões, a permitida e a censurada.

O breque dos Gaviões é um destes casos (tabela 1). Este canto é um ritual dos estádios que naquele momento seria realizado nas ruas, aos olhos de quatro policiais ilhados na multidão. O ritual é simples: os torcedores se abaixam, sem camiseta e aguardam uma voz de comando que recita um verso do breque, os demais se levantam e repetem o verso movimentando seus braços e a camiseta, ao final cantam todos um refrão de exaltação à torcida e rodam as camisetas no ar, enquanto saltam ritmadamente. Trata-se de um gênero relativamente estável, forma típica de agenciamento coletivo dos grupos organizados de futebol, pode ser chamado também por grito de guerra. Procurarei discutir tais formas no capítulo 3, especificamente. Por ora, nos vale o funcionamento e a situação de comunicação criada com os policiais.

Breque dos Gaviões (site oficial dos Gaviões)	**Versão sem censura (cantada em todos os jogos, apesar de proibida nos estádios oficialmente)**
Contra todo ditador que no Timão quiser mandar *Os Gaviões nasceram pra poder reivindicar* *Os direitos da Fiel, que paga ingresso sem parar* *Não temos medo de acabar* *Corinthians joga eu vou tá lá* *Nossa corrente é forte e jamais se quebrará* *Pelo Corinthians, com muito amor* *Até o fim:* *Ga-vi-ões Fiel* *Coro: Eu sou... da Gaviões eu sou* *Corinthians joga eu vou* *E ninguém vai me segurar* (Nem o Farah/fará ou Nem a PM)	*Pacaembu ela domina, Morumbi ela destrói* *No Rio ela arregaça qualquer um que ela encontra-se.* *Não tenho medo de morrer,* *eu dou porrada pra valer,* *Eu amo essa torcida e o nome dela eu vou dizer:* *Ga-vi-ões Fiel* *Coro: Eu sou... da Gaviões eu sou* *Vou dar porrada eu vou* *E ninguém vai me segurar* *(Nem a PM)*

Tabela 1: Breques dos Gaviões da Fiel

A versão censurada pelas autoridades durante muitos anos nascera no contexto de explosão e reconhecimento público da violência entre as torcidas, período inclusive em que embora houvesse sinais de radicalização, o problema era ainda mais ignorado do que hoje pelas autoridades do período.

Os policiais acompanharam a encenação silenciosamente, sem esboçar qualquer tipo de reação visível, embora estivessem visivelmente acuados e constrangidos. Volto a afirmar que embora jocosas e provocativas, o episódio não extrapolou a esfera verbal.

O gesto tinha caráter político, porque aos torcedores organizados, a polícia representa o símbolo daquilo que os reprime nos estádios e em seus pedaços. É possível pensar que, se grande parte destes gestos de violência são relativamente encenados, a ação da polícia na maior parte das vezes é desproporcional ao ato dos torcedores. A provocação e o achincalhe ao outro são procedimentos típicos destes agru pamentos, ora por uma tradição juvenil que se renova e adapta às diferentes épocas, ora porque parte significativa daquilo que estrutura a experiência torcedora depende do outro, do inimigo, do rival a ser vencido dentro e fora das quatro linhas.

Sem dúvida ambos os breques evocam símbolos políticos de resistência, bem como imagens subversivas em que a violência se apresenta na fronteira entre o simbólico e o físico. Se este é o breque dos Gaviões da Fiel, simbolicamente eles provocavam o sistema, elegendo os policiais como os rivais daquela hora. Em grupo, de fato, a provocação não traria maiores consequências, mas elas revelariam parte do processo de agenciamento político dos torcedores, em que diferentes códigos simbólicos se misturam.

No caso, é como se ambos os breques, remetessem, cada um a seu modo aos processos históricos de formação da torcida, nos quais o discurso político de esquerda, se encontra com o discurso do mundo do crime, em forma de samba para se expressar a adesão clubística e a luta social por reconhecimento e direitos sociais. Forma híbrida que marca a historicidade e a inscrição dos torcedores em uma ordem de confronto com as estruturas de poder, constantemente encenadas e reencenadas como táticas de sobrevivência dos grupos. Isto põe em evidência a maneira como aquela situação particular de comunicação se transformava em um exemplo sui generis da ideia de Bhabba de uma cultura de sobrevivência.

Ao lado da dimensão verbo-visual, os gestos corpóreos e de ocupação do espaço, faziam parte da potência daquele ato, intensificando a ameaça aos policiais visivelmente incomodados, mas passivos. As ruas eram dos torcedores e ninguém, nem a polícia, ousou segurá-los.

3.5 As ruas: palco de manifestações

Esta postura de confronto com o que nomeiam por sistema é não apenas um dado da atualidade, mas parte central das narrativas sobre os Gaviões da Fiel. Nascidos da cultura do confronto, próximos das formas de organização popular, a entidade e seus membros procuram nutrir uma imagem de crítica e confronto com a ordem estabelecida. Este confronto é reencenado em momentos de sua história, com diferentes agentes, desde os esportivos aos órgãos públicos. No primeiro semestre de 2016, os Gaviões da Fiel, em aliança com Pavilhão Nove e Camisa 12, as duas outras torcidas corinthianas, encamparam uma série de manifestações dentro e fora dos estádios.

Essas manifestações não tinham o caráter reivindicatório típico dos movimentos sociais organizados. Embora reivindicassem pautas específicas como alteração do horário das partidas e redução do preço dos jogos, era um grito que se dirigia a toda a estrutura social que relacionavam antagônicas aos seus interesses, tratava-se de um momento em que "a coisa explodiu", diria um de meus interlocutores. Desta forma, se apropriaram das ruas como espaços de movimentação política, mas um tipo de movimentação política que se faria por meio de suas formas principais de agenciamento torcedor: os cantos e gritos de guerra, as faixas, os artefatos pirotécnicos, as performances corpóreas. Procedimentos que se interconectam em algum as situações em que as formas das arquibancadas se expressam em manifestações públicas ou vice-versa.

Desta vez no entanto, eram os próprios torcedores que tomavam as ruas como manifestantes, e faziam por eles mesmos o papel de conectar as arquibancadas de futebol e as ruas. Há três episódios que procurarei descrever, que são modos muito específicos e paradigmáticos da maneira como uma torcida de futebol pode extrapolar os limites do campo de jogo, para promover fissuras e feridas nas estruturas centrais de poder.

Entre fevereiro e março daquele ano, as ruas foram ocupadas pelos Gaviões da Fiel como se fossem um movimento social tradicional. Neste período da pesquisa, acompanhei tais manifestações pela mídia e pelos vídeos produzidos pelos torcedores e publicados em plataformas virtuais, como o Youtube. Neste momento, tentava conseguir a autorização do

Comitê de Ética em Pesquisa, e me encontrava impossibilitado de produzir dados para compor este cenário. No entanto, apesar da distância inicial, pude posteriormente conversar com tais torcedores e acompanhar as consequências destes acontecimentos até o final de 2017, período em que de fato as incursões de campo cessaram completamente.

Como já mencionado na introdução, o início de 2016 deflagrou uma série de manifestações dentro dos estádios, chamando a atenção da sociedade civil e extrapolando o ambiente do futebol. As esferas decisórias da sociedade intensificavam um processo de polarização que culminaria com o afastamento da Presidenta Dilma Roussef. Estes acontecimentos reverberavam em todos os níveis e estruturas da sociedade brasileira, incluindo aí o espaço do futebol brasileiro. O próprio Congresso Nacional neste período realizava de maneira incipiente, uma Comissão Parlamentar de Inquérito que tinha como foco investigar os negócios do futebol, sobretudo aqueles envolvendo os dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol[19].

Desde a Copa de 2014, realizada no Brasil, investigações internacionais levaram à prisão José Maria Marin, presidente entre 2011 e 2015 da CBF. Marin, acusado de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, o ex-presidente da CBF foi preso na Suíça e deportado para os EUA, junto a outros dirigentes do futebol. O ex-jogador de futebol e então senador Romário (PSB-RJ, à época) presidiu a CPI com o intuito de indiciar legalmente os dirigentes do futebol brasileiro. O alvo era a alta cúpula da CBF, mas outros dirigentes esportivos estavam implicados num leque de relações envolvendo agentes públicos, empresários e dirigentes de clubes e federações, no Brasil e em outros países.

O pano de fundo da série de protestos de rua dos Gaviões da Fiel era esse. Por um lado, uma crise institucional nas altas esferas do poder estatal, embates físicos entre militantes partidários nas ruas, manifestações e greves sendo convocadas pelos diferentes atores sociais, escolas e universidades públicas ocupadas semestralmente evidenciando por si só os limites do modelo democrático brasileiro. Desta maneira, as ações dos torcedores eram em alguma medida afetadas e impulsionadas por esta politização da vida ordinária.

Logo no início de março, acuada por investigações, criminalizada pelo discurso hegemônico na mídia, a torcida Gaviões da Fiel promove a primeira de uma série de manifestações de rua. Acusada pelas investigações encampadas pelo Ministério Público e pela

[19] O senador Romário (PSB-RJ) relata as atividades da CPI em livro recentemente lançado, em que expõe o que chama de manobras orquestradas pela "bancada da bola" (grupo de parlamentares associados aos dirigentes de futebol), com intuito de dificultar o processo de investigação. O livro "Um olho na bola e outro no cartola" aponta possíveis envolvimentos criminosos entre estes agentes esportivos, muitos dos quais proibidos de realizar viagens internacionais.

Secretaria de Segurança Pública os Gaviões reagiram ocupando as ruas, mobilizando um amplo repertório performático acumulado ao longo de sua trajetória, mobilizando um imaginário relacionado às suas origens de resistência e confronto às estruturas de poder.

Nesta época, conversava com os torcedores ainda de maneira informal, mas pude ao menos captar parte daqueles sentimentos. Em todas as conversas, o assunto se voltava para o momento político brasileiro e para a perseguição que sofriam das autoridades do estado de São Paulo. Para os torcedores os dois acontecimentos estavam interligados, ainda mais porque eram vistos como a torcida do "time do Lula". Em que pese, a histórica proximidade dos Gaviões com os movimentos sociais e populares como MST (Movimento dos Sem Terra), MTST (Movimento dos Trabalhadores Sem Teto) e sindicatos, os torcedores reconheciam a independência da instituição de todo e qualquer partido. Compreendiam que faziam parte deste campo político, mas não se permitiam assimilar integralmente por ele. Estas interpretações produziam elementos que pareciam aproximar a ação dos torcedores dos acontecimentos mais amplos, que ocorriam em outras esferas de poder.

Cerca de três quilômetros separam a quadra da torcida da sede da Federação Paulista de Futebol. Nesta primeira manifestação, cerca de mil torcedores munidos de fogos de artifícios, sinalizadores pirotécnicos, bandeiras, faixas, instrumentos musicais percussivos caminharam ao fim da tarde, realizando uma manifestação reivindicando a diminuição do preço dos ingressos, a mudança dos horários noturnos dos jogos semanais, realizados em função dos interesses comerciais da Rede Globo, assim como, a liberação de frequentarem os estádios sem restrições.

Caminharam pela avenida Marquês de São Vicente, em um trajeto de linha reta, rojões e sinalizadores acesos, encenando nas ruas, as performances das arquibancadas. Entoando gritos de guerra e o hino do Corinthians, os torcedores dirigiram-se à frente da sede da FPF. O ritmo dos estádios ganhava novos sentidos:

"Ladrão, devolve o futebol pro povão"

"Guerra, guerra, guerra: liberdade ou guerra"

"Alô Capez, vai se foder, no fim da história o bandido é você"

Evitando o confronto com a polícia, assim como qualquer ato que os pudesse incriminar juridicamente, a manifestação foi acompanhada por policias militares em todo seu trajeto, sem nenhuma ocorrência ou prisão. Os Gaviões ocupavam as ruas e promoviam uma visibilidade às suas pautas, forjando espaços em que suas vozes pudessem ser escutadas.

Na semana seguinte, um novo ato com cerca de trinta torcedores se dirigiu à porta da Assembleia Legislativa do estado. Novamente com faixas e alguns instrumentos, trajados de

camiseta regatas, bermuda e chinelos de dedo, os torcedores pediam a abertura de uma CPI que investigasse os desvios de verba na educação paulista, denúncias que circulavam desde janeiro na mídia, envolvendo um suposto recebimento de propina por assessores de Fernando Capez, então presidente da casa.

Novas músicas foram criadas entre os torcedores, inspirados naquilo que habitualmente fazem nos estádios. Holanda (2007) argumenta que os cantos do torcedor de futebol nos estádios se aproximam dos procedimentos parodísticos apontados por Bakhtin como típicos da cultura popular. Um sistema de bricolagens, subversões e adaptações se expressam na produção destes cantos, que tanto manifestam os sentimentos da adesão clubística, como reivindicam posturas identitárias, tanto reafirmam posicionamentos, como podem sugerir o confronto verbal com o adversário ou com outro. Sistema de provocações, ironias, ataques, achaques, jocosidades, em que o xingamento e agressão verbal atuam imperativamente.

Evocando os procedimentos realizados ao longo de décadas nos estádios e ruas, os torcedores cantavam interpelando diretamente ao deputado, produzindo um forte constrangimento apesar do pouco número de associados presentes nesta manifestação. Acostumados a cantar noventa minutos, as trinta vozes não passaram despercebidas:

"Uni-duni-duni-tê, criança na escola não tem o que comer, alô alô Capez pode pagar pra ver, os Gaviões chegou pra derrubar você".

"Eu não roubo merenda, eu não sou deputado, trabalho todo dia, não roubo meu estado"

Recebidos por alguns deputados da situação e oposição, as lideranças apresentaram as suas pautas, sabedores das dificuldades que se avizinhariam.

A reação do poder público foi confeccionar um pedido de fechamento da sede no Bom Retiro, baseada na ausência de alvará de funcionamento. Neste dia[20], reuniram-se com cerca de cinco mil membros em uma grande manifestação no Vale do Anhangabaú. Em 1995, manifestação semelhante havia sido organizada pelas Torcidas Organizadas a fim de promover a paz e conseguir a liberação para frequentarem os estádios. Além disso, o Vale do Anhangabaú sempre foi um dos palcos de manifestações populares ao longo da história da sociedade paulistana, assim como a Av. Paulista e a Praça da Sé. Região central e que permite o acúmulo de milhares de pessoas, os Gaviões seguiram com a proposta de demonstrar as

[20] http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/sedes-da-gavioes-e-da-pavilhao-9-sao-emparedadas-apos-acao-da-policia.html. Último acesso em: 02/12/2017

autoridades o seu potencial mobilizador, como forma de abrirem as estruturas de poder à negociação.

As falas[21] no carro de som evocavam o sentimento torcedor, que não poderia ser tirado deles, embora todos os adereços identitários: roupas, chinelos, pirotecnia, instrumentos, bandeiras e faixas estivessem proibidos. Tirava-se a superfície, mas não podiam matar as profundezas do sujeito "gavião", acostumado historicamente com as lutas e resistências a que foram submetidos ao longo de sua trajetória.

Como afirma Butler (1997), os impedimentos e cerceamentos para que os sujeitos subalternos possam falar, elas mesmas se constituem em oportunidades. Ancorados em um discurso político, que evoca imagens históricas do grupo, assim como se posicionando a partir de uma ótica subalterna, os torcedores de futebol encenaram suas performances arranhando as estruturas de poder. Na impossibilidade de ter um espaço em que suas opiniões sejam ouvidas, os torcedores, a partir de suas manifestações, forjam um outro lugar, ao qual reverberam seus sentidos, em seus próprios termos.

Em maio, do mesmo ano, em meio ao caos instaurado na vida política brasileira, jovens secundaristas ocuparam as galerias da Assembleia Legislativa, assim como centenas de escolas. Esta série de ocupações questionava a qualidade do ensino básico a que estão submetidos os estudantes paulistas, ao mesmo tempo em que solicitavam a abertura de investigações que pudessem implicar e punir os agentes denunciados pelo Ministério Público no que veio a ser chamado de Máfia das Merendas. Após três dias de ocupação, conseguiram coletar as assinaturas necessárias para a abertura da CPI e saíram das galerias cantando as paródias criadas pelos Gaviões da Fiel. Sem que pudessem controlar, as arquibancadas se aproximaram das cadeiras escolares, e os termos dos Gaviões da Fiel, foram eles mesmos apropriados pelo grupo de estudantes.

Explicando as manifestações, posteriormente, os torcedores diziam que a história dos Gaviões os obrigaria a tomar partido em relação ao processo de elitização do futebol. Chico Malfitani, um dos fundadores da torcida, relatava que os objetivos iniciais da torcida eram derrubar as duas ditaduras que enfrentavam no Brasil: a ditadura de Wadir Helu, presidente do Corinthians na década de 1960, período de crise desportiva do Corinthians e a ditadura dos militares, que assumira o poder com apoio das elites brasileiras em 1964. Também relatava, que em 1979, em um jogo Corinthians e Santos, os torcedores levaram uma faixa com a inscrição "Anistia, ampla, geral e irrestrita" e tiveram que defendê-la aos socos e pontapés da intervenção imediata do policiamento.

[21] https://www.youtube.com/watch?v=1qEx-CHGgYI&t=207s

Posteriormente, Pulguinha me relatava o envolvimento dos Gaviões nas manifestações pelas Diretas, em 1985, no Fora Collor, em 1992, nas manifestações contra a presença de George Bush, no Brasil, em 2007. Assim como o apoio oficial, em notas aos diversos movimentos políticos reivindicatórios que ocasionalmente eclodem na sociedade paulista. Pulguinha e outros associados dos Gaviões tem um histórico de participação nos movimentos de luta por terra e moradia, capitaneados pelo Movimento dos Sem Terras (MST) e o Movimento dos Trabalhadores Sem Tetos (MTST). Além disso, muitos associados fazem parte do movimento sindical, bem como atuam politicamente por diferentes partidos na sociedade.

Os torcedores, nestas manifestações, evocavam esta memória por meio de discursos e narrativas, como estratégia de convencimento e adesão de seus associados. Além disso, ocupavam as ruas com seu repertório construído ao longo de décadas nos *trajetos* entre os estádios e dentro deles. Habituados ao confronto e aos embates transformaram o futebol em pauta politica, extrapolando os interesses imediatos do torcedor, fazendo valer a sua dimensão de movimento social organizado. Ao extrapolarem a esfera imediata que lhes construiu, produziram novas fronteiras de debate político, em que nem se deixam assimilar pelo poder, nem se submetem exclusivamente a esfera tradicional. Os Gaviões da Fiel, nestes episódios, implodiriam a máxima do senso comum em que futebol e política não se misturam.

Para conseguirem se fazer ouvir, reproduziram as performances identitárias específicas dos torcedores: suas vozes dependem das músicas, dos cantos, da agitação coletiva. Seu potencial de mobilização se deve ao fato de que torcedores organizados não se reúnem apenas para torcer nos estádios, mas se reúnem essencialmente para manifestarem suas adesões coletivamente. Esses torcedores têm a disposição de cantar noventa minutos, apenas pelo prazer de cantar, por algo que extrapola a esfera da racionalidade e se aproxima do campo da experiência em estado bruto. Limitados, em sua atuação nos estádios, a mobilizarem todo o repertório de atos de linguagem, de encenações corpóreas e de expressar ser gêneros de discurso, aproveitam outras ocasiões para manifestarem seus hábitos. Hábitos que extrapolam certamente o universo da utilidade e da racionalidade. Subestimar este aspecto é subestimar a potência de suas vozes e mesmo a capacidade transformadora que está contida nestas experiências coletivas de torcer.

Tais torcedores se veem como parte de uma nação, no sentido de Anderson (2002), em que a nação é uma comunidade imaginada, construída simbolicamente, por meio de mitos, narrativas originárias, heróis e símbolos que são compartilhados por um povoamento. Para os torcedores de futebol, nação é a torcida de seu time, no caso a “nação corinthiana”. Neste

sentido, os mitos de origem tanto dos Gaviões, como os mitos de origem corintianos são reivindicados como estratégias políticas. Ao ocuparem as ruas como movimento político, os torcedores estão ativando os signos de pertencimento identitário, mas também, signos que facilmente se associam à esfera dos movimentos reivindicatórios urbanos. Esta estratégia híbrida constrange o poder, porque até certo ponto, não se consegue eliminar por completo a visibilidade destes torcedores.

Em seus próprios termos e a partir do uso político de seus hábitos nos estádios, os torcedores "põem a prova os limites do processo de democratização (…) e os contestam por meio de atos transgressivos" (CALDEIRA, 2012, pp. 32).

3.6 O circuito da violência

Há também a apropriação destes territórios como palco das brigas e atos de intolerância entre torcedores adversários. Embora não seja alvo desta pesquisa, o processo de elitização do futebol parece ter de fato diminuído e controlado a violência dentro dos estádios, mas incapaz de controlá-la fora destes limites. É aí que ocasionalmente as ruas se transformam em campos de batalha física entre eles.

Desde meados da década de noventa, segundo Pulguinha, as lideranças da torcida tentaram organizar os associados a partir de suas *quebradas*. Estes torcedores, em dias de jogos, deveriam sair de seus bairros, se encontrarem regionalmente (Zona Sul ou ABC, por exemplo) e rumarem para a quadra ou para o estádio, diretamente. Em dias de jogos de risco, clássicos envolvendo equipes de São Paulo, há uma maior mobilização destes coletivos torcedores, produzindo um estado de atenção tanto nas autoridades policiais, envolvidas diretamente e indiretamente com a realização da partida de futebol, como nos próprios torcedores.

Os embates violentos, nestes dias, são sempre uma possibilidade. Torcedores organizados, policiais, torcedores comuns, os cidadãos alheios ao espetáculo, todos em alguma medida são afetados em maior ou menor nível. No tempo desta pesquisa, muitos embates foram relatados, mas nem sempre tinha a certeza do envolvimento do núcleo desses torcedores. A polícia, autoridade do estado mais diretamente envolvida com a realização do espetáculo, não costuma apresentar investigações muito rigorosas, e nem todos os envolvidos autuados permanecem presos ou são processados. A imprensa, por sua vez, restringe sua cobertura a informações fragmentadas e parciais das autoridades policiais e acaba não aprofundando as investigações. Estes procedimentos, aliado a ideia de que a violência no

futebol é um problema menor da sociedade, acaba banalizando a própria violência e contribuindo para a sua reprodução.

4 Vou de arquibancada; agenciamento torcedor e consumo

A adesão a um clube de futebol foi analisada por Damo (2014). Para o autor, o futebol é ao mesmo tempo o produtor de seus espectadores, mas também produzido por eles. Para o antropólogo, descolar a "performance dos jogadores" do "contexto do jogo" seria ignorar o fato de que se trata do "encontro de duas comunidades de sentimento pontualmente representadas". Isso porque o público ao interpretar o universo simbólico do futebol acrescenta novos componentes imaginários ao jogo, assim como contribui para a construção do espetáculo, por meio de suas ações práticas nos jogos.

Da mesma maneira, Toledo (1993) tece considerações sobre o papel agentivo dos torcedores de futebol nos estádios. Ao mesmo tempo em que o futebol é jogado, ele também é narrado, isto é, sobre ele são produzidos enunciados tanto espontâneos, como por meio da mídia. Este conjunto de enunciados produz a base sobre a qual se assentará uma comunidade de sentimentos, produzindo um laço particular de identificação, o clubismo (DAMO, 2014).

O futebol, para Wisnik (2008) é um campo em que se expressa "o vazio da vida", em suas palavras, a necessidade de se produzir ou procurar sentido ali onde ele falta. Essa produção da presença se dá numa temporalidade própria, diferente, para não dizer oposta ao cotidiano. Aderir a um clube de futebol é aderir a uma ordem específica em que por meio do sentimento, se toma parte num grupo de coletividade que lhe representa. Em termos de uma psicologia das massas, Wisnik propõe que o futebol produz um tipo de identificação cega, entre sujeitos, que projetam sobre um objeto imaginário, uma 'ideal-de-eu', em suma, de uma representação de si, que obrigatoriamente se faz em relação com os outros.

Damo (2014) explicita, por sua vez, que estas representações são fruto da fruição estética do jogo, em que dois se embatem fisicamente visando a submissão do outro em termos plásticos e esportivos e por outro lado, esta estrutura agonística, é palco de uma representação dramática de conflitos sóciocêntricos. Para ele, ao abordar a maneira como as adesões clubísticas se desenvolvem deve-se ter em mente o papel de centralidade que o futebol tem no mercado de bens simbólicos, convertendo-se em futebol de espetáculo.

Pensando em conjunto com estes autores, o futebol produz um tipo de adesão coletiva a certa comunidade de sentimento construída dentro circuito do futebol-espetáculo. O envolvimento do torcedor com o jogo se dá em diferentes níveis, já que o futebol é tanto um evento assistido presencialmente ou por intermédio dos meios de comunicação de massa, principalmente, a televisão. Os torcedores que aqui nos interessam são os torcedores

organizados de futebol, pois ao frequentarem os estádios de futebol carregam uma especificidade de tomar parte direta nos eventos de jogos.

Para os torcedores organizados, não basta a adesão sentimental à distância, mas o papel agentivo, a disposição de tomar parte nos eventos. O clube é uma representação, representada no jogo pelos jogadores, isto é, a delegação de um time. A eles se delegam a representação de uma comunidade de sentimentos. Os torcedores, por sua vez, são representados pelos jogadores, mas ao mesmo tempo, quando no estádio, representam uma comunidade maior de sentimento, os demais torcedores que assistem o futebol por meio de outras mídias. Dentre estes torcedores no estádio, há um grupo que se dispõem a cantar, realizar evoluções e defender fisicamente aquela comunidade de sujeitos, estes são os torcedores organizados, vistos a luz dos Gaviões da Fiel.

Estes torcedores agem dentro dos estádios construindo sentidos, evocando um passado, mas reinscrevendo este passado contingencialmente em sentidos contemporâneos. Acreditam que sua ação é capaz de influenciar os acontecimentos dentro de campo, e o fazem por meio de símbolos visuais e verbais. Irritados, também podem transformar a esfera de sentimentos positivas em críticas, por meio de vaias e xingamentos coletivos. De certa maneira, não podem realizar este papel de outra forma que não por meio da produção de contextos de comunicação, na qual se dirigem aos demais agentes do jogo de futebol.

O agenciamento dos torcedores mobiliza um arsenal de elementos de linguagem, produzindo situações comunicativas. Neste contexto, suas músicas, seus xingamentos, suas faixas, seus corpos, suas evoluções gestuais, os artefatos pirotécnicos podem ser interpretados como enunciados multissemióticos, que se entrecruzam e se sobrepõem, para marcar a especificidade de seus hábitos de torcedores, conferindo-lhes visibilidade e aceitação, por um lado, ou produzindo cerceamentos e repreensões por outro. Tratam-se, estas formas linguísticas como as formas pelas quais fazem funcionar seus mecanismos de sobrevivência.

Estes torcedores procuram apresentar por meio destas formas, os sentidos pelos quais gostariam de que o futebol e o Corinthians fossem compreendidos. Em grande parte, como todo enunciado, eles são e polifônicos. Em termos culturais são fruto de uma história híbrida, em termos de sua composição como linguagem retomam sentidos e vozes dos outros com quem dialogam. Interessa-nos nesta pesquisa os enunciados capazes de revelar esses diálogos, quando acontecem e a quem se dirigem. No entanto, compreendê-los é possível quando se considera questões específicas e nem sempre visíveis da estrutura de poder do futebol-espetáculo.

Ao aderir ao sistema do clubismo, os torcedores aderem a um sistema de representações que passam a influenciar suas interpretações de mundo. Por outro lado, este sistema de adesão amadorística se coloca à prova diante da produção do futebol como espetáculo, isto é, como uma mercadoria simbólica. Como toda mercadoria, se subordina ao funcionamento de um mercado, baseado na noção de oferta e demanda, ofertado em praça pública. Não se pode ignorar o fato de que o futebol mobiliza interesses do mercado financeiro e do movimento de capitais.

Para apresentá-lo como mercadoria, procuramos na introdução, apresentar parte de sua história, sobretudo o papel agentivo da FIFA, não como órgão de gestão do futebol e suas regras, suas memórias, mas, sobretudo como empresa transnacional, cujo produto futebol é ofertado aos torcedores. Esta massa de sujeitos converte-se em consumidores, que passam a ter seus comportamentos regulados pelas exigências do mercado, em alguma instância.

Como torcedores consumidores, os torcedores são colocados em uma posição de passividade. Os que frequentam os estádios, por sua vez, passam a fazer parte da imagem que será apresentada pela mídia. Se o comportamento dos torcedores, constrange de alguma forma o discurso padronizado do futebol-espetáculo, ele passa a ser alvo de críticas, coerções, silenciamentos e proibições. Tudo com vista a não se produzir uma imagem que não possa ser explicada pelo hegemônico.

O comportamento dos torcedores organizados constrange porque apesar de inserido dentro de uma lógica maior, procuram agentivamente impor outras formas e sentidos, não necessariamente hegemônicos. Constrangem as estruturas de poder porque não podem ser regulados e controlados, e porque dentro de seu arsenal performativo, cria e recriam formas de burlar as coerções e limitações das estruturas de poder. Desta maneira, procura argumentar que os Gaviões da Fiel procuram resistir e disputar os sentidos sobre o futebol, por meio de um papel agentivo, revelando as dissonâncias existentes contemporâneas da modalidade esportiva. Estes torcedores não apenas querem influenciar seus times, mas querem ser reconhecidos socialmente como coagentes do espetáculo.

4.1 Arena Corinthians e a modernização corintiana

A estrutura dirigente do futebol brasileiro, que envolve clubes e federações e investidores econômicos, foi produzida de maneira reativa aos caminhos que o futebol globalizado veio tomando ao longo das últimas décadas. O futebol brasileiro é descrito em crise desde o final da década de 70. Esta crise pode ser descrita na diminuição que o esporte aparenta mobilizar, devido aos problemas que o cercam. A diminuição do público nos

estádios, a violência entre torcedores e com o policiamento, a infraestrutura precária das praças esportivas, o nível técnico dos jogos, a exortação constante e massiva dos bons jogadores, enfim, uma série de questões que são, ao mesmo tempo, causadas pelo processo da globalização, bem como os elementos intrínsecos a este processo.

Se até meados da década de noventa era possível que clubes brasileiros competissem em condições de igualdade com os clubes europeus, desde a virada da década, produziu-se um abismo colossal e auto-evidente entre a maneira como o futebol se dá nos grandes centros e nos países sul-americanos. Este abismo é fruto do processo de capitalização dos clubes europeus, convertidos em empresas. A concentração do capital reproduz no âmbito do futebol a divisão social do trabalho: nos convertemos nos exportadores de mão de obra qualificada, para as maiores vitrines do futebol mundial e por sua vez, produzimos um espetáculo desinteressante.

Em meio a este crise, os grandes clubes brasileiros procuraram reagir e sobreviver dentro das limitações desta realidade. De alguma maneira, seria importante produzir uma imagem de empresa para atrair investidores para o mundo do futebol, de tal maneira que pudessem ampliar suas receitas. Aos poucos os clubes de futebol de elite, e aqui nos interessa o caso específico do Corinthians, incorporam parte dos valores e das práticas europeias. Desde 2008, ano de seu rebaixamento, que provocou uma ferida narcísica no corintianismo, o Corinthians procurou se oferecer de maneira mais incisiva neste mercado de bens simbólicos.

Baseado em preceitos publicitários, o chamado *marketing*, procura construir uma imagem que possa ser vendida. Ao costurar esta imagem, com um time em frangalhos na segunda divisão do Campeonato Brasileiro, a direção corintiana procurou vender como centro dessa imagem, a adesão presente e agentiva de seus torcedores. Falava-se em "República Popular do Corinthians", "Um bando de 30 milhões de loucos". Procurava-se mobilizar o sentimento torcedor em pról de se reparar a simbologia ferida. Desde então, o Corinthians empreende um processo de modernização de sua imagem, do clube, do elenco de futebol, o que o faz superar parte de suas faltas: a falta de títulos internacionais, a falta de estabilidade financeira, falta de um estádio, a falta... Em suma, procurava se utilizar da imagem de um clube popular, para alçá-lo ao primeiro lugar na elite do futebol.

Acompanhado de perto pelos Gaviões da Fiel, este processo lhes prejudica, transformando o público em consumidor, o que diminui o apoio ao clube dentro de campo. Para eles, trata-se de um processo excludente, como informavam meus interlocutores, nos quais as organizadas sequer são consultadas, na maior parte das vezes. Para serem ouvidas,

procuram constranger os dirigentes em dias de jogos, o que faz com que parte de suas demandas possa ser aceita eventualmente.

Este processo de inserção na ordem globalizada se concretiza e sintetiza na construção da Arena Corinthians. Procurando analisar a maneira como a construção da Arena Corinthians seria incorporada no sistema de representações do que define como *corintianismo,* Toledo (2013) frequentou os arredores da obra instalada em Itaquera. A construção do estádio corintiano, como se sabe, se consolida no contexto de realização da Copa do Mundo de 2014. O estádio seria construído com subvenções público-privadas em vista de receber a partida inaugural do torneio, momento em que o mundo estaria voltado para Itaquera. Como de fato ocorreu, o estádio se adequou a exigências da Fifa, o que teria, segundo o clube, encarecido o valor final da obra.

Para ele, interessava o fenômeno da visitação dos torcedores ao canteiro de obra, como gesto de se apropriar física e simbolicamente o quanto antes daquele espaço. Tratava-se de uma redefinição do estilo torcedor corintiano, em que o estádio surgiria como signo modernizante em um repertório simbólico tradicionalmente contendora, popular e estigmatizada por seus adversários.

Cabe destacar que o estádio ganhava importância para aqueles torcedores, devido ao estigma de "time sem estádio", alimentado pelos torcedores rivais, no sistema de depreciação construído no circuito do clubismo paulistano e nacional. De fato, o Corinthians era dono de um estádio, a Fazendinha ou Parque São Jorge, no qual não realizava jogos desde 2002, preferindo o estádio municipal do Pacaembu, espaço público convertido em símbolo do corintianismo. A construção do estádio punha fim àquele estereótipo, assim como as recentes conquistas futebolísticas da Copa Libertadores e do Mundial Interclubes, em 2012, punham fim ao estigma de clube caseiro, desconhecido internacionalmente.

O espírito otimista dos torcedores colocava a obra como um símbolo da transformação do Corinthians, de rebaixado a maior clube do mundo. Exageros de torcedores à parte, viam a construção do estádio como a construção de uma casa, e personificavam o estádio, antes mesmo dele ser ocupado pela massa que lhes dá corpo.

Bocchi (2013) procurou demonstrar o processo de atualização que ocorre na mudança da casa corintiana, do estádio do Pacaembu para Arena Corinthians. Para o autor tratava-se de uma mudança de espaço que acarretaria em ressignificações e readaptações das práticas e dos hábitos torcedores. Recorrendo a história dos estádios no Brasil situa o Pacaembu como parte de uma das etapas de desenvolvimento do futebol. No período de sua construção, interessava

o futebol em sua dimensão de evento de massas, portanto, os estádios se tornam paulatinamente maiores e possuem um caráter público.

Já a Arena Corinthians seria fruto de um momento em que o futebol é de fato convertido em produto imagético, assemelhado ao teatro ou a cinema de massas. As arenas são construídas para que as plateias fiquem sentadas e possam fruir do espetáculo. Desta maneira, as formas, até então tradicionais, de se torcer em pé, pulando nos degraus de cimento de arquibancada, teriam de se adaptar a nova arquitetura, além de se readequar nos espaços adjacentes do estádio.

Como resultado deste processo, os torcedores passam a ser obrigados, na prática, a se converterem em sócios-torcedores, outra categoria pelo qual os torcedores atuais podem ser entendidos, se quiserem assistir aos jogos do clube. Na aplicação do plano de sócios do Corinthians, o Fiel Torcedor, paga-se uma mensalidade, a depender dos benefícios que se pretende. Com essa adesão recebe o direito de comprar os ingressos de maneira exclusiva, por um período de tempo.

Os organizados formam uma categoria excepcional dentro do plano, já que pagam um valor menor, fruto de acordo com a direção do clube. Além disso, a eles se destina um espaço específico dentro do estádio, o setor norte, situado atrás de um dos gols.

4.2 A arquitetura da Arena Corinthians

O futebol, como acontecimento, é apresentado por Toledo (1993) como espaço de subversão da temporalidade regular da vida cotidiana. No futebol, o tempo se aproxima do espaço dos rituais, assim interpretado pelo geral dos torcedores. Por isso, os torcedores, diante do acontecimento, carregam esta temporalidade para outras esferas que não as arquibancadas. No entanto, é nelas que agem e exercem a sua influência. Interpretam-na como um território permissivo, em que práticas corporais, hábitos particulares, xingamentos e outras condutas condenáveis nas esferas centrais da sociedade, são tidas como lícitas.

Cientes disso, as autoridades agem nestes espaços ostensivamente desde 1995, principalmente, com o intuito de coibir tais práticas. Este processo ocorre tanto por meio de ações concretas, por meio do aparato policial, em dias de jogos, como também de maneiras mais sutis, na tentativa de pôr ordem no aparente caos. A arquitetura dos estádios tradicionais, como Pacaembu e Morumbi, permitem que haja espaços em que tais relações aconteçam.

Em geral eles foram construídos para que os torcedores ocupem aleatoriamente o espaço que lhe conviesse e acompanhasse o jogo em pé. Eram basicamente divididos em três

setores: a geral, a numerada e as arquibancadas. Embora com particularidades, estes termos servem como uma referência para o tipo de público que adentrava aos estádios: a geral corresponde a um setor mais barato, as arquibancadas a preços medianos e as numeradas com valores mais altas, permitido ao torcedor permanecer sentado durante o jogo.

Quando compravam ingressos para um determinado setor, não se tinha um lugar demarcado, podendo escolher a região mais adequada dentro do amplo espaço para assistir ao jogo. O paulatino processo de atualização destas arenas foi construindo setores mais organizados, com a desculpa de, por um lado diminuir a violência e por outro propor um estádio menos precário aos torcedores. Este processo atinge seu máximo com a construção das novas arenas, com vistas a realização da Copa do Mundo.

No caso da Arena Corinthians, a arquitetura é produzida dentro de uma lógica de mercado. Holanda (2014) e Campos (2014) apontam dois campos discursivos hegemônicos neste processo. Um de viés técnico-arquitetônico, que enfatiza a necessidade de modernização dos espaços do espetáculo a fim de oferecer uma experiência completa, tanto ao torcedor in loco, quanto ao torcedor de sofá. O segundo de viés político-social em que se defende a necessidade de modernização destes espaços com vistas à diminuição da violência.

A consequência de ambos os discursos se materializa na mudança da concepção de estádio, de um esporte de e das massas, para a noção de arena, em um esporte de massas consumidoras. Toda a arquitetura do estádio é realizada de modo a apresentar o "espetáculo" futebol, o esporte convertido em imagem. A forma circular de estádios como o Maracanã são transformadas em uma formas preferencialmente retangulares. Com isso, o espaço das cadeiras se aproxima do campo de jogo.

A iluminação é cuidadosamente utilizada para produzir efeitos antes das partidas. A própria escolha do material que reveste a construção é feita para produzir efeitos imagéticos, sobretudo nos espectadores televisivos, uma estrutura branca, limpa, minimalista em cores. Telões instalados permitem que os torcedores acompanhem o jogo também por ele, espelhando o jogo de maneira televisiva, revelando a maneira como o torcedor é hiperestimulado semioticamente.

O sistema sonoro impecável que se sobrepõe ao volume dos cantos dos torcedores, procura informar, interpretar momentos do jogo, bem como controlar o comportamento dos torcedores nas arquibancadas. A arquitetura busca a limpeza, o ascetismo, a regularidade, como num shopping Center (SARLO, 2008). Os antigos bares cedem lugar a franquias de lojas, os banheiros se assemelham aos centros de compra da capital paulistana, o estádio é em suma convertido em um projeto arquitetônico voltado para o consumo.

Nas novas arenas, os setores são organizados a partir de sua localização geográfica: Norte, Sul, Leste e Oeste. O setor Oeste corresponde ao espaço mais caro do estádio (média de R$ 200,00 o ingresso), localizado do mesmo lado onde se localizam os camarotes e as cabines de transmissão destinadas à imprensa, não é raro que se encontre vazio. O setor Leste, localizado a frente das transmissões, (média de R$ 100,00), é onde se concentra em dias de casa cheia a maior parte do público da arena, cerca de 20 mil pessoas. Nas cabeceiras, setores populares (preços variam entre R$ 40 e 60 reais), localizam-se os setores Sul e Norte. Este último teve suas cadeiras arrancadas pela diretoria, em acordo com o desejo dos torcedores organizados, segundo me relataria Jerry Xavelier, membro da diretoria dos Gaviões da Fiel.

Para ele, o estádio poderia ser construído sem tanto gasto, *"a gente queria um estádio, não um palácio de mármore que o Corinthians nem consegue pagar. Podia ser um cimentão mesmo".* Sua fala revelaria ainda que para ele, no novo estádio tudo mudava, principalmente o sentimento de estranhamento entre o que para ele era o Corinthians e a aquela forma arquitetônica. Isso havia mudado o público. Dizia *"mudou o público, o canto é mais fraco que no Pacaembu, quem tem ouvido de estádio percebe".*

O que muda para Holanda (2014), e que é percebido pelas palavras do gavião, é que as novas formas arquitetônicas passam a constranger os torcedores de futebol, por meio de uma imposição de novas condutas: os seguranças espalhados nos lembram que não se pode fumar ou sentar em um lugar aleatório, procuram barrar sem muito sucesso trocas de setores. Além da barreira humana, o sistema sonoro do estádio antes e após as partidas inibe o canto das torcidas organizadas, que só costumam ser ouvidos durante as partidas.

Durante o jogo, o volume do som é interrompido, mas um letreiro luminoso procura direcionar qual letra está sendo cantada pelos torcedores organizados, em geral os dos Gaviões da Fiel. Os protestos costumavam ocorrer antes ou depois dos jogos, já que tem como hábito guardar o momento da partida apenas para incentivo à equipe. O "esquenta" antes do jogo, momento em que os torcedores organizados costumavam inflamar-se entre si e aos outros torcedores, comum no Pacaembu, deixou de existir. Para usar uma metáfora do campo de jogo, os torcedores começam o jogo ainda "frios", porque não aquecidos pelos cantos prévios que ocorriam.

Acomodados em único setor, os Gaviões da Fiel dividem espaço com outros grupos organizados corintianos, suas vozes, constantemente se sobrepõem, devido a proximidade espacial, e não se sabe exatamente qual música está sendo entoada. Além disso, se no Pacaembu cerca de dez mil torcedores visivelmente ocupavam o espaço dos Gaviões da Fiel,

na Arena Corinthians este número não passa de três mil, o que diminui consideravelmente o alcance de suas performances.

Por fim, cabe acrescentar a esta nova realidade o fato de que desde 2016, em meio aos episódios em que abriram faixas políticas na Arena Corinthians estão oficialmente proibidos de ingressarem nos estádios. Como a proibição se deve ao coletivo, furam o bloqueio individualmente, reunindo-se no mesmo espaço, mas sem a possibilidade de uso de faixas, adereços, instrumentos musicais ou bandeiras que os possam identificar. Desta maneira, encontram-se acuados nas arquibancadas de futebol, ainda que resistam ao processo, diferente de outros tipos torcedores que de fato foram excluídos das novas arenas, o "torcedor geraldino".

4.3 O futebol hipermídia: televisão e redes sociais

Por fim, cabem algumas considerações acerca do papel da comunicação de massa dentro do espaço do futebol. O futebol insere-se num contexto em que as sociabilidades humanas são mediadas por uma profusão de signos produzidos e reproduzidos tecnologicamente. Dentre estes meios destaca-se a televisão e as redes sociais. Nestas mídias, os produtos são fruto de uma construção multissemiótica em que se privilegiam as formas imagéticas. As imagens se converteriam em espelhos da realidade que procuram representar e se sobreporiam as interações face a face dos sujeitos. Atravessadas pelo modelo de consumo, estas imagens se convertem em mercadoria. Temos a base da "sociedade do espetáculo", que enquadra e engloba o futebol, convertendo-o em futebol-espetáculo.

Analisando o funcionamento da relação entre a mídia esportiva e a Copa do Mundo, Gastaldo (2006) propõe que se pense o futebol não como o produto em si, ofertado pela mídia. O que a mídia, e neste caso falava pontualmente da Rede Globo, emissora carioca, venderia seria a Audiência. O que é vendido são os espaços publicitários da TV e não o jogo em si. Ele seria a aparência pela qual a forma mercadoria apareceria e omitiria o produto real. O futebol era assim visto como fetichizado pela imprensa no mercado de bens e serviços, omitindo os reais interesses que estariam por trás de sua promoção.

É importante ressaltar que a Rede Globo de Televisão, principal empresa de comunicação do Brasil[22], detém o monopólio das transmissões televisivas deste esporte desde

[22] Para a história da Rede Globo e do futebol recomendo a leitura da dissertação de mestrado abaixo referenciada: Santos, A.D.G. A consolidação de um monopólio de decisões: A Rede Globo e o Campeonato Brasileiro de futebol, Porto Alegre, 2013. Disponível em: http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4065. Último acesso em: 10/04/2018

a década de 70, se configurando como um agente investidor e promotor dos campeonatos no Brasil. Isto lhe permite impor uma série de decisões, que dizem respeito aos seus interesses comerciais e de grade de programação. Além disso, ela é capaz de, se não determinar, ao menos influenciar o comportamento e a percepção acerca dos eventos nos estádios de futebol.

Ao apresentar o futebol, é impossível dissociá-lo de seu contexto. Ao realizar a transmissão das partidas, não apenas os cantos das torcidas são transmitidos como os próprios torcedores são apresentados como atores coadjuvantes naquele espaço. A escolha de se vender os ingressos em valores mais baixos para o setor Leste da Arena Corinthians decorre da consciência deste intrincado processo. Para vender a imagem do Corinthians ou do futebol em cotas publicitárias, é preciso apresentá-lo como um produto capaz de cativar audiências. Nada melhor do que exibir arquibancadas cheias e empolgadas nas cenas de transmissão, o que também confere visibilidade a estes torcedores.

A necessidade contemporânea de ser visto, lembrado e reconhecido, é a necessidade construída por uma sociedade altamente midiatizada. Desta maneira, as arquibancadas se tornam como não apenas espaço da adesão apaixonada, mas como oportunidade de ser visto. Com a emergência das redes sociais este processo se atomiza. Não basta frequentar os estádios, é preciso mostrar que se está nele, se fazer ser visto. Se a tevê não me filma, como gostaria, exibo minha aparição pública em meus perfis sociais.

Estas características gerais da sociedade contemporânea nos interessam porque afetam as arquibancadas e o comportamento dos torcedores. Somente compreendendo este ponto é que se pode responder necessidade de protagonismo destes torcedores. O reconhecimento social tanto de torcedores comuns, como de organizados, passa necessariamente por estes aspectos de ordem mais ampla.

Durante a década de 90, era comum que tais torcedores ocupassem os setores aos quais pudessem ser vistos pelas câmeras de tevê, dando visibilidade a suas formações. As faixas eram produzidas, bem como, as bandeiras eram tremuladas, para serem filmadas centralmente. Conforme foram sendo colocadas nas cabeceiras dos estádios, os clubes passaram a financiar, dentro dos moldes europeus, mosaicos, letreiros e imagens nas arquibancadas centrais dos estádios, para serem filmadas pela teve, assim como, eternizarem fugazmente tais imagens nas redes sociais.

Este amplo processo é efeito do futebol hipermídia, que necessita da adesão massiva dos torcedores, mas procura controlar as formas e os sentidos desta adesão, para servirem como propaganda. Para os organizados isto fere as relações amadoras que guia seu código de pertencimento, os mais radicais como Pulguinha, se afastam dos espaços das arquibancadas,

porque os reconhecem como espaços de uma ordem artificial, em contraparte as adesões amadorísticas dos torcedores. Para ele, estas características retiram o que faz o futebol: os sentimentos e a adesão desinteressada.

4.4 Cânticos, faixas e corpos

O que abala a ordem instituída do futebol na Arena Corinthians são as formas pelas quais agem os torcedores organizados. Como trazem em sua definição, o fato de se configurarem como agentes políticos de uma coletividade, os permite resistir ao processo que parece lhes constranger, mobilizando um repertório amplo de performances verbo visuais. Estas performances, devido ao potencial de seus efeitos, passam por constante tentativa de controle e cerceamento, mas são elas mesmas, recursos identitários de sobrevivência, do que chamam de cultura de arquibancada.

São elas formas identitárias pelas quais se confrontam com os discursos hegemônicos atuantes no futebol-espetáculo, que ressignificam por meio do termo nativo, "futebol moderno". Contribui para o potencial destas formas, de maneira geral, o fato de serem reproduzidas por um coletivo massivo, assim como se assentarem na lógica binária do jogo em que se confrontam, o nós e eles. O eles nem sempre é o rival de outro clube, mas pode ser a polícia, outros torcedores organizados ou comuns, a mídia, ou seja, quem naquele momento, na interpretação do grupo ocupar a posição relacional do "outro".

Procuro retomar a classificação proposta por Toledo (1993). No artigo, Porque xingam os torcedores de futebol, demonstrava que os torcedores se agenciavam por meio de vaias, xingamentos, músicas e gestualidades. As torcidas organizadas hegemonizaram entre as décadas de setenta e oitenta as arquibancadas, ditando ritmos e práticas coletivos. Desta forma, tornavam estas formas de expressão mais evidentes no espaço do jogo, produzindo uma forma particular de comunicação. O xingamento seria explicado como uma necessidade de se descarregar emoções produzidas na fruição dos jogos, e que seriam aceitos, porque aquele espaço reinterpretado pelos torcedores como um espaço de liberdades, como já afirmamos.

Além disso, considerava que outras formas poderiam ser tidas como formas de comunicação: os gestos físicos, as inscrições nos corpos, as vestimentas, os símbolos e os enunciados que ostentam as bandeiras e faixas. Para eles, todas estas formas, a depender das relações poderiam ser formas produtoras de sentido, e portanto, estabelecer a comunicação.

Esta tipologia da expressão dos torcedores, nos interessa porque elas revelam as formas pelas quais se agenciam nas arquibancadas e fazem operar o complexo jogo das disputas por reconhecimento e visibilidade. Este é o centro daquilo que procurei entender como o processo pelo qual as identidades são reencenadas pelos grupos que disputam espaços na sociedade contemporânea. Estas formas, aqui, são vistas não apenas como espelho do que pensam os torcedores, mas como elementos pelos quais desestabilizam os padrões do fuebol-moderno.

Procuro construir cinco categorias de classificação a partir de suas características formais. Argumento baseado nas incursões que realizei dentro dos estádios com estes torcedores, e por vezes, a distância deles. Sem esta perspectiva etnográfica, não seria possível construir certa regularidade que permitisse tornar inteligível tais categorias. Passo a dar o tratamento de enunciados a estas formas, como proposto por Bakhtin (1997).

Os enunciados são vistos como gêneros do discurso, produzidos em um contexto real de comunicação, inscrito no contexto mais amplo da sociedade. Eles se organizam a partir de um processo dialógico, entre quem fala e quem escuta, inscritos em relações de poder. O gênero específico é a forma que emerge desta relação e ao mesmo tempo deixa marcas destas relações, reveleando contextos para além da linguagem em si. Para ele, dizer era sempre remeter a outras vezes, que mesmo silenciadas no sintagma do enunciado, se fariam presentes. O enunciado revela o querer dizer do falante, que só cumpre relativamente bem se recorrer a formas específicas de comunicação, a depender do efeito que pretende produzir no ouvinte. Este, por sua vez, reage responsivamente ao enunciado do primeiro, mesmo quando silencia. Em determinados contextos, há formas estáveis das quais se utilizam para produzir tais efeitos. Desta maneira, a organização do enunciado, o tom, a escolha lexical, o estilo, as escolhas efetivamente formais materializadas nos gêneros são fruto desta ordem mais ampla, permitindo que se identifique certas regularidades.

Holanda (2007), em o “Clube como vontade e representação”, procurou demonstrar a maneira como foi construído o repertório expressivo dos torcedores. Para ele, há um processo de continuidade e ruptura entre as formas expressivas das charangas e dos torcedores de futebol. Os primeiros mais ligados a carnavalização e as marchinhas, os segundos inscritos em uma ordem de contestação política e ao samba enredo. Há, portanto, uma história que estabilizou alguns gêneros de linguagem nos estádios de futebol, aos poucos normatizados pela ascensão das formas organizadas de torcer.

Desta maneira, podemos organizar as categorias a partir da maneira como recorrem a determinada semiose, mas também por sua recorrência como formas típicas: os cânticos, fruto

da relação verbo-musical; as faixas, fruto de inscrições verbais e imagéticas; as práticas corporais, recorrendo ao corpo como elemento semiótico. Não procuro fazer uma descrição de todos os seus tipos, mas revelar a maneira como operam produzindo efeitos no espaço do jogo e para além dele. Procuro destacar a partir de cada uma destas categorias, exemplos recolhidos da prática, em função da maneira como revelam a postura crítica destes torcedores.

4.4.1 Os cânticos

Não há jogo de futebol sem o componente musical produzido nas arquibancadas. Esta é o gênero do discurso principal de ação dos torcedores organizados, desde a sua formação. Em tempos normais, os cânticos são acompanhados por instrumentos percussivos e reproduzem uma marcação rítmica oriunda do samba enredo. A construção das músicas se expressa por meio de composições próprias, por paródias de músicas populares, por bricolagens, procedimentos apontados por Holanda (2007) como típicos das esferas não hegemônicas de produção cultural, ou, da esfera popular. De qualquer maneira, estas formas se dirigem ao campo de jogo, podendo se expressar por meio de formas de expressão tipicamente contestatórias.

Os torcedores organizados vão aos estádios para cantar em conjunto, procurando empurrar o time contra o adversário. Para isso, mobilizam repertórios específicos a depender da situação. Desta forma, os torcedores interpretam os sentidos do jogo e revelam tais sentidos por meio da sequência musical que executam. Não apenas, a escolha das músicas se faz desta maneira, como também a intensidade de seus cantos: conforme os acontecimentos da partida ou dos arredores dos estádios podem ser mais ou menos intensos.

Desta forma se pode falar em **cânticos e refrões de incentivo**, **de protesto**, **de celebração ou de exaltação da torcida ou do clube**, **cânticos de provocação**. Nenhuma de suas composições se enquadra rigidamente em uma ou outra subcategoria. Há formas nascidas da intersecção destas categorias, que precisam de elementos arbitrários para se enquadrar no repertório histórico dos torcedores.

Os cânticos criados pelos torcedores podem ou não fazer parte do repertório cantado em dias de jogos, sendo o teste final para isso, se elas *inflamarem* ou não as arquibancadas. Nestes casos, não basta, no caso de uma torcida massiva e influente como os Gaviões da Fiel, que ela seja cantada pelos seus membros, mas que possam ser reproduzidas pelos demais torcedores. É que pude constatar durante a pesquisa de campo.

Em clássico contra o Palmeiras, os torcedores lançaram duas músicas novas, tratava-se na verdade de dois breves refrões. Exponho um trecho do diário de campo:

> Naquele dia, embora estivessem ainda alimentando cotidianamente às lutas contra o que denominam "futebol moderno", muitos torcedores prometiam entrar com sinalizadores escondidos[23]. Já que estavam oficialmente proibidos de entrar nos estádios, quem poderia culpá-los por tal uso? "É Corinthians e Palmeiras, hoje é poucas ideia, é fogo na bancada [arquibancada] e porrada nos maldito". Gritava um torcedor ao meu lado. Ambas as músicas haviam sido entoadas pela primeira vez no dia anterior, em um treino aberto do clube*: "É sangue no olho, tapa na orelha. É o jogo da vida e o Corinthians não é brincadeira"*. Outra música também cantada no dia anterior: *"Dando carrinho, dando porrada, o Coringão não pode perder por nada"*

A primeira dos dois refrões pegou. O segundo foi descartado ainda nos minutos iniciais da partida. Conhecedor do contexto em que foram produzidos, posso afirmar que por meio dela procuravam dar um aviso ao grupo de jogadores. Eles estavam apresentando o Corinthians em termos subalternos, masculinos, periféricos e violentos. Trata-se do procedimento da violência encenada, maneira pela qual os torcedores se agenciam. As expressões *sangue no olho* (remetendo a coragem, a disposição, ao aguante), tapa na orelha (autorizando os jogadores ao contato viril para vencerem os rivais), lembrando-os de que para os torcedores não era apenas uma partida de futebol, mas um complexo de sentimentos que entrava em campo.

Esta música passou a embalar os jogos do time, principalmente contra o Palmeiras, que contava com um elenco considerado superior tecnicamente. Se inicialmente pretendiam promover um aviso, os torcedores receberam como resposta dos jogadores a vitória em campo, construída de maneira singular: com um a menos, contra uma equipe mais forte, a partir de um erro da arbitragem, construiu o placar em 1 a 0. Não tenho dúvidas que a atmosfera decorrente desta vitória fez com que a música passasse ao repertório recorrente dos torcedores.

Em abril de 2018, o Corinthians venceria o Palmeiras, sagrando-se bicampeão do Campeonato Paulista, na casa do maior rival, coroando uma sequência de vitórias contra o

[23] Os sinalizadores são artefatos pirotécnicos proibidos mundialmente nas arenas esportivas. A proibição é uma medida em decorrência da morte de Kelvin Espada, torcedor boliviano, atingido por um sinalizador naval, atirado por um torcedor corintiano, em 2013. Neste episódio, treze torcedores brasileiros ficaram presos por cerca de três meses no país vizinho, acusados pelo crime. O torcedor que supostamente lançou o sinalizador seria um adolescente. Assumindo a culpa em terras brasileiras, evitava o julgamento no país vizinho. A comoção do caso foi mundial e em nenhum momento os torcedores alvinegros trataram como uma vitória tal feito, como comumente acontece quando vencem uma briga contra adversários locais. Para eles havia sido uma fatalidade, grave, porém não intencional. Quando se utilizam de tais elementos, em geral, a punição recai não apenas aos grupos organizados, mas também ao clube, com sanções que podem ser desportivas ou financeiras.

rival, desde a noite em que o refrão fora lançado. Jogo acompanhado apenas pela torcida palmeirense, fazendo com que os jogadores do Corinthians não pudessem comemorar com sua torcida. Passaram então a fazer menção a ela, por meio da canção construída como signo de aviso, entoando o refrão, subvertendo momentaneamente o papel entre torcedores e jogadores.

Cabe destacar que estas expressões verbo musicais acompanham as performances corporais dos torcedores, assim como pode ser utilizadas para chamar a atenção para certas inscrições nas arquibancadas. Feito esta ressalva, me dedico a apontar os recursos verbais que revelam a maneira como tais letras musicais se inscrevem em certa ordem discursiva.

a) Canções e refrões de incentivo

São, em geral, construídos por meio de breves refrões. Sua força melódica se apoia no uso de vogais, capazes de prolongar sonoramente:

"Timão, **eÔ**, Tim**ããã**o e**ÔÔ**"
"**Ôooooo** Timã**ÔÔ**"
"**Ô**oooo ôooo**ô** Corinthians!"

Também se expressam por meio de elementos verbais imperativos:
"**Vamos, vamos** Corinthians, esta noite, teremos que ganhar"
"**Vai** Corinthians, vai não **pára** de lutar

Por fim pode-se afirmar que misturam os índices de primeira pessoa do singular e do plural, num movimento de diluição do eu no sistema de representação clubístico.

"(...)
Eu viv**o** por ti Corinthians!
Eu canto até ficar rouco,
Eu canto pra te empurrar,
Vamos, **vamos** meu Timão,
Não pára de lutar!"

b) Cânticos de celebração ou de exaltação da torcida ou do clube

São construções musicais mais complexas, que em geral evocam o simbolismo do corintianismo interpretado à luz da torcida. Desta maneira, reestruturam o Hino Oficial do Clube, de maneira a reproduzi-lo no ritmo do samba. Com isso, refazem um dos símbolos corintianos. Por exemplo, o ritmo do hino oficial é executada por um conjunto de

instrumentos que se assemelham a uma banda militar. Na versão dos torcedores, procedimentos melódicos e intervenções verbais são inseridas entre alguns versos, permitindo adequá-lo ao samba enredo.

> "**Laialalala ôôô, Laialaialaialaia**
> **Poropopó**
> Salve o Corinthians,
> O campeão dos campeões (...)"

Dificilmente se ouvirá o hino corintiano sendo executado por um torcedor do clube sem que expresse estas intervenções produzidas pelos Gaviões da Fiel. Além disso, nesta categoria se enquadram sambas de enredo composto ao longo da trajetória dos Gaviões da Fiel, que mobilizam os símbolos de seus pertencimentos clubísticos e a identificação torcedora:

> "Olha só a poeira que sobe pro céu
> Balança a bandeira, Gaviões da Fiel,
> (...)
> Nossa torcida é **uma corrente muito forte**,
> Na zona sul, na zona leste e zona norte,
> Na vitória ou na derrota eu grito forte
> Corintiano eu serei até a morte (...)"

Há também a apresentação de imagens da cultura maloqueira e sofredora, que parodiam o próprio samba enredo produzido por eles e apresentado no primeiro capítulo:

> "(...)
> Saravá, saravá,
> Salve o santo guerreiro
> E uma vela pra saudar
> **Meu São Jorge Padroeiro**
> (...)
> É um raro prazer
> Sabor de emoção
> **Fumar maconha e torcer pro Coringão"**

Na versão original deste samba enredo que narrava a trajetória do tabaco, vice-campeão no carnaval de 1994, o verso final em destaque acima substitui: **"Mas não abuse que faz mal pro coração"**

c) Cânticos de provocação aos rivais

São os cantos onde prioritariamente se expressam os xingamentos e o sistema de jocosidades dos torcedores de futebol por meio da ótica binária do *nós* contra *eles.*

"**Ei, filha da puta**,
Pára de agitar e vem pra luta,
Nós somos os Gaviões"

Esta música é cantada em diferentes situações: se dirige a quem na efetiva circunstância localizam como o rival a ser combatido fisicamente: ocasionalmente pode se dirigir a outros grupos de torcedores organizados, mas podem também se dirigir aos policiais militares em um momento de eminente conflito com os agentes públicos.

"Rema, remador,
Pau no cu do tricolor...
Tricolor é vigarista...
Pau na bunda do santista
Se o santista não corresse...
Pau no cu dos palmeirenses!!!
Se o Corinthians não ganhar, olê, olé
O pau vai quebrar"

Dirigindo-se especificamente aos são-paulinos, reproduzem a concepção hegemônica do comportamento masculino, por meio da inferiorização dos adversários em termos de gênero e sexualidade:

"Vai pra cima delas Timão, da **bicharada"**

d) Cânticos e refrões de protesto

São cânticos que também operam por meio da oposição binária, mas se dirigem especificamente ao alvo da crítica dos torcedores. Estes cantos foram enunciados durante os sucessivos protestos realizados dentro dos estádios pelos torcedores alvinegros. São estes cânticos que mais diretamente constrangeram a estrutura do futebol, que por meio de uma série de recursos procurou silenciá-los. Eles denunciam a estrutura do futebol, e o confronto com certos agentes, a quem se dirigem especificamente, revelados pelos vocativos.

“Ladrão, devolve o futebol pro povão
Ladrão, devolve o futebol pro povão”

Dirigindo-se aos dirigentes do futebol-moderno e fazendo menção às acusações de corrupção que se tornaram públicas nos últimos anos, envolvendo todos os níveis do futebol mundial, múltiplos dirigentes e instituições.

“Eu não roubo merenda,
não roubo meu estado,
trabalho todo dia,
eu não sou **deputado**.”

Referindo-se ao escândalo das merendas, que acusava o deputado Fernando Capez. Produzidas para serem encenadas nas ruas, estas canções de protesto foram trazidas delas para as arquibancadas, servindo como elemento de contestação pública e constrangendo estes agentes do poder, que se viam criticados publicamente nas praças esportivas.

4.4.2 As faixas

Assim como não pretendo enquadrar em categorias rígidas as formas expressivas musicais e nem mesmo esgotar na totalidade as análises de todas as músicas, cantadas, mas procurei ordená-las de maneira que pudessem revelar a maneira como se inscrevem e revelam o agenciamento dos torcedores, a partir dos contextos de comunicação que estas formas produzem. Também procuro destacar as intenções de seus atores sociais. No caso das faixas, me dedico as inscrições produzidas pelos torcedores para abertamente se confrontar a estrutura do futebol.

As faixas e bandeiras são artefatos típicos dos torcedores de futebol, em geral, produzidos com o intuito de delimitar o espaço de uma torcida organizada nas arquibancadas. Seus dizeres são atos de linguagem que identificam o grupo, como seus nomes, seus lemas e bordões, ou seus símbolos figurativos. Estas inscrições têm sido impedidas de adentrarem aos estádios, como mecanismo de combate à violência.

Não apenas no Brasil, mas nos estádios pelo mundo, procura-se apresentar as arenas esportivos de maneira padronizada, revelando o ordenamento e a pacificação dos outrora problemáticos espaços das arquibancadas. Proibidos ou limitados no uso destes elementos, os torcedores perdem em visibilidade e reconhecimento, tornando-se invisíveis principalmente nas transmissões televisivas.

Por isso, os episódios do início de 2016 se tornam exemplares para a compreensão do agenciamento dos torcedores. Impedidos de levar qualquer artefato que os identificasse, os torcedores recorreram a uma série de estratégias desenvolvidas para lidar com este tipo de situação. Estas estratégias foram aludidas nas entrevistas que produzi com Pulguinha e Jerry Xavelier.

Entre os anos de 1998 e 2000, camisetas foram produzidas burlando a regra das proibições. Parte da indumentária torcedora, o chamado fardamento, traria na mesma disposição visual apenas o símbolo do Corinthians. Continuaria reproduzindo o modelo oficial da torcida, mas sem a simbologia proibida que identificasse a agremiação. Jerry as denominou na entrevista como "camisetas da proibição". Além disso, os torcedores mais ativos passaram a realizar tatuagens com o símbolo da torcida, já que não se poderia, pelas autoridades policiais, arrancar-lhes dos corpos tais símbolos, como se fazia com as bandeiras, faixas e camisetas. De alguma maneira, ambas as estratégias procuravam burlar o sistema de proibições, rompendo as estruturas de poder e constrangendo-as em seus próprios termos.

Além disso, faixas em que frases das torcidas eram utilizadas no lugar de seus nomes, aos poucos eram admitidas nos estádios, sem que fossem censuradas na entrada. Os Gaviões da Fiel, por exemplo, demarcavam o seu lugar nos estádios com a seguinte faixa: *"Pelo Corinthians, com muito amor, até o fim"*. A frase remete ao breque dos Gaviões da Fiel, o mesmo que havia encenado nas ruas do Bom Retiro, encenado pelos Gaviões em todos os jogos em que estão presentes: *"Pelo Corinthians, com muito amor, até o fim: GA-VI-ÕES FIEL/ Eu sou, da Gaviões eu sou, Corinthians joga eu vou e ninguém vai me segurar (nem a PM)"*. A frase escolhida para a faixa, embora não explicite, sugeria à época a continuidade do verso da canção a que aludia, desta maneira, se burlava a censura, mas induzia a continuidade da canção que revelava a presença dos torcedores naquele espaço.

As músicas que aludiam diretamente a violência e a xingamentos ganhavam a versões mais amenas, recurso assemelhado ao utilizado por funkeiros no Rio de Janeiro, como apontado por Carvalho (2011).

Constantemente envoltos em processos de censura de suas práticas, os torcedores produzem novas estratégias de visibilidade e de confronto com as estruturas de poder. Se os cantos e faixas estão proibidos, valem-se de um ritual em que se acendem sinalizadores e fumaças como gesto de resistência. A transmissão televisiva é constrangida a dar destaque ao evento, porque a fumaça toma conta do estádio e se impõem visualmente. As músicas são

entoadas com mais força neste momento, em geral de incentivo à equipe, expressando no tom e nos gestos corpóreos a potência máxima da disposição torcedora.

Por isso, a Rede Globo de Televisão por meio de seus apresentadores esportivos fora surpreendida pelo episódio dos sinalizadores, em janeiro de 2016, episódio disparador dos sucessivos conflitos entre os torcedores e as estruturas do futebol. Na ocasião, Cléber Machado diria: *"É, sei lá, eu... [inaudível]... protagonismo desnecessário"*. Em jogo seguinte, válido pela Copa Libertadores da América, e narrado por Galvão Bueno, da Arena, os Gaviões ergueram novas faixas em que se dirigiam diretamente à emissora: "*Rede Globo, o Corinthians não é o seu quintal"* e *"Futebol: Refém da Globo"*. Como impossível de ser ignorado pela transmissão, o porta-voz do esporte da emissora daria a seguinte declaração: *"Eu quero deixar claro que somente três emissoras transmitem a Libertadores no país. A Rede Globo é a única que transmite em rede aberta, como faz com o futebol brasileiro há quarenta anos. Mas protestar é um direito do cidadão"*.

O narrador silenciava em seu comentário que a emissora, em tese uma corporação jornalística comprometida com a divulgação da notícia, é a principal empresa interessada no futebol como produto, sendo não apenas aquela que relata os eventos, mas, sobretudo, o promove. Os torcedores marcavam um gol, porque se não poderiam entrar com seus adereços, revelariam e imporiam um constrangimento aos interesses do discurso hegemônico no futebol brasileiro, por meio de um conjunto de faixas construídas manualmente e que escaparam ao policiamento.

As inscrições foram construídas em letras estilizadas, assimiladas da cultura dos pichadores; tecidas sobre um tecido fino e maleável de cor branca; facilmente escondida nos corpos dos torcedores, burlando a revista policial nas entradas. Além de se dirigirem a Globo, fazia menção a CBF e ao caso do Ladrão de Merenda, e eram abertas em dado momento do jogo, em que sinalizadores eram acesos, interrompendo a partida em campo e chamando a atenção para as arquibancadas, as faixas e seus dizeres.

O agenciamento dos torcedores se dá por meio de formas simbólicas que se sobrepõem, de tal maneira, que o empreendimento de destacar uma ou outra forma para fins classificatórios ou teóricos, não passam ser entendido fora desta dimensão de clivagem entre formas. É justamente esta clivagem de formas, enunciados e atos verbais, musicais, imagéticos e corpóreos que confere força performativa aos torcedores.

4.4.3 Os corpos

Desta forma que cabe destacar a maneira como os corpos cumprem papel de enunciados visuais na performance dos torcedores. Ao entoarem seus cânticos, o ritmo das músicas é marcado por gestos dos braços e corpos dos torcedores, que acompanham as marcações percussivas das canções, produzindo certa unidade visual. Como exemplo, mãos são levantadas verticalmente e espalmadas ou tremuladas, como signos não verbais que procuram emanar sentimentos para o campo de jogo, completando os signos verbo musicais. Em determinadas músicas, os torcedores podem produzir evoluções coreografadas em que pulam abraçados, formando correntes humanas, ou pulando verticalmente sucessivamente para demonstrar empolgação e contaminar os demais torcedores.

O próprio termo torcedor relaciona-se com a corporeidade, já que revela a maneira como ao aderir à estrutura agonística do jogo da posição de espectador, o fizesse sofrer fisicamente os efeitos desta estrutura. O torcedor é quem se contorce de ansiedade, angústia, revelando na pele as marcas de sua adesão. Na Itália, torcedor é denominado pelo signo *tifo,* redução de *tifosi,* aquele que é acometido por uma febre ou por uma doença. Na América Latina, por sua vez, o termo hispânico *hincha*, designa aquele que fica inchado emocionalmente.

Embora a especificidade torcedora passe obviamente pelo corpo, neste contexto de conflitos com a ordem do futebol, os torcedores se utilizam de sua corporeidade como elemento de resistência. Não me refiro aqui aos corpos envolvidos em embates físicos reais, mas os corpos como suportes de encenação de suas reivindicações políticas e identitárias. Transformou-se em uma espécie de enunciado verbal, os gestos de acenderam sinalizadores nas arquibancadas, como forma de se chamar a atenção para as mudanças na ordem do futebol, que procuramos apresentar.

Como encontram-se proibidos de serem portados dentro dos estádios, em inúmeras partidas os torcedores produziram tal gesto simbólico e visual, um tipo de performance que procura obter certo protagonismo, mesmo que prejudique o andamento do jogo. Sem este protagonismo os torcedores não podem ser vistos, o que torna o ritual dos sinalizadores como estratégia não-verbal de resistência e sobrevivência cultural.

Em Novembro de 2016, por sua vez, os torcedores realizaram outro protesto no qual os seus corpos se tornavam centrais para a produção dos sentidos pretendidos. Abro parênteses para contextualizar o evento que causou a referida evolução coletiva.

Outubro de 2016, um grupo de torcedores corintianos, foi mantido dentro do estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, para que o patrulhamento policial identificasse entre eles,

aqueles que consideravam como envolvidos num conflito antes do início da partida. Estes torcedores foram mantidos sentados nas cadeiras das arquibancadas do estádio, sem camiseta, por cerca de duas horas e deles, trinta e dois foram presos e assim permaneceram detidos. As imagens produzidas pelas emissoras de TV apresentavam uma mancha humana de descamisados enfileirados nos assentos.

Em São Paulo, em jogo contra o Internacional-RS, pelo Campeonato Brasileiro, os torcedores corintianos aguardavam o cronômetro de jogo marcar trinta e dois minutos de cada tempo, sentavam-se nas cadeiras do setor leste, sem camisetas e evocavam a cena do Maracanã, entoando em coro: *"Ôôô a ditadura acabou.* Neste dia, os torcedores sentavam-se no setor Leste da Arena Corinthians, pois o setor Norte, destinado a eles, estava interditado como medida punitiva às organizadas corintianas, devido aos embates sucessivos que haviam construindo ao longo do ano.

A performance marcava a maneira como se identificavam à distância com os companheiros presos e ao mesmo tempo burlava o sistema de proibições que os atacavam. Desta maneira, as práticas corpóreas são também formas pelas quais se agenciam e colocam em movimento o repertório de representações de suas identidades, burlando as resistências que se lhes impõem. Cabe destacar ainda, que os efeitos destas restrições, dificultam a produção de um repertório festivo torcedor. Neste repertório, além dos sinalizadores, das bandeiras, das músicas, os torcedores se utilizam de suas vestimentas como elemento visual e plástico nas arquibancadas.

Impossibilitados de se utilizar de suas vestimentas em dias de jogos, os torcedores procuram recriar um ambiente visual que possa lhes identificar. Para isso, posicionam alguns jovens, pertencentes ao Departamento de Bandeiras, responsável pela preparação e execução das ações em dias de jogos, para evitar que se adentre ao espaço escolhido pela torcida sem que se traje camisetas pretas. A distância, nota-se um bloco visual preto, que se destaca dos demais torcedores. Denominam esse efeito visual por "mar negro".

O "mar negro" exibe ao mesmo tempo, que a despeito das proibições, o grupo de torcedores organizados está presente no estádio e realiza uma performance plástica, parte do repertório festivo: parte da "festa nas arquibancadas", termo nativo que designa as ações dos torcedores de futebol. A festa nas arquibancadas se torna ao mesmo tempo evento que compõem o ambiente da partida de futebol, influenciando em diferentes níveis o jogo em si, e se transforma em símbolo de resistência ao "futebol moderno". Parte dos enunciados não verbais, produzidos pelos corpos da multidão, agindo em unidade.

5 Considerações Finais

Ao longo desta dissertação, procurei revelar a maneira como os Gaviões da Fiel se agenciam no contexto do futebol globalizado. O futebol foi abordado como campo de pesquisa interdisciplinar, contexto sócio-discursivo perpassado pelas relações de poder, produzindo efeitos sobre a massa torcedora, que recorre aos estádios de futebol. Uma parcela significativa destes torcedores se reúnem em torcidas organizadas de futebol, modelo nascido nos finais e turbulentos anos da década de sessenta. Este novo modelo sofre influência de um agitado mar cultural, produzido as margens das culturas hegemônicas, mas entrelaçados a elas. O samba e as escolas de samba, a política estudantil, sindicatos e associações de bairro, bem como, e principalmente, das práticas carnavalizadas dos torcedores das charangas, modelo de torcedores vigente entre os anos 1940-60.

Esta nova modalidade de torcedores tem como um de seus modelos, a experiência dos Gaviões da Fiel, principal grupo organizado corintiano, fundado em 1969. Ao longo das décadas, mesclou o discurso crítico e político com o futebol, estabelecendo uma relação particular com o esporte de espetáculo. Desta relação, nascem narrativas e símbolos, que constituem o processo de produção e representação de traços centrais do *corintianismo.* Com o intuito de fiscalizar e *torcer,* transformou-se em símbolo do próprio clube, devido as façanhas que realiza para assistir ao clube e apoiá-lo.

Juca Kfouri, em uma consagrada fórmula, dizia que o *"Corinthians não é um time que tem torcida, mas uma torcida que tem um time".* Embora esta fórmula possa estender tranquilamente para os demais rivais, é inegável o papel da torcida corintiana em sua trajetória desportiva, que no fim das contas, é o que realmente conta no sistema de valor do torcedor. Desta forma, procurei destacar a maneira como este *estilo de torcer* produz formas de agenciamento que extrapolam o contexto do futebol, confrontando-se com as estruturas de poder para além das arquibancadas.

Deste confronto nascem os *dizeres* que indiciam a maneira como tem sido submetidos a um processo paulatino, complexo de exclusão dos estádios e de silenciamento de suas questões. O que está em jogo é uma luta cultural por legitimidade de suas formas de torcer, produzidas por sujeitos periféricos, isto é, sujeitos organizados a partir de relações com as áreas de subalternidade. Desta maneira, os enunciados e atos linguísticos produzidos pelos torcedores organizados são formas de expressão da cultura popular resistindo a um processo permanente de coerção.

Pode-se argumentar que o futebol seja um problema menor, entre tantos processos de exclusão social que poderiam ser registrados pelas lentes da academia. Sem dúvida tal argumento é válido, no entanto, é preciso pensar também na necessidade de se focalizar o futebol como um dos espaços possíveis de compreensão dos fenômenos de exclusão, procurando formas pelas quais o subalterno impõe sua fala. Isto porquê, embora possa ser subestimado em termos acadêmicos, o futebol é parte considerável do processo de sociabilidade na sociedade brasileira. Não apenas na Copa do Mundo.

Como apontado por Wisnik (2008), o futebol é um campo de jogo e um campo de produção de narrativas, das mais variadas e complexas. Como estrutura-se de maneira não-verbal, embora perpassado pela linguagem e pela língua, permite que se produza um campo de interpretações, dos quais os torcedores organizados são uma parcela pequena, porém significativa de intérpretes. Ao produzirem suas formas de torcer, interpretam o contexto do jogo coletivamente, pensando o futebol a partir de seu universo cultural próprio.

Em tempos de globalização, no entanto, o futebol-moderno mimetiza as lutas por visibilidade, reconhecimento e legitimidade que marcam as relações sociais na sociedade do espetáculo. Influenciados por esta ordem, em grande medida econômica, os torcedores passam a se comportar como consumidores e os estádios de futebol se assemelham a teatros ou cinemas, o ideal da plateia esportiva, como no tênis: sentados, comportados, vibrando apenas positivamente, demonstrando civilidade e condutas apropriadas à aristocracia.

O choque entre a cultura de arquibancada, nitidamente contendora e presente, que se manifesta incessantemente durante o jogo, passa a ser vista como forma não apropriada de comportamento. As torcidas organizadas, produtoras destas formas não autorizadas de torcer, passam a ser combatidas, reduzidas a grupos de marginais que se enfrentam cotidianamente. A violência vista de longe, sem ser problematizada, continua produzindo vítimas, enquanto medidas superficiais, para não dizer demagógicas, são tomadas arbitrariamente pelas autoridades. Produz-se um ciclo de violência e silenciamento para se combater supostamente a violência dos torcedores.

Revelar a maneira como agem e como se utilizam performativamente da violência, é revelar outro universo para além das aparências. Procurei no texto desta pesquisa focalizar as relações de poder que produzem as situações para que os torcedores evoquem seu repertório performático. Destaquei a maneira como a violência é encenada nos seus espaços de atuação como parte central do procedimento performativo dos torcedores. Centralmente, procurei analisar a maneira como há uma crise entre velhas e novas formas de torcer, que nasce do processo de atualização das arenas esportivas, parte de um processo mais amplo, que afeta os

Gaviões da Fiel e servem como ponto de partida para outras reflexões para além do caso corintiano.

Neste processo, os torcedores estão impedidos, portanto de manifestarem plenamente suas formas típicas de torcer dentro dos estádios. Por um lado são acusados de violência e por isso devem ser excluídos dos espaços do jogo, por outro são os agentes organizados da festa, reconhecidos inclusive pelo grupo de jogadores atuais do elenco corintiano, ao reproduzirem no estádio palmeirense a canção daqueles. Advém daí a força de sua resistência, já que a cultura da disposição, ou do *aguante*, é mobilizada como uma cultura de resistência. Desta maneira, os torcedores procuram se utilizar da visibilidade dos espaços em que atuam para impor suas pautas e reverter, se possível, o processo de atualização constante do futebol-espetáculo (DAMO, 2014).

Para isso, os torcedores forjam novos espaços de atuação. Como evidência disso, antes de jogos considerados decisivos, os torcedores organizados têm promovido com os dirigentes do clube treinos abertos em que possam comparecer massivamente para demonstrar apoio a equipe. Estes treinos tem revelado a maneira como as estruturas de poder limitam a produção da criatividade das arquibancadas, parte intrínseca ao jogo Nestes eventos, os jogadores realizam atividades protocolares, enquanto recebem um caloroso apoio vindo das arquibancadas.

Não se trata de procedimento exclusivo dos Gaviões e das demais organizadas corintianas, mas tem se constituído, estes treinos, como espaços generalizados das ações dos torcedores em função das proibições e mudanças que afetam seus hábitos de torcedor. É preciso destacar que os Gaviões da Fiel, se não originaram tais espaços, ao menos os ressignificaram como espaços de contestação, resistência e manifestação de adesão clubística. Inclusive o clima de certa desobediência, em que os artefatos proibidos são levados para dentro do estádio, alimenta a potência imagética do espetáculo.

Destaco nesta conclusão, um destes acontecimentos, que pude acompanhar. Em outubro de 2017, o Corinthians realizaria uma partida contra o arquirrival Palmeiras. Além da já aludida importância por si só do clássico, neste jogo, a vitória aproximaria uma das duas equipes do título nacional. O Corinthians liderava o campeonato até aquele momento com larga vantagem dos demais adversários, mas vinha de resultados recentes que colocavam em cheque a conquista do título, considerado como certo até então. Enquanto isso, a equipe alviverde acendia à vice-liderança da competição, distante por uma vitória do maior rival.

O sentimento na torcida corintiana em geral é de que era preciso fazer algo para impedir a tragédia de perder um título para o maior rival. No dia anterior ao jogo, um sábado

pela manhã, fora marcado um treinamento aberto ao público na Arena Corinthians. Cheguei em São Paulo, vindo de Campinas, por volta das oito horas da manhã, e estacionei o carro no Metro Tatuapé. Ao me dirigir a plataforma do metrô, notei que havia uma presença marcante de torcedores, dos mais variados perfis, mas sobretudo organizados, que em bloco se dirigiam à arena.

Descendo na estação Arthur Alvim, uma estação antes do fim da linha na estação Corinthians-Itaquera, acompanhei o fluxo de torcedores rumo ao estádio. A menos de quinze minutos do início do evento era possível perceber muitos torcedores que iriam ao estádio pela primeira vez. Um destes garotos, cujo nome não pude anotar, relatava que era sua segunda vez na Arena, mas que frequentava o Pacaembu assiduamente, antes dessa "merda de Fiel Torcedor". A entrada seria um quilo de alimento a ser doado para instituições de caridade, o que poderia facilitar a presença dos corintianos que habitam a redondeza do estádio, mas não conseguiam frequentá-lo em dias de jogos por fatores econômicos, o que era o caso deste jovem.

Chegando ao estádio, os setores destinados às torcida ficaram lotados de torcedores que eram embalados por uma bateria composta por mais instrumentos que o habitual. Bandeiras e faixas tremulavam nesta área e reverberavam as canções de incentivo ao clube. A empolgação era maior que em dias de jogos, assim como o aspecto plástico da festa me fazia pensar que o treino era muito mais para que os torcedores fossem vistos, do que para se ver os jogadores. Muito se reclama da ausência de ídolos no futebol brasileiro, devido ao poderio econômico do futebol europeu, capaz de contratar com seus milhões de euros, as potenciais estrelas brasileiras. No entanto, esta mesma estrutura devolve aos torcedores a ideia de coletividade, já que na ausência de uma ou outra figura em destaque, passam a exaltar muito mais o simbolismo do clube do que os jogadores em campo.

Tratava-se, ao menos na aparência, de uma espécie de grande encenação da paixão corintiana, em que trinta e duas mil vozes, encenavam um espetáculo sonoro e visual, do qual sem dúvida, as torcidas organizadas se apresentavam como o núcleo condutor. Era possível, ao menos na aparência, perceber a presença massiva das camadas subalternas, mais identificadas aos hábitos e repertórios dos torcedores organizados. Neste dia, ninguém reclamou da presença dos sinalizadores, como em dias de jogos habitualmente se passa com o torcedor comum, frequentador da arena nestes novos tempos.

Em dias de jogos, qualquer ação dos organizados que possa prejudicar a equipe, costuma ser interpretada por torcedores comuns como um gesto de burrice e costuma ser em parte apoiado pelos comuns, e em partes contestados. Para estes torcedores, as organizadas se

sentem donas do espaço e do Corinthians e se impõem por meio da violência e da hostilidade dentro dos estádios. No entanto, a realidade é que o conflito mais diretamente percebido nas fronteiras entre torcedores comuns e organizados se manifesta também entre os próprios torcedores comuns.

Uma série de situações tem sido relatadas em filmagens amadoras, em que tais conflitos parecem apresentar os limites e as contradições deste processo de mudanças. Relato dois casos, porque eles foram parte de uma das conversas que tive com Jerry, ainda na quadra dos Gaviões da Fiel. A primeira situação se passou no setor oeste da arena, cujos ingressos são vendidos a um público mais elitizado.

O jogo começou e um grupo de torcedores recusava-se a se sentar em seus assentos, porque pretendiam assistir a partida como nos antigos estádios, nos setores das arquibancadas, em pé. Alguns torcedores, considerados pelos organizados como "torcedores de numerada", já que desde o Pacaembu assistem sentados ao jogo, convocaram as autoridades policiais para retirarem os torcedores que estavam em pé daquele espaço, a acusação de "conduta inapropriada", baseado[24] nas regras de uso da arena, a que os torcedores se submetem quando adquirem os ingressos.

O segundo episódio havia se passado algumas semanas antes[25], em partida realizada em Itaquera, contra a Universidad de Chile, pela Copa Sulamericana. Um conflito instaurado entre a Polícia Militar e os torcedores chilenos no setor destinado aos visitantes, culminou numa guerra de assentos atirados na direção dos torcedores corintianos que provocavam os chilenos e apoiavam aos gritos a ação da Polícia Militar. Para Jerry, ambos os episódios simbolizavam as mudanças de perfis entre os antigos torcedores comuns, frequentadores do Pacaembu e os novos da Arena. Para ele, no Pacaembu "o povão vinha junto com a gente, apoiava, cantava", agora, na Arena, "essa torcida mais elitizada, tinha essas atitudes de caguetar corinthiano e de aplaudir a polícia".

Para ele, embora não fosse unanimidade entre os Gaviões, era hora de "romper com o povão", ou ao menos "com esses caras aí que nem povão são". O que tais eventos parecem revelar é que a mudança de perfil do torcedor coloca em cheque a hegemonia das arquibancadas, embora uma forma substituta não tenha dado sinais de surgir em substituição às formas organizadas de torcer instituídas pelas torcidas organizadas do clube ao longo das

---

[24] https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2017/04/26/torcedor-e-retirado-da-arena-corinthians-por-assistir-ao-classico-em-pe.htm. Último acesso em: 02/07/2017

[25] https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/confusao-em-corinthians-x-universidad-de-chile-deixa-26-torcedores-presos-e-7-feridos.ghtml. Último acesso em: 28/01/2018

décadas. Processo, que para Jerry, se acirra justamente no melhor período desportivo do clube, "desde que o Andrés assumiu, os caras fizeram isso aí", em referência a imposição dos interesses mercadológicos que os limita e os impede, personificados nas ações do grupo capitaneado pelo dirigente e deputado federal Andrés Sanchez.

Sobre o novo estádio, ainda diria, "lógico que a gente queria um estádio, mas não esse aí cheio de mármore, o Peñarol não construiu um novo estádio no Uruguai com cinquenta milhões? Porque não podia ter feito o mesmo, tudo de cimentão, cobrando uns ingressos mais em conta com a nossa torcida". Na verdade, o estádio uruguaio foi construído com o valor total de pouco mais de quarenta milhões de dólares e com recursos próprios[26], o que corresponde a treze por cento do valor das obras da Arena Corinthians. Ao referir-se a "nossa torcida", Jerry deixava de lado o fato de que as pesquisas apontam que a torcida corinthiana lidera as preferências no estado de São Paulo, em todos os segmentos sociais, inclusive nos grupos mais abastados. Por nossa torcida, no entanto, Jerry referia-se muito mais ao imaginário do corintiano subalterno, traduzido no termo *povão*.

Está em cheque, neste intricado e complexo processo, o *corintianismo*, conjunto de repertório simbólico e imaterial, que alimentou por décadas o sistema do clubismo alvinegro. É irônico, de fato, que ao adentrar a um estádio altamente tecnológico, em que seus espaços muito mais se parecem a um centro de compras como os *shoppings centers,* que a um espaço destinado a subalternidade, ouve-se dos alto-falantes uma saudação de boas vindas à "Casa do Povo, a Arena Corinthians".

Não quero com isso dizer que aos subalternos devem-se destinar construções precárias e arquiteturas rústicas. Pretendo sim apontar para o fato que entre o slogan " a casa do povo" e a prática, há um abismo intransponível. Trata-se muito mais de uma jogada de marketing, do que propriamente uma benevolência do clube aos torcedores populares. Na prática, como afirmado e reafirmado, as estruturas dos estádios convertidos em arena, os limita ou os constrange, enfraquecendo sua influência e, quiçá, tentando se utilizar de suas formas para vender o espetáculo. Por outro lado, esta é a fissura na qual os torcedores procuram intervir visando a sua sobrevivência no espaço do futebol e conferindo-lhes por meio de suas formas de manifestação visibilidade e reconhecimento social.

Um dos efeitos dessa fissura atinge o coração do corintianismo, afinal, quem é o povo evocado nos discursos oficiais do clube? Como sustentar o repertório simbólico-identitário da paixão corinthiana sem reconhecer o papel do Gavião que bate as asas com o escudo do clube

[26] http://www.espn.com.br/noticia/588301_sem-luxo-mas-com-recursos-proprios-pe-arol-fez-estadio-que-custou-13-da-arena-corinthians

levado entre as garras, o gavião agarrado ao clube? Em termos linguísticos, o que temos é uma disputa pelos sentidos do corintianismo. Estes, os torcedores organizados, se configuram como elementos dos tempos do amadorismo no futebol, em tempos de profissionalização total e implacável de suas estruturas.

Por fim, cabe apontar, que este universo cultural, defendido pelos torcedores, é fruto de uma cultura de sobrevivência, construída ao longo de décadas, por parcelas subalternas da sociedade brasileira. Estes sujeitos, que de outra forma seriam invisibilizados pela dinâmica oficial da globalização, tem no futebol o principal componente de suas sociabilidades. Ao serem excluídos do processo, impede-se a ocupação dos espaços do futebol por aqueles que ao longo do século XX contribuíram para a construção de seus sentidos na sociedade brasileira.

Cabe destacar, por outro lado, que a resistência dos torcedores organizados é relativamente bem sucedida, já que de fato, embora cerceados e atingidos por inúmeras instituições de poder ao mesmo tempo, ainda acessam às arquibancadas, sendo capazes, justamente por serem uma organização política de disputarem os sentidos com o núcleo hegemônico do poder. Outra parcela, mais espontânea e também popular, no entanto, tem sido de fato expulsa deste espaço: os folclóricos torcedores populares que antes habitavam o espaço das gerais dos estádios, reproduzindo por meio de performances visuais uma forma anárquica e carnavalizada de torcer.

No lugar dos geraldinos, emerge um novo modelo de torcedor, muito mais condizente com o discurso do futebol em sua forma de espetáculo e pretensamente moderna. A este torcedor interessa ser visto não como elemento de adesão apaixonado ou como coagente do espetáculo, mas dentro de uma estrutura meramente estética, em que interessam, como afirma Damo (2018)[27], a curtição. A curtição se expressaria na forma de adesão despreocupada, muito mais preocupada com o reconhecimento do sistema de valores das redes sociais, do que propriamente como elemento para quem os efeitos do jogo importam. Interessados em curtir e serem curtidos virtualmente, estes torcedores preferem alimentar seus perfis nas redes sociais a tomar parte nos eventos das partidas.

Para retomar Spivak, o subalterno fala, no entanto nem sempre é reconhecido em seus próprios termos. Procurei enfatizar a maneira como os torcedores organizados produzem enunciados, em espaços forjados por eles, a partir das brechas deixadas pelas estruturas de

[27] http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/arenizacao-selfies-e-curticao/ (Último acesso em: 30/03/2018)

poder onde atuam. Utilizam-se de um repertório próprio de formas, multissemiótico, híbrido e em constante movimento.

Por fim cabe apontar a possibilidade de que esta pesquisa abra outros horizontes para se pensar os grupos organizados de torcedores. Ao pensar uma Linguística Aplicada que se apresente aos complexos problemas da contemporaneidade, procurei apresentar um panorama linguístico e cultural de um destes grupos. Trata-se de uma tentativa de se produzir um compromisso entre a academia e as esferas da realidade brasileira. Durante esta pesquisa, apontei as ideias de Murad (2016), para quem a violência no futebol deva ser combatida com medidas de curto, média e longo prazo.

Em curto prazo, medidas praticadas pelas autoridades, como autuar ou prender, quando possível a identificação, torcedores que praticam infrações ao código penal ou ao Estatuto do Torcedor. Em médio prazo, as medidas estariam ligadas a esfera do aprofundamento das investigações judiciais punindo individualmente os sujeitos e não necessariamente as organizações de torcedores. Em longo prazo, medidas de educação e prevenção de atos de violência praticados pelos membros dos grupos ou demais torcedores.

Murad, como grande parte dos pesquisadores de torcidas organizadas, reconhece o fenômeno da violência no futebol como parte de um problema mais geral na sociedade brasileira. Desta maneira, o que nos interessa nesta pesquisa é apresentar possíveis caminhos, que a experiência com este grupo em específico me produziu, e que poderá, talvez, reverberar em novas teorizações e práticas sobre tais grupos. Se há um potencial violento e uma violência produzida realmente pelos torcedores, é preciso reconhecer que ela não é disseminada como o centro de suas experiências, como muitas vezes se afirma à distância.

É comum, nas conversas e interações, o encontro com torcedores organizados que dizem ter construído seus sistemas subjetivos de valores a partir da frequência com o grupo, sobretudo com a sede. Há um potencial pedagógico, explorado parcialmente pelos torcedores, mas que ainda não foi pensado ou sistematizado. Costuma-se afirmar em contextos subalternos que “a rua é a escola da vida”, “a quebrada é a escola da vida”, substitua-se o sujeito destas orações por “o Gaviões é uma escola da vida e de vida” e tem-se alguns dos sentidos mais importantes para estes torcedores: trata-se de um espaço de aprendizagem de valores, símbolos, rituais e repertórios, bem como espaço de produção criativa de múltiplas semioses interconectadas.

Se quiserem se manter vivos, dentro de uma estrutura de futebol que tende a eliminá-los economicamente do jogo, os torcedores organizados, e os Gaviões da Fiel por sua visibilidade, precisam mobilizar de maneira mais direta esse potencial educativo. A linguística

aplicada, por sua vez, pode contribuir com este processo de maneira mais efetiva, já que se trata de uma disciplina em constante interface com formas de educação não tradicionais. Espero com esta pesquisa, a partir de uma compreensão geral das formas de representação dos torcedores, dar um primeiro passo no sentido de encontrar caminhos para auxiliar na preservação destas formas de torcer, e de parte fundamental, do patrimônio imaterial do futebol brasileiro, qual seja a cultura de arquibancada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALFONSIN, D.; CAMPOS, F. Futebol objeto das Ciências Humanas. São Paulo: Leya, 2014

ALVITO, M. A parte que te cabe neste latifúndio: o futebol brasileiro e a globalização. Análise social, v. 52, n. 179, 2006. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/pdf/aso/n179/n179a07.pdf. Último acesso: 22/11/2017.

AUSTIN, J. L. Quando dizer é fazer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAHKTIN, M. Estética da Criação Verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAHKTIN, M. Marxismo e filosofia da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2004.

BAHKTIN. M. A cultura popular na idade média e no renascimento. São Paulo: Hucitec, 1987.

BOCCHI, G. M. M. Do estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians. Dissertação de Mestrado defendida no Departamento de Antropologia, FFLCH, USP, São Paulo, 2016.

BUCHOLTZ, M.; HALL, K. Identity and Interaction: a Socialcultural Linguistic Approach. Discourse Studies, 7 (4-5, 5): 2005, p. 585. 614, 2005.

BUFFORD, B. Entre os vândalos. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

BUTLER, J. Lenguaje, poder y identidad. Madri: Sintesis, 1997.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Inscrição e circulação: novas visibilidades e configurações do espaço público em São Paulo. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo , n. 94, p. 31-67, Nov. 2012 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002012000300002&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em: 11/07/2018.

CANALE, V. S. Torcidas Organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normas do torcer. Dissertação. Campinas, 2004. 120p.

DAMO, A.S. O espetáculo das identidades e alteridades in Futebol objeto das ciências humanas. São Paulo: Leya, 2014.

FABRÍCIO, B. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso in Por uma Linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Editora Loyola, 2005.

_____ (1987). Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes.

GEFUT. Levantamento da produção acadêmica sobre futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980-2007 in http://www.ludopedio.com.br/biblioteca/levantamento-da-producao-sobre-o-futebol-nas-ciencias-humanas-e-sociais-de-1980-a-2007/ . Último acesso em: 03/11/2017

GASTALDO, E. O país do futebol mediatizado. Sociologias (Porto Alegre, 2009), Porto Alegre, v. 11, n. 22, p. 352-369. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/soc/n22/n22a13. Último acesso em: 05/04/2018.

GUTERMAN, M. O futebol explica o Brasil. São Paulo: Contexto, 2014.

HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. Cção, mídia e consumo são paulo ano ... -37 .

HOLLANDA, B. B. & LABRIOLA, P. Os Gaviões da Fiel: Ensaios e etnografia de uma torcida organizada de futebol. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2015.

HOLLANDA, B. O clube como vontade e representação. PUC-RJ, Doutorado, 2007.

KUSCHNIR, K. Bakhtin, Ginzburg e a Cultura Popular. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 3, n. 3, p. 76-88, mar. 1993. ISSN 2316-9133. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50590>. Último acesso em: 11/10/2017

LOPES, A. C.. Funk-se quem quiser no batidão negro da cidade carioca. Tese de doutorado defendido no Instituto de Estudos da Linguagem – Unicamp. Campinas, 2010.

LOPES&PRIOLI. Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanças com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa. Revista Espaço Acadêmico, 104, Ano IX, Janeiro, 2010.

MAGNANI, J.G.C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 17, n.49, 2002. Disponível em: http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/de_perto_de_dentro.pdf . Último acesso em: 01/02/2018

MAGNANI, J.G.C.. Rua, suporte e símbolo da experiência urbana. Disponível em: http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html. Último acesso em 10/07/2018

MOITA LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado in Por uma Linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____ Identidades fragmentadas. Rio de Janeiro: Mercado das Letras, 2002.

_____ Linguística aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa in Por uma Linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MURAD, M. A violência no futebol: novas pesquisas, novas ideias, novas propostas. São Paulo: Envirá, 2017.

PABLO, T. A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo. Tese de Doutorado defendida no Departamento de Sociologia, da FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva in Por uma Linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PEREIRA. L. Footballmania: Uma história do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, C. A. M. Violência entre torcidas organizadas de Futebol. Revista São Paulo em perspectiva. v. 1, n2, 2000. p122-128.

RAJAGOPALAN, K. Repensar o papel da Linguística Aplicada. in Por uma Linguística aplicada indisciplinar. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SANTOS, A.D.G.. A consolidação de um monopólio de decisões: a Rede Globo e a transmissão do Campeonato Brasileiro de Futebol. Dissertação defendida na Unisinos, Porto Alegre, 2013.

SILVA, T. T. Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

SPIVAK, G. C. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte, UFMG, 2010.

SONTAG, S. Diante da dor dos outros. Trad. R. Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

TOLEDO, L. H.. Por Que Xingam os Torcedores de Futebol?. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 3, n. 3, p. 20-29, mar. 1993. ISSN 2316-9133. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50573>. Último acesso em: 09/07/2018.

TOLEDO, L. H.. Por Que Xingam os Torcedores de Futebol?. Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 3, n. 3, p. 20-29, mar. 1993. ISSN 2316-9133. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50573>. Último acesso em: 09/07/2018.

TOLEDO, L. H. Quase lá: a copa do mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora. Horiz. antropol. [online]. 2013, vol.19, n.40, pp.149-184. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832013000200006. Último acesso em: 10/07/2018.

WISNIK, J. M. Veneno Remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.